

Bertolt Brecht (1898-1956)

<i>A árvore em fogo</i>	4
<i>A Cruz de Giz</i>	5
<i>A Exceção e a Regra</i>	6
<i>A experiência</i>	7
<i>A infanticida Marie Farrar</i>	15
<i>A lenda da prostituta Evelyn Roe</i>	18
<i>A máscara do Mal</i>	21
<i>A minha Mãe</i>	22
<i>A privada</i>	23
<i>A queima dos livros</i>	24
<i>A troca do pneu</i>	25
<i>A velha senhora indigna</i>	26
<i>Acredite apenas</i>	30
<i>Alemanha, loura e pálida</i>	31
<i>Aos que hesitam</i>	32
<i>Aos que vierem depois de nós</i>	33
<i>Aos que virão depois de nós</i>	36
<i>Appfelböck ou O lírio no Campo</i>	38
<i>Aula de amor</i>	40
<i>Balanço dos barcos</i>	41
<i>Caçado com boa razão</i>	42
<i>Canção de amor de um tempo difícil</i>	44
<i>Canção do pintor Hitler</i>	45
<i>Canção vespertina do Senhor</i>	46
<i>Canto de uma amada</i>	47
<i>César e o seu legionário</i>	48
<i>Com cuidado examino</i>	60
<i>Como bem sei</i>	61
<i>Da amabilidade do mundo</i>	62
<i>Da complacência da natureza</i>	63
<i>Da sedução dos Anjos</i>	64
<i>De que serve a Bondade</i>	65
<i>Desmedido eu que vivo com medida</i>	66
<i>Dificuldade de Governar</i>	67
<i>Do prazer dos homens casados</i>	69
<i>Do rio que tudo arrasta</i>	70
<i>Elogio da Dialéctica</i>	71
<i>Elogio da Dialética</i>	72
<i>Elogio do Revolucionário</i>	73
<i>Epístola sobre o suicídio</i>	74
<i>Epitáfio para Gorki</i>	75
<i>Essa confusão babilónica</i>	76

<i>Esse Desemprego!</i>	78
<i>Eu sempre pensei</i>	79
<i>Expulso por bom motivo</i>	80
<i>Há homens que lutam um dia</i>	81
<i>Hino a Deus</i>	82
<i>Jamais te amei tanto</i>	83
<i>Lendo Horácio</i>	84
<i>Lista de preferências</i>	85
<i>Maria seja louvada</i>	86
<i>Maria</i>	87
<i>Na Guerra muitas coisas crescerão</i>	88
<i>Na morte de um combatente da Paz</i>	89
<i>Nada é impossível de mudar</i>	90
<i>Não deveríamos mostrar-nos tão críticos</i>	91
<i>Não digo nada contra Alexandre</i>	92
<i>Não necessito de pedra tumular</i>	93
<i>Não se deve ser crítico demais</i>	94
<i>No Muro estava escrito com giz</i>	95
<i>No segundo ano da minha fuga</i>	96
<i>Nós vos pedimos com insistência</i>	97
<i>O analfabeto político</i>	98
<i>O balanço</i>	99
<i>O Casamento do Pequeno Burguês</i>	100
<i>O comunista teatral</i>	122
<i>Ó Falladah, aí estás pendurado!</i>	123
<i>O horror de ser pobre</i>	124
<i>O mendigo ou o cachorro morto</i>	125
<i>O nascido depois</i>	130
<i>O nó Górdio</i>	131
<i>O pior analfabeto</i>	133
<i>O Soldado de la Ciotat</i>	134
<i>O vosso tanque General, é um carro forte</i>	136
<i>Os dias da Comuna</i>	137
<i>Os dois filhos</i>	139
<i>Os Esperançosos</i>	141
<i>Os maus e os bons</i>	142
<i>Para ler de manhã e à noite</i>	143
<i>Perguntas de um operário que lê</i>	144
<i>Perseguido por boas razões</i>	145
<i>Precisamos de você</i>	147
<i>Primeiro levaram os negros</i>	148
<i>Qualquer pano, quando está sujo</i>	149
<i>Quem faz a História</i>	150
<i>Quem não sabe de ajuda</i>	151

<i>Quem se defende.....</i>	<i>152</i>
<i>Reflectindo sobre o Inferno</i>	<i>153</i>
<i>Sobre a mudança da humanidade</i>	<i>154</i>
<i>Sobre a Violência</i>	<i>155</i>
<i>Sobre vitalidade.....</i>	<i>156</i>
<i>Sócrates ferido.....</i>	<i>158</i>
<i>Soube.....</i>	<i>171</i>
<i>Também o céu.....</i>	<i>172</i>
<i>Tempos sombrios</i>	<i>173</i>
<i>Toma o teu lugar na mesa</i>	<i>174</i>
<i>Trezentos culos assassinados</i>	<i>175</i>
<i>Um homem pessimista.....</i>	<i>176</i>
<i>Visão no branco</i>	<i>177</i>
<i>Vou-lhes dizer</i>	<i>178</i>

A árvore em fogo

Na tênue névoa vermelha da noite
Víamos as chamas, rubras, oblíquas
Batendo em ondas contra o céu escuro.
No campo em morna quietude
Crepitando
Queimava uma árvore.

Para cima estendiam-se os ramos, de medo estarecidos
Negros, rodeados de centelhas
De chuva vermelha.
Através da névoa rebentava o fogo.
Apavorantes dançavam as folhas secas
Selvagens, jubilantes, para cair como cinzas
Zombando, em volta do velho tronco.

Mas tranqüila, iluminando forte a noite
Como um gigante cansado à beira da morte
Nobre, porém, em sua miséria
Erguia-se a árvore em fogo.

E subitamente estira os ramos negros, rijos
A chama púrpura a percorre inteira
Por um instante fica erguida contra o céu escuro

E então, rodeada de centelhas
Desaba.

Tradução de *Paulo César de Souza*

A Cruz de Giz

Eu sou uma criada. Eu tive um romance
Com um homem que era da SA.
Um dia, antes de ir
Ele me mostrou, sorrindo, como fazem
Para pegar os insatisfeitos.
Com um giz tirado do bolso do casaco
Ele fez uma pequena cruz na palma da mão.
Ele contou que assim, e vestido à paisana
anda pelas repartições do trabalho
Onde os empregados fazem fila e xingam
E xinga junto com eles, e fazendo isso
Em sinal de aprovação e solidariedade
Dá um tapinha nas costas do homem que xinga
E este, marcado com a cruz branca
é apanhado pela SA. Nós rimos com isso.
Andei com ele um ano, então descobri
Que ele havia retirado dinheiro
Da minha caderneta de poupança.
Havia dito que a guardaria para mim
Pois os tempos eram incertos.
Quando lhe tomei satisfações, ele jurou
Que suas intenções eram honestas. Dizendo isso
Pôs a mão em meu ombro para me acalmar.
Eu corri, aterrorizada. Em casa
Olhei minhas costas no espelho, para ver
Se não havia uma cruz branca.

A Exceção e a Regra

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o quotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso
Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.

A experiência

A carreira pública do grande Francis Bacon terminou como uma justa parábola do falso provérbio “O crime não compensa”. Sendo ele lorde-chanceler do Reino, deixou-se tentar pela corrupção e foi parar à cadeia. Os anos do seu magistério contam-se, com todas as execuções, concessões de monopólios ilícitos, detenções ilegais e casos de sentenças viciadas, entre os mais sombrios e infames da História de Inglaterra. Depois de ter sido desmascarado e de ter confessado, a sua fama de humanista e de filósofo fez com que os seus crimes se tornassem conhecidos muito para além. Das fronteiras do Reino.

Era um velho quando lhe permitiram sair da prisão e voltar para a sua quinta. Tinha o corpo debilitado pelos esforços que lhe tinha custado levar várias pessoas à queda e pelos sofrimentos que os outros por sua vez lhe infligiram quando o levaram à sua própria queda. Mas, mal chegou a casa, lançou-se no mais intensivo estudo das ciências da natureza. Fora mal sucedido ao querer dominar os homens. Por isso consagrava agora as forças que lhe restavam à investigação sobre a melhor maneira de a humanidade dominar as forças da natureza.

As suas investigações, voltadas para coisas úteis, faziam-no constantemente sair do gabinete de estudo para ir para os campos, para os jardins e para as estrebarias da propriedade. Conversava horas a fio com os jardineiros sobre as possibilidades de enxertar as árvores de fruto, ou dava indicações às criadas sobre a maneira de medirem a quantidade de leite de cada vaca. Chamou-lhe então a atenção um moço de estrebaria. Um cavalo de raça tinha adoecido e o rapaz dava informações ao filósofo duas vezes por dia. O seu zelo e os seus dons de observação encantaram o velho.

Mas, quando ele uma tarde entrou no estábulo, viu uma velha de pé junto do rapaz que lhe dizia: “Ele é um homem mau, toma cuidado com ele. E se bem que ainda seja um grande senhor e tenha dinheiro como milho, nem por isso deixa de ser mau. É ele quem te dá o pão, por isso trata de fazeres bem o teu trabalho, mas nunca te esqueças de que ele é mau.”

O filósofo já não ouviu a resposta do rapaz, porque deu rapidamente meia volta e regressou a casa; na manhã seguinte, porém, viu que o rapaz em nada alterara o seu comportamento para com ele.

Quando o cavalo melhorou, ele fez-se acompanhar do rapaz em muitas das suas saídas e confiou-lhe pequenas tarefas. A pouco e pouco habituou-se a falar com ele sobre algumas das suas experiências. Mas não escolhia as palavras que os adultos geralmente acham que se coadunam com o entendimento das crianças, antes falava com ele como se ele fosse uma pessoa instruída. Convivera durante a sua vida com as grandes sumidades, que poucas vezes o tinham compreendido, não por ele ser confuso, mas, pelo contrário, por ser claro de mais. Não se

preocupava, portanto, com as dificuldades do rapaz; no entanto, emendava-o pacientemente, quando ele, por sua vez, tentava usar palavras estranhas.

A tarefa principal do rapaz consistia em ter de descrever as coisas que via e os processos que presenciava. O filósofo mostrava-lhe a grande quantidade de palavras que existia e quantas eram de facto necessárias para se poder descrever a reacção de uma coisa por forma a que ela pudesse ser identificada a meio da descrição, e, sobretudo, para que, depois da descrição, pudesse ser manipulada. Também havia algumas palavras que era preferível não usar, pois no fundo nada diziam, palavras como “bom”, “mau”, “bonito”, etc.

O rapaz não tardou a perceber que não fazia sentido chamar “feito” a um escaravelho. Até “rápido” não bastava; tinha de se ver a que velocidade é que ele se deslocava, em comparação com outras criaturas do seu tamanho, e ver o que é que isso lhe possibilitava. Tinha de se pôr o animal numa superfície inclinada e lisa e provocar ruídos para ele fugir, ou então arranjar-lhe pequenas presas sobre as quais ele se precipitasse. Quando nos ocupávamos com ele o tempo suficiente, ele perdia “rapidamente” a sua fealdade. Uma vez, o rapaz tinha de descrever um pedaço de pão, que segurava na mão, quando o filósofo veio ao seu encontro.

— Neste caso podes empregar à vontade a palavra “bom” — disse o velho —, porque o pão foi feito para a alimentação dos homens e pode ser bom ou mau para eles. Só em relação a objectos maiores, que a natureza criou e que não podem sem mais nada ser usados para determinados fins, e, que sobretudo se não destinam ao uso exclusivo dos homens, é que é disparate contentarmo-nos com semelhantes palavras.

O jovem pensava nas frases da avó sobre o milorde.

Fez rápidos progressos na compreensão, já que tudo o que havia a compreender se prendia sempre com o concreto: o cavalo curara-se graças aos meios que tinham sido usados, ou determinada árvore morrera devido ao remédio utilizado. Compreendeu também que devia ficar-se sempre com uma dúvida prudente sobre se as modificações que se observaram se ficavam efectivamente a dever aos métodos usados. O rapaz mal compreendia o significado científico do modo de pensar de Bacon, mas a manifesta utilidade de todas estas empresas entusiasmava-o.

Entendia assim o filósofo: Tinha chegado uma nova era para o mundo. A humanidade multiplicava o seu saber diariamente. E todo o saber significava melhoria do bem-estar e da felicidade terrena. A direcção cabia à ciência. A ciência investigava o universo, tudo o que existia sobre a terra: plantas, animais, solo, água, ar, para que de tudo se pudesse extrair um maior proveito. Não era aquilo em que se acreditava que era importante, mas o que se sabia. Acreditava-se em demasiadas coisas e sabia-se de menos. Eis porque se tinha de experimentar tudo, com as próprias mãos, e só se devia falar do que se via com os próprios olhos e podia ter uma utilidade qualquer.

Era essa a nova doutrina, que tinha cada vez mais seguidores entusiasmados e prontos a lançarem-se nos novos trabalhos.

Os livros tinham nisso um papel importante, embora muitos também fossem maus. O rapaz não duvidava de que tinha de se agarrar aos livros se queria pertencer ao número daqueles que se ocupavam das novas tarefas.

É claro que ele nunca entrou na biblioteca da casa. Tinha de esperar o milorde em frente dos estábulos. O mais que pôde fazer foi encontrar-se uma vez com ele no parque, quando o velho não aparecera durante uns dias. No entanto, a curiosidade que sentia pelo gabinete de estudo, no qual durante toda a noite ficava acesa uma lâmpada, era cada vez maior. De uma sebe que ficava em frente do quarto, podia lançar um olhar às estantes com livros.

Resolveu aprender a ler.

O que não foi fácil. O vigário, a quem ele foi comunicar esse seu desejo, olhou-o como quem avista uma aranha em cima da mesa do pequeno-almoço.

— Queres pregar às vacas o Evangelho do Senhor? — perguntou de mau humor.

E o rapaz bem pôde dar-se por feliz por ter sido despedido sem levar uma bofetada.

Teve assim de escolher outro caminho.

Havia na sacristia da igreja da aldeia um missal. Podia-se lá chegar, se a pessoa se oferecesse para tocar o sino. Se se pudesse saber qual era a passagem que o cura ia cantar na missa, devia ser possível descobrir uma relação entre as palavras e os caracteres. De qualquer modo, o rapaz começou a aprender de cor as palavras latinas que o cura cantava na missa, pelo menos algumas delas. O cura, no entanto, pronunciava as palavras de uma maneira invulgarmente ininteligível, e muitas vezes nem lia a missa.

Fosse como fosse, o rapaz já conseguia, ao fim de algum tempo, acompanhar algumas entradas do cura. O estribeiro surpreendeu-o uma vez a fazer esses exercícios atrás do celeiro e bateu-lhe, pois pensou que o rapaz estava a fazer troça do cura. E foi assim que ele acabou por apanhar um par de bofetadas.

O rapaz ainda não conseguira localizar no missal os sítios em que apareciam as palavras que o cura cantava, quando aconteceu uma grande desgraça que quase pôs termo aos seus esforços para aprender a ler. O milorde caiu de cama para não mais se levantar.

Durante todo o Outono tinha andado adoentado e não estava ainda completamente restabelecido quando, no Inverno seguinte, num carro aberto, fez uma viagem de algumas milhas até uma propriedade distante. O rapaz acompanhava-o. Seguia atrás nos varais, ao lado do cocheiro.

Terminada a visita, quando o velho se encaminhava com dificuldade, acompanhado pelo dono da casa, para o carro, eis que viu um pardal enregelado no caminho. Parou e, com a bengala, revirou-o.

— Há quanto tempo é que acha que ele está aqui? — ouviu-o o rapaz, que vinha com uma botija de água quente atrás deles, perguntar ao dono da casa.

A resposta foi:

— Há uma hora ou uma semana, ou mais.

O velhinho seguiu caminho pensativo e despediu-se do dono da casa com um aceno distraído.

— A carne ainda está muito fresca, Dick — disse ele, virando-se para o rapaz, quando o carro se pôs em marcha.

Andaram um bocado a grande velocidade, pois a noite caía já sobre os campos cobertos de neve e o frio aumentava a olhos vistos. Aconteceu então que, ao fazerem a curva para entrar no portão da quinta, atropelaram uma galinha que pelos vistos tinha fugido da capoeira. O velho seguiu os esforços do cocheiro para se desviar da galinha que esvoaçava espavorida e fez sinal para parar, depois da manobra ter falhado.

Libertando-se das mantas e das peles, desceu do carro e, apoiado ao braço do rapaz, foi, apesar dos avisos do cocheiro contra o frio, até ao sítio onde jazia a galinha.

Estava morta.

O velho mandou o rapaz pegar nela.

— Tira-lhe as entranhas — ordenou.

— Não se pode fazer isso na cozinha? — perguntou o cocheiro ao amo, ao vê-lo tão frágil naquele vento gelado.

— Não, é melhor aqui — disse este. — Dick tem com certeza uma faca, e precisamos da neve.

O rapaz fez o que lhe mandavam, e o velho, que aparentemente tinha esquecido a doença e o frio, curvou-se e pegou a custo num punhado de neve que meteu cuidadosamente no interior da galinha.

O rapaz percebeu. Também ele apanhou neve e entregou-a ao professor, para que a galinha ficasse inteiramente recheada.

— Ela deve conservar-se fresca durante semanas — disse o velho com vivacidade. — Ponham-na na cave, em cima de uma laje fria!

Percorreu a pé a curta distancia que o separava da porta, um tanto extenuado e apoiando-se em peso contra o rapaz, que levava a galinha recheada de neve debaixo do braço.

Quando entrou no vestíbulo teve um arrepio de frio.

Na manha seguinte tinha febre muito alta.

O rapaz andava em cuidados de um lado para o outro procurando por toda a parte saber notícias do seu professor. Pouco conseguiu apurar — a vida na grande propriedade prosseguia imperturbável. Só no terceiro dia é que houve uma mudança. Foi chamado ao gabinete de trabalho.

O velho jazia num estreito catre de madeira por baixo de muitas mantas, mas as janelas estavam abertas, pelo que fazia frio.

O doente parecia, porém, arder em febre. Com voz trémula, indagou do estado da galinha cheia de neve.

O rapaz disse que parecia estar na mesma fresca.

Isso é bom — disse o velho, satisfeito. — Dentro de dois dias volta a dar-me notícias!

O rapaz lamentou, ao sair, não ter levado a galinha. O velho parecia menos doente do que se dizia no refeitório dos criados.

Mudava-lhe a neve duas vezes por dia, e a galinha continuava incólume quando ele de novo se encaminhou para o quarto do doente.

Encontrou obstáculos inusitados.

Tinham vindo médicos da cidade. O corredor fervilhava de vozes sussurrantes, que davam ordens, que obedeciam, e viam-se por todo o lado caras estranhas. Um criado, que levava para o quarto do doente uma bacia tapada com uma grande toalha, mandou-o embora com maus modos.

Em vão tentou várias vezes durante a manhã e a tarde entrar no quarto do doente. Os médicos desconhecidos pareciam querer instalar-se no palácio. Surgiam-lhe como gigantescos pássaros negros, que se abatiam sobre um pobre doente indefeso. Ao fim da tarde, ele escondeu-se num gabinete no corredor, onde fazia muito frio. Tremia constantemente de frio, mas achou que isso era favorável, já que, para bem da experiência, a galinha tinha de se conservar absolutamente gelada.

Durante o jantar a maré negra diminuiu um pouco e o rapaz conseguiu introduzir-se no quarto do doente.

O doente estava sozinho — toda a gente tinha ido jantar. Junto da exígua cama havia um candeeiro de leitura com uma pantalha verde. O velho tinha um rosto estranhamente chupado que uma palidez de cera realçava. Tinha os olhos fechados, mas as mãos agitavam-se inquietas sobre a colcha rígida. O quarto estava muito quente — tinham fechado as janelas.

O rapaz deu alguns passos na direcção da cama, com a galinha bem agarrada, e chamou várias vezes em voz baixa: “Milorde.”

Não obteve resposta. Mas o doente não parecia estar a dormir, pois mexia de vez em quando os lábios, como se falasse.

O moço resolveu chamar-lhe a atenção, convencido da importância de novas instruções para o prosseguimento da experiência. Sentiu, no entanto, antes de poder puxar pela colcha — pusera a galinha com a caixa onde a transportava em cima duma cadeira de braços —, que alguém o agarrava por trás e o puxava. Um homem gordo de rosto cinzento olhava-o como se ele fosse um assassino. Conseguiu libertar-se com presença de espírito e, agarrando na caixa de um pulo, saiu com ela porta fora.

No corredor, pareceu-lhe que o vice-mordomo, que vinha a subir as escadas, o tinha visto. Isso era mau. Como é que iria provar que viera cumprindo ordens do milorde com vista à realização de uma experiência importante? O velho estava inteiramente nas mãos dos médicos — assim o mostravam as janelas fechadas do seu quarto de cama.

Viu efectivamente um criado atravessar o pátio na direcção dos estábulos. Resolveu privar-se da ceia e escondeu-se, depois de ter levado a galinha para a cave, no celeiro para forragem.

O inquerito que pendia sobre ele provocou-lhe um sono inquieto. Foi a medo que, na manhã seguinte, saiu do esconderijo.

Ninguém se preocupava com ele. Reinava no pátio uma terrível azáfama. Milorde tinha morrido de madrugada.

O rapaz andou todo o dia como se tivesse recebido uma pancada na cabeça.

Tinha a sensação de não se poder consolar da perda do seu professor. Quando, ao fim da tarde, desceu à cave com uma terrina cheia de neve, a sua preocupação transferiu-se para a experiência que não tinha sido concluída, e derramou lágrimas sobre a caixa. Que seria da grande descoberta?

Ao regressar ao pátio — sentia os pés tão pesados que olhou para as pegadas

na neve para ver se não eram mais fundas do que habitualmente —, certificou-se de que os médicos londrinos ainda não tinham partido. Os coches ainda ali estavam.

Vencendo a sua aversão, resolveu confiar-lhes a descoberta. Eram homens instruídos e deviam reconhecer o alcance da experiência. Foi buscar o pequeno caixote com a galinha e pôs-se atrás do poço, bem escondido, até que por ali passou um dos senhores, baixote, que não infundia um medo excessivo. Adiantando-se, mostrou-lhe a caixa. A princípio, a voz ficou-lhe embargada na garganta, mas depois lá conseguiu exprimir o que pretendia em frases descosidas.

— Milorde encontrou-a morta há seis dias, Excelência. Enchemo-la de neve. Milorde achava que ela podia conservar-se fresca. Veja só! Está perfeitamente fresca.

O baixote olhou admirado para a caixa.

— E que mais? — perguntou.

— Não está estragada — disse o rapaz.

— Ah, sim — disse o homem.

— Veja — insistiu o rapaz.

— Estou a ver — disse o médico, e abanou a cabeça. Afastou-se, meneando a cabeça.

O rapaz ficou a olhar para ele pasmado.

Não era capaz de entender o homem baixo. Acaso o velho não pagara com a vida o facto de ter descido do carro com aquele frio todo para fazer a experiência? Recolhera a neve do chão com as próprias mãos. Isso era um facto irrecusável.

Voltou com passos lentos para a porta da cave, mas parou pouco antes de a alcançar, deu rapidamente meia volta e correu para a cozinha. Foi encontrar o cozinheiro muito atarefado, porque se esperavam convidados das redondezas para o jantar do velório.

— O que queres tu com essa ave? — resmungou zangado o cozinheiro. — Está completamente gelada!

— Não tem importância — disse o rapaz. — Milorde disse que não tinha importância.

O cozinheiro fitou-o por momentos com ar ausente, dirigiu-se depois com andar pesado para a porta com uma grande frigideira na mão, porventura para deitar fora alguma coisa.

O rapaz seguiu-o, solícito, com a caixa.

— Não se pode tentar? — perguntou ele com insistência.

O cozinheiro perdeu a paciência. Agarrou na galinha com as mãos grossas e arremessou-a com ímpeto para o pátio.

— Não tens mais nada em que pensar? — berrou, fora de si. — E com a morte de Sua Senhoria!

Furioso, o rapaz pegou na galinha e afastou-se com ela.

Os dois dias seguintes foram ocupados com as cerimónias fúnebres. Teve de atrelar e desatrelar muitos cavalos e quase dormia de olhos abertos quando, de noite, ainda ia substituir a neve dentro da caixa. Parecia-lhe que não havia qualquer esperança — a nova era chegara ao fim.

Mas ao terceiro dia, no dia do funeral, lavado de fresco e com o seu melhor fato, sentiu que o seu estado de espírito tinha mudado. Estava um belo e ameno tempo de Inverno, e ouviam-se os sinos da aldeia.

Animado por uma nova esperança, foi à cave e inspeccionou demorada e cuidadosamente a galinha morta. Não conseguia descobrir um único sinal de putrefacção. Com todo o cuidado, acondicionou o animal morto dentro da caixa, encheu-a de neve imaculada, pô-la debaixo do braço e pôs-se a caminho da aldeia.

Assobiava contente quando entrou na cozinha baixa da avó. Ela tinha-o criado, pois os pais tinham-lhe morrido muito cedo, e merecia a sua confiança. Sem mostrar logo o conteúdo da caixa, contou à velha, que se estava a aprontar para o funeral, a experiência de milorde.

Ela ouviu-o com paciência.

— Mas isso toda a gente sabe — disse ela então. — As coisas ficam duras com o frio e conservam-se durante algum tempo. O que é que isso tem de especial?

— Eu acho que ainda se pode comer — respondeu o rapaz, esforçando-se por aparentar a maior indiferença.

— Comer uma galinha morta há uma semana? Mas isso é um veneno!

— Porquê? Se não se alterou desde que morreu? E morreu atropelada pelo carro do milorde, por isso estava boa.

— Mas por dentro, por dentro está estragada! — disse a velha, perdendo um pouco a paciência.

— Não acredito — disse o rapaz com firmeza, com os olhos claros fitos na galinha. — Por dentro teve sempre neve. Acho que vou cozê-la.

A velha zangou-se.

— Tu vais é comigo ao funeral — disse ela terminantemente. — Sua Senhoria fez por ti o suficiente, penso eu, para que te sintas na obrigação de acompanhar bem comportado o seu caixão.

O rapaz não respondeu. Enquanto ela punha na cabeça o lenço preto de lã, tirou a galinha da neve, soprou os últimos vestígios de neve que ainda a

salpicavam e colocou-a sobre duas achas de lenha diante do fogão para que descongelasse.

A velha não voltou a dar-lhe atenção. Quando ficou pronta, pegou-lhe na mão e saiu com ele resolutamente porta fora.

Ele acompanhou-a obedientemente um bom bocado. Havia mais gente a caminho o enterro, homens e mulheres. De repente, o rapaz soltou um grito de dor. Tinha enfiado o pé num buraco da neve. Tirou-o com uma careta de dor, dirigiu-se a pé-coxinho para um marco e sentou-se a esfregar o pé.

— Torci o pé — disse ele.

A velha olhou-o desconfiada.

— Podes bem andar — disse ela.

— Não posso — respondeu ele, mal-humorado. — Mas se não acreditas, senta-te ao pé de mim até que eu fique melhor.

A velha sentou-se, sem dizer palavra, junto dele.

Passou-se um quarto de hora. Continuavam a passar habitantes da aldeia, embora em número cada vez menor. E eles de cócoras, obstinadamente, na berma do caminho. A velha disse então com ar sério:

— Ele não te ensinou que pão se deve mentir?

O rapaz não respondeu. A velha levantou-se com um suspiro. O frio era demasiado para ela.

— Se não apareceres dentro de dez minutos — disse ela —, vou dizer ao teu irmão, que te há-de dar um bom par de açoites.

E fez-se de novo ao caminho, estugando o passo para não perder a oração fúnebre.

O rapaz esperou que ela estivesse a uma certa distancia, e levantou-se então lentamente. Voltou para trás, mas olhava muitas vezes por cima do ombro e ainda coxeava um pouco.

Só quando uma sebe o ocultou da velha, é que recomeçou a andar normalmente.

Na cabana, sentou-se junto da galinha, que observou com ansiedade. Ia cozê-la numa panela com água e comer uma asa. Veria então se estava ou não envenenada.

Estava ainda sentado quando ecoaram ao longe três tiros de canhão. Foram disparados em honra de Francis Bacon, barão de Verulam, visconde de Santo Albano, antigo lorde-chanceler de Inglaterra, objecto de escândalo para não poucos dos seus contemporâneos, mas que também soube despertar em muitos o entusiasmo pelas ciências úteis e proveitosas.

In "*Histórias de Almanaque*"

A infanticida Marie Farrar

1

Marie Farrar, nascida em abril, menor
De idade, raquítica, sem sinais, órfã
Até agora sem antecedentes, afirma
Ter matado uma criança, da seguinte maneira:
Diz que, com dois meses de gravidez
Visitou uma mulher num subsolo
E recebeu, para abortar, uma injeção
Que em nada adiantou, embora doesse.
 Os senhores, por favor, não fiquem indignados.
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

2

Ela porém, diz, não deixou de pagar
O combinado, e passou a usar uma cinta
E bebeu álcool, colocou pimenta dentro
Mas só fez vomitar e expelir
Sua barriga aumentava a olhos vistos
E também doía, por exemplo, ao lavar pratos.
E ela mesma, diz, ainda não terminara de crescer.
Rezava à Virgem Maria, a esperança não perdia.
 Os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

3

Mas as rezas foram de pouca ajuda, ao que parece.
Havia pedido muito. Com o corpo já maior
Desmaiava na Missa. Várias vezes suou
Suor frio, ajoelhada diante do altar.
Mas manteve seu estado em segredo
Até a hora do nascimento.
Havia dado certo, pois ninguém acreditava
Que ela, tão pouco atraente, caísse em tentação.
 Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

4

Nesse dia, diz ela, de manhã cedo
Ao lavar a escada, sentiu como se
Lhe arranhassem as entranhas. Estremeceu.
Conseguiu no entanto esconder a dor.
Durante o dia, pendurando a roupa lavada
Quebrou a cabeça pensando: percebeu angustiada
Que iria dar à luz, sentindo então
O coração pesado. Era tarde quando se retirou.
 Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

5

Mas foi chamada ainda uma vez, após se deitar:
Havia caído mais neve, ela teve que limpar.
Isso até a meia-noite. Foi um dia longo.
Somente de madrugada ela foi parir em paz.
E teve, como diz, um filho homem.
Um filho como tantos outros filhos.
Uma mãe como as outras ela não era, porém
E não podemos desprezá-la por isso.
 Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados.
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

6

Vamos deixá-la então acabar
De contar o que aconteceu ao filho
(Diz que nada deseja esconder)
Para que se veja como sou eu, como e você.
Havia acabado de se deitar, diz, quando
Sentiu náuseas. Sozinha
Sem saber o que viria
Com esforço calou seus gritos.
 E os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos precisamos de ajuda, coitados.

7

Com as últimas forças, diz ela
Pois seu quarto estava muito frio
Arrastou-se até o sanitário, e lá (já não
sabe quando) deu à luz sem cerimônia

Lá pelo nascer do sol. Agora, diz ela
Estava inteiramente perturbada, e já com o corpo
Meio enrijecido, mal podia segurar a criança
Porque caía neve naquele sanitário dos serventes.
 Os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

8
Então, entre o quarto e o sanitário diz que
Até então não havia acontecido a criança começou
A chorar, o que a irritou tanto, diz, que
Com ambos os punhos, cegamente, sem parar
Bateu nela até que se calasse, diz ela.
Levou em seguida o corpo da criança
Para sua cama, pelo resto da noite
E de manhã escondeu-o na lavanderia.
 Os senhores, por favor, não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

9
Marie Farrar, nascida em abril
Falecida na prisão de Meissen
Mãe solteira, condenada, pode lhes mostrar
A fragilidade de toda criatura. Vocês
Que dão à luz entre lençóis limpos
E chamam de abençoada sua gravidez
Não amaldiçoem os fracos e rejeitados, pois
Se o seu pecado foi grave, o sofrimento é grande.
 Por isso lhes peço que não fiquem indignados
 Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

Tradução de *Paulo César de Souza*

A lenda da prostituta Evlyn Roe

Quando veio a primavera e o mar ficou azul
A bordo chegou
Com a última canoa
A jovem Evlyn Roe.

Usava um pano sobre o corpo
Que era bonito, bem vistoso.
Não tinha ouro ou ornamento
Exceto o cabelo generoso.

Seu Capitão, leve-me à Terra Santa
Tenho que ver Jesus Cristo.
Venha junto, pois somos tolos, e é uma mulher
Como não temos visto.

Ele recompensará. Sou uma pobre garota.
Minha alma pertence a Jesus.
Então pode nos dar seu corpo!
Pois o seu senhor não pode pagar:
Ele já morreu, dizem que na cruz.

Eles navegaram com sol e vento
E Evlyn Roe amaram.
Ela comia seu pão e bebia seu vinho
E nisso sempre chorava.

Eles dançavam à noite, dançavam de dia
Não cuidavam do timão.
Evlyn Roe era tímida e suave:
Eles eram duros e sem coração.

A primavera se foi. O verão acabou.
Ela à noite corria, os pés em sujas sapatilhas
De um mastro a outro, olhando no breu
procurando praias tranqüilas
A pobre Evlyn Roe.

Ela dançava à noite, dançava de dia.
E ficou quase doente, cansada.
Seu Capitão, quando chegaremos

À Cidade Sagrada?

O capitão estava em seu colo
E sorrindo a beijou:
De quem é a culpa, se nunca chegamos
Só pode ser de Evlyn Roe.

Ela dançava á noite, dançava de dia
Até ficar inteiramente esgotada.
Do capitão ao mais novo grumete
Todos estavam dela saciados.

Usava um vestido de seda
Com uns rasgões e remendos
E na frente desfigurada tinha
Uma mecha de cabelos sebertos.

Nunca Te verei, Jesus
Com esse corpo pecador.
A uma puta qualquer
Não podes dar Teu amor.

De um lado para outro corria
Os pés e o coração lhe começavam a pesar:
Uma noite, já quando ninguém via
Uma noite desceu para o mar.

Isto se deu no fim de janeiro
Ela nadou muito tempo no frio
A temperatura aumenta, os ramos florescem
Somente em março ou abril.

Abandonou-se às ondas escuras
Que a lavaram por dentro e por fora.
Chegará antes à Terra Sagrada
Pois o capitão ainda demora.

Ao chegar ao céu, já na primavera
S. Pedro, na porta, a recusou:
Deus me disse: Não quero aqui
A prostituta Evlyn Roe.

E ao chegar ao inferno

O portão fechado encontrou:
O Diabo gritou: Não quero aqui
A beata Evlyn Roe.

Assim vagou no vento e no espaço
E nunca mais parou
Num fim de tarde eu a vi passar no campo:
Tropeçava muito. Não encontrava descanso
A pobre Evlyn Roe.

Tradução de *Paulo César de Souza*

A máscara do Mal

Na minha parede há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um demônio mau, coberta de esmalte dourado.
Compreensivo observo
As veias dilatadas da fronte, indicando
Como é cansativo ser mal

A minha Mãe

Quando ela acabou, foi colocada na terra
Flores nascem, borboletas esvoejam por cima...
Ela, leve, não fez pressão sobre a terra
Quanta dor foi preciso para que ficasse tão leve!

Tradução de *Paulo César de Souza*

A privada

É um lugar onde nos sentimos bem
Tendo acima as estrelas, abaixo os excrementos
Um lugar simplesmente maravilhoso onde
Mesmo na noite de casamento é possível estar só.
Um lugar de humildade onde você descobre com clareza
Que não passa de um homem que nada pode conservar.
Um lugar de sabedoria onde você pode preparar
A barriga para prazeres novos.

A queima dos livros

Quando o regime ordenou que fossem queimados publicamente
Os livros que continham saber pernicioso, e em toda a parte
Fizeram bois arrastarem carros de livros
Para as pilhas em fogo, um poeta perseguido
Um dos melhores, estudando a lista dos livros queimados
Descobriu, horrorizado, que os seus
Haviam sido esquecidos. A cólera o fez correr
Célere até sua mesa, e escrever uma carta aos donos do poder.
Queimem-me! Escreveu com pena veloz. Queimem-me!
Não me façam uma coisa dessas! Não me deixem de lado! Eu não
Relatei sempre a verdade em meus livros? E agora tratam-me
Como um mentiroso! Eu lhes ordeno:
Queimem-me!

Tradução de: *Paulo César de Sousa*

A troca do pneu

Estou sentado de costas para a vala.
O motorista troca o pneu.
Não amo o país de onde venho
Não amo o país para onde vou.
Por que olho a troca do pneu
Com impaciência?

A velha senhora indigna

A minha avó tinha setenta e dois anos quando o meu avô faleceu. Ele tinha uma pequena oficina de litografia numa vila de Bade e trabalhou nela com dois ou três ajudantes até à morte. A minha avó encarregava-se do governo da casa sem o auxílio de uma criada; cuidava da casa velha e a cair, e cozinhava para os adultos e para as crianças.

Era uma mulher pequenina e magra, com olhos vivos de lagarto, mas um modo de falar pausado. Criara, com recursos muito parcos, cinco filhos — dos sete que tinha dado à luz. Por isso diminuía de tamanho com os anos.

Dos filhos, as duas raparigas foram para a América, e dois dos filhos também partiram. Só o mais novo, de saúde delicada, ficou na vila. Fez-se tipógrafo e arranjou uma família demasiado numerosa.

Ela ficou pois sozinha em casa, quando o meu avô morreu.

Os filhos trocaram cartas sobre o problema de saber qual o destino a dar-lhe. Um podia oferecer-lhe um lar em sua casa, e o tipógrafo queria ir viver para casa dela com a família. A velha, porém, recusou todas as sugestões e apenas queria que cada um dos filhos, que estivesse em condições de o fazer, lhe concedesse um pequeno subsídio em dinheiro. A litografia, há muito desactualizada, quase nada rendeu ao ser vendida, além de que havia dívidas a pagar.

Os filhos escreveram-lhe a dizer que ela não podia viver sozinha, mas como não houve maneira de a convencer, acabaram por ceder e passaram a enviar-lhe algum dinheiro todos os meses. Pelo menos, pensaram, o tipógrafo sempre tinha ficado na vila.

O tipógrafo comprometeu-se também a informar regularmente os irmãos sobre o que se passasse com a mãe. As cartas que ele escreveu ao meu pai e o que este mesmo viu quando uma vez a foi visitar e o que eu soube dois anos mais tarde depois do funeral da minha avó, permitem-me fazer uma idêia do que aconteceu nesses dois anos.

Parece que o tipógrafo ficou desde logo muito frustrado com o facto de a minha avó se recusar a recebê-lo na sua casa enorme e, agora, vazia. Ele vivia, com os quatro filhos, em três quartos. A velha, porém, mantinha com ele uma relação muito tênue. Convidava as crianças todas as tardes de domingo para lá irem tomar café, e era tudo.

Visitava o filho uma ou duas vezes por trimestre, e ajudava a nora a fazer compota. A mulher percebeu, por alguns dos comentários da velha, que ela se sentia demasiado apertada na casinha do tipógrafo. Este, ao relatar o facto, não resistia a rematar a frase com um ponto de exclamação.

A uma pergunta escrita do meu pai sobre o que é que a velhota agora fazia, ele respondeu secamente que ela ia ao cinema.

Tem de se compreender que isso nada tinha de vulgar, pelo menos aos olhos dos filhos. Há trinta anos o cinema não era o que é hoje. Tratava-se de locais miseráveis, mal arejados, muitas vezes velhas salas de jogo com anúncios gritantes, à entrada, de assassínios e de dramas passionais. De facto, só adolescentes é que lá iam, ou então parzinhos de namorados, por causa da escuridão. Uma senhora de idade, sozinha, devia certamente dar nas vistas.

E havia ainda que considerar um outro aspecto destas idas ao cinema. A entrada era por certo barata, mas como aquele divertimento era mais ou menos considerado como uma frivolidade, significava “dinheiro deitado à rua”. E não era de bom-tom deitar dinheiro à rua.

A isto acrescia que a minha avó além de não manter contactos regulares com o filho que vivia na vila, também não visitava nem convidava para sua casa nenhum dos seus conhecidos. Não freqüentava nenhuma casa de chá da cidadezinha. Em compensação, ia muitas vezes à oficina de um sapateiro remendão situada numa ruela pobre e até mal afamada, onde, em especial durante a tarde, se reunia gente pouco respeitável, desde criadas a aprendizes sem emprego. O sapateiro era um homem de meia-idade, que viajara pelo mundo inteiro, sem que isso lhe tivesse adiantado alguma coisa. Também diziam que ele bebia. Estava longe de ser uma boa companhia para a minha avó.

O tipógrafo referiu numa das suas cartas que chamara a atenção da mãe para esse facto, e que esta lhe respondera com grande frieza. “Ele viu umas coisas”, fora a resposta dela, e a conversa ficara por ali. Não era fácil falar com a minha avó sobre assuntos que ela não queria discutir.

Decorrido cerca de meio ano sobre a morte do meu avô, o tipógrafo escreveu ao meu pai a dizer que a mãe comia agora no restaurante dia sim dia não.

Mas que notícia!

A avó, que durante a vida inteira tinha cozinhado para uma dúzia de pessoas e sempre comera os restos, ia agora comer ao restaurante! O que é que lhe tinha dado?

Pouco tempo depois, o meu pai deslocou-se em negócios às redondezas, e aproveitou para ir visitar a mãe.

Foi encontrá-la de saída. Ela voltou a tirar o chapéu e serviu-lhe um copo de vinho e biscoitos. Tinha um ar muito equilibrado, nem demasiado expansiva nem particularmente silenciosa. Perguntou por nós, sem de resto entrar em pormenores, e quis sobretudo saber se ainda havia cerejas para as crianças. Era a mesma de sempre. O quarto estava, como era de esperar, impecavelmente limpo, e ela aparentava estar de boa saúde.

A única coisa que denunciava o seu novo estilo de vida foi o facto de ela não querer acompanhar o meu pai ao cemitério a visitar a campa do marido. “Podes lá ir sozinho”, disse ela casualmente, “é a terceira à esquerda na décima primeira fila. Eu tenho onde ir.”

O tipógrafo explicou depois que ela naturalmente fora ter com o sapateiro. Ele queixava-se muito.

“Eu para aqui metido neste buraco com os meus, e ainda tenho mais cinco horas de trabalho, por sinal bem mal pagas, pela frente, para cúmulo com a asma a afligir-me de novo, e a casa na rua principal vazia.”

Meu pai reservara um quarto no hotel, mas tinha esperado que a mãe o convidasse a ficar em casa, pelo menos “pro forma”, mas ela não tocou no assunto. Dantes, mesmo quando a casa estava cheia, ela opunha-se a que ele não pernoitasse lá e fosse assim gastar dinheiro com um quarto de hotel!

Mas ela parecia ter encerrado a sua vida de família, e percorrer agora novos caminhos para os quais se sentia inclinada. Meu pai, que tinha um bom sentido de humor, achou-a “bastante animada” e disse ao meu tio para deixar a velhota fazer o que muito bem lhe apetecesse.

Mas o que é que lhe apetecia?

A primeira coisa a ser relatada a seguir foi que ela mandara vir um coche e que tinha partido em excursão, numa vulgar quinta-feira. Um coche era um veículo grande, de rodas altas, puxado a cavalos e com lugares para uma família inteira. Nas raras ocasiões em que nós, os netos, tínhamos ido visitar a família, o avô alugara um desses carros. A avó ficava sempre em casa. Recusava-se a acompanhar-nos com um movimento desdenhoso da mão.

E depois do coche veio a viagem até K., uma cidade maior, a cerca de duas horas de comboio. Realizava-se lá uma corrida de cavalos, e a minha avó foi assistir à corrida.

O tipógrafo estava agora alarmadíssimo. Queria chamar um médico. O meu pai abanou a cabeça ao ler a carta, mas opôs-se a que se consultasse um médico.

A minha avó não fora sozinha a K. Levava consigo uma rapariga meio idiota, como dizia o tipógrafo na carta, a criada da cozinha do hotel onde a velha comia dia sim dia não.

Este “aborto” passou a desempenhar um papel a partir de então.

A minha avó parecia ter um fraquinho por ela. Levava-a consigo ao cinema e à oficina do sapateiro remendão, que de resto se provara ser um social-democrata, e constava que as duas mulheres, sentadas na cozinha diante do seu copo de vinho tinto, jogavam às cartas.

“Ela comprou agora àquele aborto um chapéu enfeitado com rosas”, escrevia, desesperado, o tipógrafo. “E a nossa Ana que não tem um vestido para a comunhão!”

As cartas do meu tio tornaram-se histéricas — falavam exclusivamente do “comportamento indigno da nossa querida mãe”. O resto soube eu pelo meu pai.

O estalajeiro segredara-lhe ao ouvido, enquanto lhe piscava o olho: “Então a Sra. B. anda agora a divertir-se, pelo que consta.”

Não se pode dizer que a minha avó tivesse vivido estes últimos anos na abastança. Quando não ia ao restaurante, comia geralmente uns ovos em casa, com um pouco de café e, sobretudo, os seus biscoitos preferidos. Dava-se ao luxo de comprar um vinho tinto barato e todas as refeições tomava o seu copinho.

Mantinha a casa muito limpa, e não apenas o quarto de dormir e a cozinha que utilizava. Aceitou, porém, sem que os filhos soubessem, uma hipoteca sobre a casa. Nunca se soube qual o destino que ela deu ao dinheiro. Parece que o terá dado ao sapateiro. Depois da morte dela, ele mudou-se para outra cidade e consta que montou aí um importante negócio de sapatos por medida.

Bem vistas as coisas, ela viveu duas vidas, uma a seguir à outra. Uma, a primeira, como filha, mulher e mãe, e a segunda simplesmente como Sra. B., uma pessoa só, sem obrigações e com recursos modestos mas suficientes. A primeira vida durou cerca de seis décadas, a segunda não mais do que dois anos.

Chegou aos ouvidos do meu pai que, durante os últimos seis meses de vida, ela se permitia certas liberdades, que não passam pela cabeça das pessoas normais. Era bem capaz de se levantar no Verão pelas três da madrugada e ir passear pelas ruas desertas da vila, que assim como que lhe pertencia por inteiro. E uma vez que o padre a foi visitar para fazer um pouco de companhia à velha na sua solidão, dizia-se que ela o convidara a ir ao cinema!

Ela estava longe de viver no isolamento. Pela casa do sapateiro aparecia gente alegre e divertida e contavam-se muitas histórias. Ela tinha lá sempre uma garrafa do seu vinho tinto e bebia o seu copinho, enquanto os outros contavam histórias e davam à língua sobre as dignas autoridades da cidade. Este vinho tinto ficava reservado para ela, mas de vez quando ela contribuía para a animação da tertúlia com bebidas mais fortes.

Morreu repentinamente, numa tarde de Outono, no quarto de cama, não no leito, mas numa cadeira de pau junto da janela. Tinha convidado o “aborto” para irem essa noite ao cinema, pelo que a rapariga estava em sua casa quando ela morreu. Tinha setenta e quatro anos.

Vi uma fotografia dela, que a mostra no leito de morte, e que fora tirada para os filhos.

Vê-se um rostozinho miúdo com muitas rugas e uma boca de lábios finos, mas rasgada. Muita coisa pequena, mas nada de mesquinho. Sofrera os longos anos de servidão e gozara os breves anos de liberdade — tinha consumido o pão da vida até às últimas migalhas.

In *“Histórias de Almanaque”*

Acredite apenas

Acredite apenas no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!
Também não acredite no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!
Saiba também que não creer algo significa algo crer!

Alemanha, loura e pálida

Alemanha, loura e pálida
De nuvens selvagens e fronte suave!
Que aconteceu em teus céus silenciosos?
Agora és o lixo da Europa.

Abutres sobre ti!
Bestas rasgam teu corpo bom
Os moribundos te emporcalham com suas fezes
E a sua água
Molha teus campos. Campos!

Como eram suaves teus rios
Agora envenenados de anilina lilás.
Com os dentes as crianças
Arrancam teus cereais
Famintas

Mas a colheita flutua na
Água que fede!

Alemanha, loura e pálida
Terra de São Nunca! Cheia de
Bem-aventurados! Cheia de mortos!
Nunca mais, nunca mais
Baterá teu coração
Apodrecido, que vendeste
Conservado em salmoura
Em troca
De bandeiras.

Terra de lixo, monte de tristeza!
Vergonha sufoca a lembrança
E nos jovens que
Não arruinaste
Desperta a América!

Tradução de *Paulo César de Souza*

Aos que hesitam

Você diz:

Nossa causa vai mal.

A escuridão aumenta. As forças diminuem.

Agora, depois que trabalhamos por tanto tempo

Estamos em situação pior que no início.

Mas o inimigo está aí, mais forte do que nunca.

Sua força parece ter crescido. Ficou com aparência de invencível.

Mas nós cometemos erros, não há como negar.

Nosso número se reduz. Nossas palavras de ordem

Estão em desordem. O inimigo

Distorceu muitas de nossas palavras

Até ficarem irreconhecíveis.

Daquilo que dissemos, o que é agora falso:

Tudo ou alguma coisa?

Com quem contamos ainda? Somos o que restou, lançados fora

Da corrente viva? Ficaremos para trás

Por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo?

Precisamos ter sorte?

Isso você pergunta. Não espere

Nenhuma resposta senão a sua.

Aos que vierem depois de nós

Realmente, vivemos muito sombrios!
A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas
denota insensibilidade. Aquele que ri
ainda não recebeu a terrível notícia
que está para chegar.

Que tempos são estes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes.
Pois implica silenciar tantos horrores!
Esse que cruza tranqüilamente a rua
não poderá jamais ser encontrado
pelos amigos que precisam de ajuda?

É certo: ganho o meu pão ainda,
Mas acreditai-me: é pura casualidade.
Nada do que faço justifica
que eu possa comer até fartar-me.
Por enquanto as coisas me correm bem
(se a sorte me abandonar estou perdido).
E dizem-me: “Bebe, come! Alegra-te, pois tens o quê!”

Mas como posso comer e beber,
se ao faminto arrebato o que como,
se o copo de água falta ao sedento?
E todavia continuo comendo e bebendo.

Também gostaria de ser um sábio.
Os livros antigos nos falam da sabedoria:
é quedar-se afastado das lutas do mundo
e, sem temores,
deixar correr o breve tempo. Mas
evitar a violência,
retribuir o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, antes esquecê-los
é o que chamam sabedoria.
E eu não posso fazê-lo. Realmente,
vivemos tempos sombrios.

Para as cidades vim em tempos de desordem,
quando reinava a fome.

Misturei-me aos homens em tempos turbulentos
e indignei-me com eles.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

Comi o meu pão em meio às batalhas.
Deitei-me para dormir entre os assassinos.
Do amor me ocupei descuidadamente
e não tive paciência com a Natureza.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

No meu tempo as ruas conduziam aos atoleiros.
A palavra traiu-me ante o verdugo.
Era muito pouco o que eu podia. Mas os governantes
Se sentiam, sem mim, mais seguros, — espero.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

As forças eram escassas. E a meta
achava-se muito distante.
Pude divisá-la claramente,
ainda quando parecia, para mim, inatingível.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

Vós, que surgireis da maré
em que perecemos,
lembrai-vos também,
quando falardes das nossas fraquezas,
lembrai-vos dos tempos sombrios
de que pudestes escapar.

Íamos, com efeito,
mudando mais freqüentemente de país
do que de sapatos,
através das lutas de classes,
desesperados,
quando havia só injustiça e nenhuma indignação.

E, contudo, sabemos
que também o ódio contra a baixaza
endurece a voz. Ah, os que quisemos

preparar terreno para a bondade
não pudemos ser bons.
Vós, porém, quando chegar o momento
em que o homem seja bom para o homem,
lembrai-vos de nós
com indulgência.
Tradução: *Manuel Bandeira*

Aos que virão depois de nós

I

Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?
É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço
Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe! Fica feliz por teres o que tens!
Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?
se o copo de água que eu bebo, faz falta a quem tem sede?

Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.
Eu queria ser um sábio.
Nos livros antigos está escrito o que é a sabedoria:
Manter-se afastado dos problemas do mundo
e sem medo passar o tempo que se tem para viver na terra;

Seguir seu caminho sem violência,
pagar o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.
Sabedoria é isso!
Mas eu não consigo agir assim.
É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II

Eu vim para a cidade no tempo da desordem,
quando a fome reinava.

Eu vim para o convívio dos homens no tempo da revolta
e me revoltei ao lado deles.

Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.
Eu comi o meu pão no meio das batalhas,
deitei-me entre os assassinos para dormir,
Fiz amor sem muita atenção
e não tive paciência com a natureza.
Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.

III

Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos,
pensem,
quando falarem das nossas fraquezas,
nos tempos sombrios
de que vocês tiveram a sorte de escapar.
Nós existíamos através da luta de classes,
mudando mais seguidamente de países que de sapatos,
desesperados!
quando só havia injustiça e não havia revolta.

Nós sabemos:
o ódio contra a baixeza
também endurece os rostos!
A cólera contra a injustiça
faz a voz ficar rouca!
Infelizmente, nós,
que queríamos preparar o caminho para a amizade,
não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
Mas vocês, quando chegar o tempo
em que o homem seja amigo do homem,
pensem em nós
com um pouco de compreensão.

Appfelböck ou O lírio no Campo

1

O sol baixava quando Jakob Apfelböck
O pai e a mãe assassinou.
E após trancá-los no armário
Ficou em casa, sozinho que restou.

2

Muitas nuvens desfilaram no céu
Em torno à casa correu um vento de bonança
E dentro da casa ele permaneceu
Uma semana atrás somente uma criança.

3

Os dias se foram e também as noites
E nada acontecia, excepto o trivial
Junto a seus pais Jakob Apfelböck
Esperava apenas, o que viesse afinal.

4

A mulher da leitaria traz o leite
Leite gordo e bom, deixado atrás da porta
O que Jakob não bebe, deixa de lado
Pois ele bebe pouco, já não mais importa.

5

O jornaleiro ainda traz o jornal
Chega com passos firmes ao entardecer
E joga-o com barulho na caixa postal
Mas Jakob Apfelböck já não lê.

6

E quando o cheiro dos cadáveres a casa tomou
Jakob Apfelböck chorou e ficou doente
E chorando ele se retirou
Passou a dormir na varanda somente.

7

Disse o jornaleiro, ao chegar certa vez:
Que cheiro é esse, assim tão funerário?
Na luz fria da tarde respondeu Apfelböck:
É a roupa suja amontoada no armário.

8

A mulher do leite falou, por sua vez:
Que fedor é esse, como quando alguém falece?
Na luz fria da tarde respondeu Apfelböck:
É a carne de boi, que no armário apodrece.

9

E quando abriram a porta do armário
Apfelböck estava ao lado, na luz fraca do dia
E ao lhe perguntarem o porquê do seu ato
Ele respondeu simplesmente: não sabia.

10

A mulher do leite depois imaginava
Dizia: Será que o menino, quando rapaz
Jakob Apfelböck, será que um dia
Visitará a sepultura de seus pais?

Tradução de *Paulo César de Souza*

Aula de amor

Mas, menina, vai com calma
Mais sedução nesse grasne:
Carnalmente eu amo a alma
E com alma eu amo a carne.

Faminto, me queria eu cheio
Não morra o cio com pudor
Amo virtude com traseiro
E no traseiro virtude pôr.

Muita menina sentiu perigo
Desde que o deus no cisne entrou
Foi com gosto ela ao castigo:
O canto do cisne ele não perdoou.

Tradução de Aires Graça

Balanço dos barcos

Salmos

1. Deve-se jogar para a frente os joelhos como uma prostituta real,
como que pendurado de joelhos. Que são bem grandes.
E quedas de morte purpúreas no céu nu, e voa-se para cima,
um momento com o cóccix, outro com o rosto dianteiro.
Estamos inteiramente nus, o vento tateia pelas vestes.
Assim nascemos.

2. A música nunca cessa.
Anjos tocam flautas de Pã numa roda que quase arrebenta.
Voa-se no céu, sobre a terra, irmão Ar, irmão! Irmã Luz!
O tempo passa e a música jamais.

3. Às onze da noite os balanços são fechados,
para que Deus continue a se balançar.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Caçado com boa razão

Cresci como filho
de gente rica. Meus pais deram-me
uma gravata e me educaram
nos hábitos de ser servido.
Ensinaram-me também a arte de mandar.
Mas quando cresci e olhei em volta
não gostei da gente de minha classe,
nem de mandar nem de ser servido.
E deixei a minha classe,
indo viver com os deserdados.

Deste modo, criaram um traidor.
Ensinaram-lhe as suas artes,
e ele passou
para o lado dos inimigos.

Sim. Eu revelo segredos.
Estou no meio do povo e relato
como eles o enganam.
Prevejo o que virá,
pois estou a par de seus planos.

O latim dos padres venais
traduzo palavra por palavra
na linguagem comum.
Assim todos vêem os seus disparates. Pego
nas mãos a balança da justiça
e mostro os falsos pesos. Os espíões
me delatam, revelando que estou
ao lado das vítimas
quando se dispõem a atacá-las.
Eles me advertiram e me tomaram
o que tinha ganho com meu trabalho.
E como não melhorei,
começaram a caçar-me.
Mas em minha casa só encontraram escritos
que denunciavam seus atentados contra o povo.
Emitiram então contra mim um mandado de prisão,
acusando-me de idéias subversivas,
isto é, da subversão de ter idéias.

Aonde chego sou estigmatizado
pelos proprietários, mas os deserdados
sabem do mandado de prisão e me escondem.

Dizem:

A você eles estão caçando com boas razões.

Canção de amor de um tempo difícil

Um do outro não éramos amigos
Mas um do outro o espaço partilhámos.
Nos braços um do outro se envolvidos
Um ao outro mais que a lua estranhámos.

Se hoje nos encontrássemos no mercado
Por mísero peixe seríamos desavindos:
Um do outro não éramos amigos
Se nos braços um do outro envolvidos.

(in «*Da Sedução — Poemas Eróticos*»,
com gravuras de Pablo Picasso,
Tradução de Aires Graça,
Editorial Bizâncio, 2004)

Canção do pintor Hitler

1

Hitler, o pintor de paredes
Disse: Caros amigos, deixem eu dar uma mão!
E com um balde de tinta fresca
Pintou como nova a casa alemã.

2

Hitler, o pintor de paredes
Disse: Fica pronta num instante!
E os buracos, as falhas e as fendas
Ele simplesmente tapou
A merda inteira tapou.

3

Oh Hitler pintor
Por que não tentou ser pedreiro?
Quando a chuva molha sua tinta
Toda a imundície vem abaixo
Sua casa de merda vem abaixo

4

Hitler, o pintor de paredes
Nada estudou senão pintura
E quando lhe deixaram dar uma mão
Tudo o que fez foi um malogro
E a Alemanha inteira ele logrou.

Canção vespertina do Senhor

Salmos

Quando o vento azul da tarde desperta Deus Pai, ele vê o céu acima ficar pálido e sente prazer nele. Seus ouvidos são então alegrados pelo grande coral cósmico, ao qual se abandona:

O grito das florestas inundadas, quase se afogando.

O gemido das velhas casas de madeira marrom, sob o peso excessivo dos homens e dos móveis.

A tosse seca dos campos esgotados, dos quais foi extraído o vigor.

O gigantesco ruído intestinal com que o último mamute findou sua existência dura e feliz sobre a terra.

As orações angustiadas das mães dos grandes homens.

O rugido das geleiras do Himalaia, que se diverte na sua gélida solidão

E o tormento de Bert Brecht, que não está bem.

E ao mesmo tempo: as canções malucas das águas que sobem nas florestas.

O suave respirar de gente que dorme, embalada por velhos assoalhos.

O murmúrio extático dos campos de trigo, moinhos de orações.

As grandes palavras dos grandes homens

E as maravilhosas canções de Bert Brecht, que não está bem.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Canto de uma amada

Salmos

1. Eu sei, amada: agora me caem os cabelos, nessa vida dissoluta,
e eu tenho que deitar nas pedras.
Vocês me vêem bebendo as cachaças mais baratas,
e eu ando nu no vento.

2. Mas houve um tempo, amada, em que era puro.

3. Eu tinha uma mulher que era mais forte que eu,
como o capim é mais forte que o touro: ele se levanta de novo.

4. Ela via que eu era mau, e me amou.

5. Ela não perguntava para onde ia o caminho que era seu,
e talvez ele fosse para baixo.
Ao me dar seu corpo, ela disse: Isso é tudo.
E seu corpo se tornou meu corpo.

6. Agora ela não está mais em Lugar nenhum,
desapareceu como uma nuvem após a chuva,
eu a deixei, ela caiu, pois este era seu caminho.

7. Mas à noite, às vezes, quando me vêem bebendo,
vejo o rosto dela, pálido no vento, forte, voltado para mim,
e me inclino no vento.

Tradução de *Paulo César de Souza*

César e o seu legionário

Desde o princípio de Março que o ditador sabia que a ditadura tinha os dias contados.

Um forasteiro que chegasse de uma das províncias acharia talvez a capital mais imponente do que nunca. A cidade crescera extraordinariamente; uma variegada mistura de gentes enchia os alojamentos superlotados; a City fervilhava de projectos; os negócios decorriam normalmente; os escravos eram baratos.

O regime parecia ter-se consolidado. O ditador acabava de ser nomeado ditador vitalício e preparava agora “o mais ambicioso dos seus empreendimentos, a conquista do Oriente, a campanha há tanto tempo esperada contra os Persas, uma verdadeira segunda campanha de Alexandre.

César sabia que não sobreviveria àquele mês. O seu poder atingira o auge, pelo que a seus pés se escancarava o abismo.

A grande sessão do Senado em 13 de Março, em que o ditador tomara posição um discurso contra a “atitude ameaçadora do governo persa” e informara ter reunido em Alexandria, capital do Egipto, um exército, deparara com uma atitude do Senado estranhamente indiferente, fria até. Durante o discurso circulou entre os senadores uma ominosa lista das somas que o ditador depositara em bancos hispânicos sob um nome falso: O ditador transfere os seus bens particulares (110 milhões) para o estrangeiro!” Acaso não acreditava na sua guerra? Ou a sua intenção seria, não uma guerra contra a Pérsia, mas uma guerra contra Roma?

O Senado autorizou os créditos de guerra, por unanimidade, como habitualmente.

No palácio de Cleópatra, que é o centro de todas as intrigas relacionadas com o Oriente, estão reunidos alguns líderes militares. A rainha egípcia é a verdadeira inspiradora da guerra pérsica. Bruto e Cássio, bem como outros jovens oficiais felicitam-na pelo triunfo da política de guerra no Senado. A idéia dela, de fazer circular a ominosa lista, é devidamente apreciada e objecto de risos. O ditador irá ter uma surpresa quando quiser levantar na City os créditos concedidos...

César, a quem não escapara a frieza do Senado apesar de toda a sua docilidade, tem efectivamente de constatar também na City uma atitude altamente irritante. Na câmara de comércio, ele conduziu os financeiros até um mapa gigantesco pendurado na parede e explicou-lhes os seus planos de campanha para a Pérsia e a Índia. Os cavalheiros dizem que sim com a cabeça, mas começam depois a falar da Gália, que já fora conquistada há anos, mas onde estalaram de novo revoltas sangrentas. A “Ordem Nova” não funciona. E surge a proposta: não seria preferível começar a nova guerra no Outono? César não responde, e abandona bruscamente a sala. Os cavalheiros erguem os braços fazendo a saudação romana. Alguém murmura: “O homem tem os nervos abalados.”

Será que eles de repente já não querem mais guerras?

As interrogações não podem fazer esquecer um facto desconcertante: as indústrias de armamento preparam febrilmente a guerra; as suas acções sobem na vertical; o preço dos escravos também sobe...

O que é que isso significa? Eles querem a guerra do ditador, mas recusam-lhe o dinheiro para tanto?

Ao fim da tarde, já César sabe o que isso significa: “Eles querem a guerra, mas não a querem com ele.”

Ordena a prisão de cinco banqueiros; está porém muito abalado, à beira de uma crise nervosa, com grande espanto do seu ajudante, que o pudera ver perfeitamente calmo no meio de batalhas sangrentas. Fica um pouco mais tranqüilo com a chegada de Bruto, de quem ele gosta muito. Todavia, não se sente com forças suficientes para consultar um “dossier” que o seu homem de confiança na City lhe enviou. Contém “nomes” de conjurados, entre eles o de Bruto. Preparam um atentado contra a sua vida. O receio de encontrar também no volumoso “dossier” (“Ele é tão espesso, tão horrivelmente espesso”) nomes familiares leva o ditador a não o abrir. Bruto tem necessidade de um copo de água, quando César finalmente o entrega por abrir ao seu secretário — para uma leitura posterior.

Reina a maior agitação no palácio de Cleópatra, quando Bruto, pálido e perturbado, informa da existência de um “dossier” sobre a conspiração. César pode lê-lo a todo o momento. Cleópatra tranqüiliza a custo os presentes, apelando para a sua honra de soldados, e ela própria dá a ordem para fazer as malas.

Entretanto, o comissário de polícia compareceu junto de César para informar. É o terceiro neste ano, que vai apenas em dois meses, tendo os seus predecessores sido demitidos por envolvimento em conspirações. O comissário garante a segurança pessoal do ditador — apesar da agitação provocada na City pela prisão dos banqueiros, a favor de quem, aliás, se movem círculos influentes. A guerra pérsica, de cujo próximo início o comissário parece estar convencido, provocará em sua opinião o emudecimento da oposição. Enquanto ele expõe as extensas medidas de protecção que considera necessárias, César, trespassando-o com o olhar, tem como que a visão da sua morte, pois sabe que morrerá.

Far-se-á conduzir até ao Pórtico de Pompeu, descera do carro, atenderá petiçãoários, dirigir-se-á para o Templo, procurará com os olhos e cumprimentará este ou aquele senador e sentar-se-á numa cadeira. Desenrolar-se-ão algumas cerimónias, que ele contempla antecipadamente. Depois, os conjurados — que na visão de César não têm rostos, apenas manchas brancas no lugar dos rostos — avançarão para ele sob um pretexto qualquer. Alguém lhe dará a ler qualquer coisa, ele estenderá a mão para o documento, eles cairão sobre ele, “ele morrerá”.

Não, já não haverá para ele qualquer guerra no Oriente. A maior das suas empresas já não terá lugar: “bastaria para tanto que ele tivesse embarcado vivo num navio” que o conduzisse para junto das suas tropas em Alexandria, o único sítio onde talvez estivesse em segurança.

Quando, alta noite, as sentinelas vêm entrar alguns senhores nos aposentos do ditador, continuam a pensar que se trata de generais e de inspectores militares que vêm discutir a guerra pérsica. Mas trata-se apenas de médicos — o ditador precisa de um sonífero.

O dia seguinte, 14 de Março, decorre agitado e penoso. Quando dava o seu passeio matinal a cavalo no picadeiro, César teve uma grande idéia. O Senado e a City estão contra ele, e depois? “Ele voltar-se-á para o povo!”

Não foi ele outrora o grande tribuno da plebe, a esclarecida esperança da Democracia? Chegou até a haver um programa gigantesco com que ele pregou um susto de morte ao Senado — parcelamento das herdades, bairros económicos para os pobres.

A ditadura? Ponto final na ditadura! O grande César abdicará, retirar-se-á para a vida privada, por exemplo em Espanha...

Foi um homem cansado o que montou a cavalo e se deixou arrastar, abúlico, à volta do picadeiro; mas depois aprumou-se (ao ocorrerem-lhe determinados pensamentos relacionados com o Povo) cheio de energia, puxou as rédeas, chamou a si o cavalo e deixou-o banhado em suor; foi um homem novo e recomposto que saiu do picadeiro.

Bem poucos dos que participam no grande jogo se sentem hoje de manhã tão confiantes como César... Os conspiradores aguardam a prisão. Bruto dispõe sentinelas nos seus jardins; em diversos pontos foram aparelhados cavalos. Em muitas casas são queimados papiros. No seu palácio junto do Tibre, Cleópatra prepara-se para o dia da sua morte. Neste momento, já há muito que César terá lido o “dossier”. Ela arranja-se com esmero, liberta os escravos, distribui presentes. Os esbirros não tardarão a chegar.

A oposição atacou ontem. Hoje, deve seguir-se o contra-ataque do regime.

O despertar do ditador fornece uma indicação sobre a natureza da resposta.

Na presença de vários senadores, César fala do seu novo plano. Irá anunciar eleições e abdicar. O seu santo-e-senha: “Contra a guerra!” O cidadão romano irá conquistar solo itálico, não persa. Pois como vive o cidadão romano, o senhor do Mundo? César descreve-o.

São rostos petrificados os que assistem à assustadora descrição da miséria em que vive o comum cidadão romano. O ditador deixou cair a máscara; quer sublevar a população. Meia hora depois, já toda a City o saberá. As inimizades entre a City e o Senado, entre os banqueiros e os oficiais dissipar-se-ão, e todos estarão de acordo num ponto: fora com César!

César sabe, mesmo antes de acabar de falar, que cometeu um erro no seu discurso. E evidente que não deveria ter sido tão sincero. Muda subitamente de tema e fá-lo com o seu comprovado encanto. Os seus amigos nada terão a recear. Os seus bens estão seguros. Irá providenciar para que os caseiros recebam terras, mas isso será da competência do Estado e far-se-á com meios estatais. O próximo Verão será magnífico — eles serão seus hóspedes em Baja.

Depois de eles terem agradecido o convite e de se terem retirado, César ordena a demissão e a detenção do comissário de polícia que logo na noite anterior soltara novamente o banqueiro que fora preso. A seguir, envia o seu secretário a sondar o ambiente que reina nos círculos democráticos. Tudo depende agora da atitude do povo.

Os círculos democráticos são propriamente os políticos das há muito dissolvidas associações de artífices, que nos bons tempos da República decidiam as eleições. A ditadura de César destruiu este aparelho, outrora poderoso, e de uma parte dos seus membros constituiu uma guarda civil, as chamadas associações de rua. Também estas foram dissolvidas. Agora, porém, o secretário Titus Rarus procura os políticos plebeus para sondar a sua disposição.

Fala com um antigo chefe da corporação dos caiadores, depois com um antigo escrutinador que é agora taberneiro. Os dois homens mostram-se extremamente cautelosos, avessos a falarem de política. Remetem-no para o velho Carpo, do antigo clube dos operários da construção, um homem que poderá exercer a maior influência, “já que está na cadeia”.

Entretanto, César recebeu uma visita de vulto: Cleópatra. A rainha não conseguiu suportar a tensão. Precisa de saber qual a sorte que lhe está reservada. Está preparada para a morte, todas as artes que do Egipto foram mobilizadas para realçar a sua beleza em três continentes. O ditador parece não ter pressa. Ele mostra-se para com ela, como sempre nos últimos anos, de uma cortesia requintada, sempre disposto a dar um conselho, insinuando de quando em vez que poderia voltar imediatamente a ser seu amante caso ela o desejasse, incomparável apreciador que ele é da beleza feminina. Mas, nem uma palavra sobre política. Sentam-se no “atrium” e dão de comer aos peixes dourados, enquanto falam do tempo. Ele convida-a a passar o Verão em Baja...

Ela não fica tranqüila. Provavelmente o que se passa é que ele não terá concluído ainda os preparativos para a resposta. Ela retira-se afivelando uma máscara rígida. César acompanha-a até à liteira, depois do que se dirige para os escritórios onde os juristas e os secretários trabalham febrilmente no projecto da nova lei eleitoral. O projecto deve ser mantido secreto: ninguém foi autorizado a deixar o palácio. “Esta Constituição será a mais livre que Roma alguma vez conheceu.”

Tudo depende agora efectivamente do povo...

Uma vez que Rarus tarda estranhamente em regressar — o que poderá haver a discutir, se os plebeus devem agarrar com ambas as mãos a oportunidade única que o ditador agora lhes oferece? —, César decide ir assistir às corridas de cães. Sente a necessidade de contactar ele próprio com o povo, e onde se encontra o povo é nas corridas de cães. A arena ainda não está completamente cheia. César não se dirige para o grande camarote, prefere tomar lugar mais acima, no meio da multidão. Não tem de recear que o reconheçam, pois as pessoas sempre o avistaram apenas de longe.

César observa durante algum tempo, e aposta depois num determinado cão. Veio sentar-se um homem junto dele a quem ele explica as razões que o levaram a apostar precisamente naquele cão. O homem faz que sim com a cabeça. Numa fila mais à frente gera-se uma pequena discussão. Parece que alguns espectadores se sentaram nos lugares errados, donde recém-chegados os querem expulsar. César procura meter conversa com os vizinhos, mesmo sobre política. Estes respondem-lhe com monossílabos, mas ele não tarda a dar-se conta de que eles sabem quem ele é: pois fora sentar-se no meio dos agentes da sua polícia secreta.

Irritado, levantou-se e saiu. De resto, o cão em quem ele apostou acaba de ganhar...

Em frente da arena encontra o secretário, que vinha à sua procura. Não traz boas notícias. Ninguém quer negociar. O medo e o ódio imperam por toda a parte. Em especial este último. O homem em quem depositam confiança é Carpo, o operário da construção. César ouve com ar sombrio. Sobe para a liteira e ordena que o conduzam à Prisão dos Mamertinos. Quer falar com Carpo.

Têm de ir primeiro à procura de Carpo, de tal modo são numerosos os antigos presos plebeus que apodrecem às dúzias naquelas casamatas. Ao cabo de algumas idas e vindas lá conseguem içar com cordas de um buraco o operário da construção Carpo, e o ditador pode então falar com o homem em quem o povo de Roma confia.

Sentam-se um ao lado do outro e observam-se. Carpo é um homem velho, talvez não tenha mais idade do que César, em todo o caso parece ter oitenta anos. Muito velho, muito caduco, mas não vencido. César expõe-lhe sem rodeios o seu plano inaudito de restabelecer a Democracia, de anunciar eleições, de se retirar para a vida privada, etc., etc.

O velho não abre a boca. Não diz que sim nem diz que não, guarda silêncio. Olha fixamente César sem produzir qualquer som. Quando César se retira, baixam-no de novo com cordas até ao seu buraco. O sonho da Democracia desvaneceu-se. É muito claro: a haver uma revolução, não querem fazê-la com ele. Conhecem-no demasiado bem.

Quando o ditador regressa a casa, o secretário tem dificuldade em fazer compreender às sentinelas quem ele é. São guardas novos. O novo comissário afastou os guardas romanos e destacou para o palácio um contingente negro. Os negros são mais seguros, não compreendem o latim, pelo que será mais difícil sublevá-los, e também será mais improvável que se deixem contagiar pelo ambiente da cidade. César já sabe então qual o ambiente que reina na cidade...

A noite decorre inquieta no palácio. César levanta-se várias vezes da cama e vagueia pelo imenso palácio. Os negros bebem e cantam. Ninguém se preocupa com ele, ninguém o reconhece. Ele escuta por momentos as suas canções tristes e dirige-se depois para a cavalaria a visitar o seu cavalo preferido. Ao menos o cavalo reconhece-o... A Roma eterna dorme um sono inquieto. Diante dos portões dos albergues de noite estão ainda de pé artífices arruinados à procura de três

horas de sono e lêem grandes cartazes meio arrancados que angariavam soldados para uma guerra no Oriente que já não irá ter lugar. Dos jardins da “jeunesse dorée” desapareceram as sentinelas da noite anterior. Dos palácios saem vozes embriagadas. Por um portão situado a sul da cidade sai uma pequena cavalgada: a rainha do Egipto abandona embuçada a capital... As duas da manhã César lembra-se de qualquer coisa, levanta-se e dirige-se em traje de dormir para a ala do palácio onde os juristas continuam a trabalhar na nova Constituição. Ordena-lhes que vão dormir.

Pela manhã, César é informado de que o seu secretário Rarus foi assassinado durante a noite. As suas conversas com os políticos plebeus foram pelos vistos escutadas por agentes da polícia, e a coberto da escuridão mãos poderosas aproveitaram a oportunidade. As mãos de quem? As listas com os nomes dos conspiradores, que estavam em seu poder, desapareceram.

Ele foi assassinado no palácio, que assim deixou de ser um lugar seguro para os partidários do ditador. O próprio ditador estará ali em segurança?

César permanece de pé muito tempo junto do catre, onde jaz o secretário morto, o seu último confidente, a quem precisamente essa confiança custou a vida.

Ao sair do aposento chocou com ele um soldado da guarda embriagado, que não pediu desculpa. César olhou várias vezes em volta com nervosismo, antes de descer as escadas.

No átrio, singularmente vazio — ninguém compareceu ao toque de alvorada —, deparou com um emissário de Antônio; o cônsul e o seu sequaz mandam dizer-lhe que ele de modo algum deveria ir hoje ao Senado. A sua segurança pessoal estaria ali ameaçada. César manda dizer a Antônio que não irá ao Senado. Ordena em vez disso que o conduzam a casa de Cleópatra, passando por diante da longa fila de peticionários madrugadores em frente do seu palácio. Talvez Cleópatra financiasse a sua campanha. Nesse caso não precisaria nem da City nem do povo.

Cleópatra não se encontra em casa. A casa está fechada. Parece que ela se foi embora há muito tempo. Regressa ao palácio. O portão está estranhamente aberto. E evidente que a guarda foi retirada. O senhor do Mundo inclina-se para fora da liteira e observa a sua casa, onde já não se atreve a entrar.

Ele poderia reclamar de Antônio uma escolta. Mas desconfia de todas as escoltas. Melhor será seguir caminho sem escolta; já não terá assim que a recluir. E para onde se dirige ele?

Dá uma ordem. Encaminha-se para o Senado.

Segue recostado na liteira, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita. Manda que o conduzam ao Pórtico de Pompeu. Desce. Atende peticionários. Entra no Templo. Procura com os olhos este ou aquele senador e cumprimenta-o. Senta-se na sua cadeira. Seguem-se algumas cerimônias. Depois, os conjurados, sob um pretexto qualquer, dirigem-se para ele. Deixaram de ter sobre os pescoços manchas brancas, como no sonho que ele teve dois dias antes;

todos eles têm rostos, os dos seus melhores amigos. Alguém lhe dá qualquer coisa a ler, ele pega no documento. Eles caem sobre ele.

Um carro de bois atravessa de madrugada a Campagna verdejante e primaveril em direção a Roma. Trata-se de um caseiro e veterano dos exércitos de César de 52 anos de idade, Terentius Scaper, que viaja com a família e os trastes domésticos. Os seus rostos denotam grande preocupação. Por dívidas de arrendamento foram expulsos da sua pequena quinta. Apenas Lucília, de 18 anos de idade, aguarda com alegria a chegada à grande e fria cidade: é lá que vive o seu noivo.

Ao aproximarem-se da cidade, apercebem-se da iminência de acontecimentos extraordinários. O controlo nas barreiras é mais rigoroso, e ocasionalmente são detidos por patrulhas militares. Circulam boatos sobre a iminência de uma grande guerra na Ásia. O velho soldado contempla as barracas de alistamento tão suas familiares, ainda vazias devido à hora matutina; o homem recobra vigor. César planeia novas expedições vitoriosas. Terentius Scaper chega mesmo a tempo. Estamos no dia 13 de Março do ano 44.

Pelas nove horas da manhã o carro de bois atravessa o Pórtico de Pompeu. Uma multidão aguarda ali a chegada de César e dos senadores para uma sessão no Templo, durante a qual o Senado ouvirá “uma importante comunicação do ditador”. A guerra é o assunto de todas as conversas; no entanto, com grande espanto de Scaper, as patrulhas militares procuram levar as pessoas a seguirem caminho. Todas as discussões cessam, quando os soldados aparecem. O veterano esforça-se apenas por fazer passar a sua carroça. A meio caminho, põe-se de pé no carro e grita em voz alta para trás: “Viva César!” Verifica com surpresa que ninguém responde ao seu brado.

Um tanto irritado, conduz a família até uma modesta estalagem dos arrabaldes e sai à procura do seu futuro genro, o secretário de César, Titus Rarus. Não autoriza que Lucília o acompanhe. Tem primeiro que ajustar contas com o jovem.

Verifica que é extremamente difícil entrar no palácio de César situado no Fórum. O controlo, especialmente em relação a armas, é extremamente rigoroso. O ar está pesado.

Já lá dentro, é informado de que o ditador tem mais de duzentos secretários. Ninguém conhece o nome Rarus.

Na realidade, já há três anos que Rarus não tem oportunidade de saudar o seu chefe na ala do palácio que alberga a biblioteca. Ele é o secretário de César para os assuntos literários e colaborou no seu trabalho sobre a gramática. A obra está por concluir, pois o ditador já não tem tempo para essas coisas. Rarus não cabe em si de alegria, ao ver o velho soldado entrar batendo com os pés. O quê, Lucília está aqui, em Roma? Sim, está aqui, mas não há motivos para alegria. A família foi posta na rua. Principalmente por culpa de Lucília. Bem que ela poderia ter sido mais amável para com o rendeiro, o industrial de couros Pompilius... Tanto mais que Rarus tem primado pela ausência! O jovem defende-se com paixão. Ele não

teve quaisquer férias. Tudo fará para ajudar a família. Procurará obter um adiantamento junto da Administração. Usará as suas relações em favor de Scaper. Porque não há-de o veterano ser promovido a capitão, agora que finalmente está iminente uma grande guerra?

Ruído de passos e tilintar de espadas no corredor, e a porta abre-se de repente: César está de pé no umbral.

O pequeno secretário fica como que paralisado sob o olhar inquisidor do grande homem. Ao cabo de três anos, é a primeira vez que vê César no seu local de trabalho! Não suspeita que o “seu destino acaba de assomar à soleira daquela porta”.

César não veio ali para trabalhar na sua gramática. O que se passa é que ele anda à procura de um homem em quem possa confiar, portanto um homem difícil de encontrar neste palácio. Ao passar diante da biblioteca, ocorreu-lhe a idéia do seu secretário para as coisas literárias, um jovem que não tem nada a ver com a política. Talvez não tenha ainda sido subornado... Dois guardas de corpo revistam Scaper à procura de armas e lançam-no para fora do aposento. Ele afasta-se orgulhoso: o seu futuro genro parece não ser o mais insignificante dos homens naquele palácio. O grande César procura-o, o que é um sinal favorável.

Também revistam Rarus à procura de armas. Em seguida, porém, o ditador confia-lhe uma missão. Ele deve, de preferência por caminhos desviados, procurar um determinado banqueiro espanhol e perguntar-lhe donde provem as misteriosas resistências da City contra a guerra de César no Oriente.

Entretanto, o veterano espera pelo jovem em frente do palácio. Como aquele tarda em aparecer — na realidade ele utiliza uma saída pelas traseiras —, Scaper põe-se a caminho para ir comunicar à família aquela mudança de bom augúrio. De caminho, passa por uma agência de alistamento. Apenas rapazes muito jovens se inscrevem no serviço militar. Será bom beneficiar de uma protecção e ser promovido a capitão. Para soldado, já é demasiado idoso.

Entra ainda em algumas tabernas, pelo que ao chegar à pequena estalagem dos subúrbios já está um pouco borracho. Lá se sente na pele do “capitão” Terentius Scaper, e a sua cólera volta-se contra o noivo de Lucília, que continua sem aparecer. O próspero Sr. Secretário não tem tempo disponível para vir cumprimentar a sua noiva! E de que é que a família há-de viver? Para já e imediatamente são precisos pelo menos trezentos sestércios. Lucília terá de dignar-se ir procurar o industrial de couros e pedir-lhe dinheiro emprestado. Lucília chora. Não percebe porque é que Rarus não aparece. O Sr. Pompilius não hesitará em dar-lhe os trezentos sestércios, mas não o fará de borla. O pai fica extremamente zangado. Lá não podem restar dúvidas de que o rapaz nunca mais “se decide”. Há que lhe pegar fogo no rabo. Importa não lhe dar a entender que se está dependente dele. Ele deve ver que existem ainda outras pessoas que sabem apreciar Lucília. Lucília parte lavada em lágrimas, voltando constantemente a cabeça para trás a ver se avista Rarus.

Nesse momento, Rarus encontra-se de novo no palácio. Recebeu do banqueiro espanhol um “dossier” que entregou a César. Procura agora obter um adiantamento da Administração. Sofre um choque profundo, ao ser interrogado em vez de receber o dinheiro. Onde é que ele esteve? Qual foi a missão que o ditador lhe confiou? Recusa-se a responder e vê-se despedido.

Lucília tem mais sorte. Todavia, no escritório do industrial de couros a primeira coisa que lhe dizem é que o Sr. Pompilius se encontra preso. Os escravos comentam ainda excitados a inacreditável ocorrência, apenas explicável pelo facto de, nos últimos tempos, o patrão ter frequentemente manifestado a sua furiosa oposição ao ditador, quando o Sr. Pompilius faz a sua entrada sorridente. “Evidentemente” pessoas como ele e os outros cavalheiros da City não podiam ser metidos na cadeia. Felizmente ainda se movem determinadas influências junto da polícia. O Sr. César já não é assim tão poderoso como isso nestes dias...

Lucília ainda não voltou, quando Rarus chega finalmente à estalagem. O veterano está melindrado, e a família não quer revelar onde Lucília se encontra. Além disso, Rarus não trouxe consigo os trezentos sestércios. Não se atreve a confessar que foi despedido, e limita-se a dizer, baixando o tom de voz, que não teve oportunidade de ir à Administração. Chega depois uma Lucília chorosa que lhe cai nos braços. Terentius Scaper, porém, não vê motivo para mostrar discrição. Pergunta descaradamente a Lucília pelo êxito da sua diligência. Sem olhar Rarus de frente, ela entrega ao pai os trezentos sestércios. Rarus não tem dificuldade em compreender donde vem o dinheiro: Lucília esteve em casa do industrial de couros!

Furioso, o jovem arranca o dinheiro das mãos do velho. Ele próprio irá restituí-lo de manhã ao Sr. Pompilius. O mais tardar pelas oito horas da manhã entregará a Lucília na estalagem dinheiro suficiente. Depois, conduzirá o pai dela à presença do comandante da guarda do palácio para discutirem o assunto do posto de capitão.

O veterano dá, resmungando, o seu consentimento. Ao fim e ao cabo não deverá ser difícil ao confidente do senhor do Mundo ajudar a família de um velho e honrado legionário...

Na manhã seguinte porém, a família Scaper espera em vão por Rarus.

Conduziram-no de manhãzinha à presença de César. O ditador lê-lhe na biblioteca um velho discurso, que há muitos anos aguardava a oportunidade de ser proferido, em que desenvolvera o seu programa democrático. Depois disso o secretário seguiu para os arrabaldes a sondar a opinião de diversos políticos plebeus acerca de um restabelecimento da Democracia. O ditador ordenou, aliás, a substituição da guarda do palácio e mandou prender o respectivo chefe, que interrogara Rarus no dia anterior.

Terentius Scaper começa a ficar pessimista. Lá não acredita no noivo da filha. Esta chorou durante toda a noite e, num acesso, gritou na cara dos pais o que o industrial de couros tinha exigido dela.

A mãe tomou o seu partido. O veterano decide alistar-se como soldado numa agência de recrutamento. Depois de uma longa hesitação, confessa à família que se sente demasiado velho para o alistamento. A família prontifica-se com solicitude a rejuvenescê-lo. Lucília empresta-lhe o “rouge” e o filho mais pequeno corrige-lhe os movimentos.

Quando ele, porém, com ar remoçado, chega à agência de recrutamento, esta está fechada. Os jovens que estacionam em frente comentam excitados o boato de que a guerra no Oriente foi cancelada. O veterano de dez guerras de César regressa desolado ao seio da família e depara com uma carta de Rarus a Lucília em que se refere estarem iminentes grandes acontecimentos. Neste preciso momento estaria a ser aprontada uma lei que prevê a concessão de arrendamentos e de subsídios estatais aos veteranos de César. A família exulta de alegria.

A carta de Rarus, escrita de manhã, está ultrapassada quando Terentius Scaper a lê. As diligências do secretário revelaram que os antigos políticos plebeus, durante muitos anos perseguidos por César, deixaram de ter qualquer confiança nos seus estratagemas políticos.

Rarus, que de resto se sente seguido, procura em vão o seu senhor no palácio e só o encontra ao fim da tarde no circo assistindo às corridas de cães. A caminho do palácio, comunica a César aquele facto perturbante. Depois de um longo silêncio, compreendendo subitamente o enorme perigo em que o ditador se encontra, faz uma proposta desesperada: César deveria deixar a cidade em segredo ainda essa noite e procurar escapar-se até Brundisium para dali alcançar de barco Alexandria e reunir-se ao seu exército. Promete pôr à sua disposição um carro de bois. O ditador, prostrado no banco da liteira, não lhe responde.

Mas Rarus está decidido a preparar essa fuga. O crepúsculo cai sobre uma Roma gigantesca, inquieta, fervilhante de boatos, quando ele no Pórtico do Sul trata com a guarda do portão. Um carro de bois deverá ser autorizado a passar por volta da meia-noite sem que exijam salvo-conduto. Entrega aos guardas todo o dinheiro que traz consigo. Exactamente trezentos sestércios.

Por volta das nove horas apresenta-se aos Scaper na estalagem. Abraça Lucília. Pede à família que o deixe sozinho com Terentius Scaper. Aproxima-se depois do veterano e pergunta-lhe:

- O que estarias tu disposto a fazer por César?
- Como vai isso do arrendamento? — pergunta Scaper.
- Isso está fora de questão — responde Rarus.
- E o posto de capitão também “ardeu”? — pergunta Scaper.
- O posto de capitão também “ardeu” — responde Rarus.
- Mas tu continuas a ser secretário dele?
- Sim.
- E encontras-te com ele?
- Sim.
- E não está em teu poder levá-lo a fazer alguma coisa por mim?

— Ele já nada pode fazer por ninguém. Tudo se desmoronou. Irão assassiná-lo amanhã como quem mata uma ratazana. Portanto: que estás disposto a fazer por ele? — perguntou o secretário.

O velho veterano olhou-o fixamente, incrédulo. O grande César está perdido? Tão perdido que ele, Terentius Scaper, tem de o socorrer?

— Como poderei ajudá-lo? — pergunta ele com voz rouca.

— Prometi-lhe o teu carro de bois — diz calmamente o secretário. — Terás de esperar por ele a partir da meia-noite no Pórtico do Sul.

— Não me irão deixar passar com o carro.

— Deixarão. Para tanto paguei-lhes eu trezentos sestércios.

— Trezentos sestércios? Os nossos?

— Sim.

O velho crava nele os olhos por um instante, quase encolerizado. Perpassa depois no seu olhar a incerteza ruminadora do homem que passou metade da vida sob a disciplina militar, e afasta-se resmungando.

Diz ele, entredentes: “Talvez seja até certo ponto um negócio tão bom como qualquer outro. Se ele conseguir safar-se, há-de poder tirar desforra.”

E voltou a assumir a atitude que define toda a sua vida: tornou a ter “esperança”.

Rarus tem mais dificuldade em convencer Lucília. Desde que ela o tornou a ver em Roma, ele nunca esteve a sós com ela. Nem ele nem o seu pai lhe disseram o que o tem mantido constantemente afastado nestes últimos dias. Ela fica agora a saber o motivo. O seu noivo tem estado com César. E o único homem em quem o senhor do Mundo pode confiar.

Mas não poderá passar com ela um quarto de hora num tasco da Travessa dos Caldeireiros? Será que César o não poderá dispensar por um quarto de hora?

Rarus segue com ela até à Travessa dos Caldeireiros. Não chegam, porém, a entrar na tasca. Rarus apercebe-se subitamente que está de novo a ser seguido. Dois indivíduos escuros espiam-no, para onde quer que ele vá, desde a manhã. Os namorados separam-se assim em frente à estalagem. Lucília corre para a mãe e conta-lhe radiante quão próximo o seu noivo está do grande César.

Entretanto, o jovem procura em vão livrar-se dos seus perseguidores.

Ficará a saber antes da meia-noite o que significa circular na vizinhança dos poderosos.

Pelas onze horas, Rarus está de novo no palácio sobre o Fórum. Um regimento de negros veio render a guarda do palácio. Os soldados estão na sua maioria bêbedos.

No seu pequeno compartimento por detrás da biblioteca, folheia febrilmente o “dossier” que o banqueiro espanhol lhe deu no dia anterior para ele entregar a César. César não o leu. Neste “dossier” figuram os nomes dos conspiradores. Encontra-os a todos — Bruto, Cássio, toda a “jeunesse dorée” de Roma, entre eles muitos que César considera seus amigos. E imprescindível que ele

leia o “dossier” imediatamente, ainda esta noite. Isso convencê-lo-á a procurar o carro de bois de Terentius Scaper.

Pega no “dossier” e põe-se a caminho. Os corredores estão mergulhados numa semi-obscuridade; da outra ala chega-lhe o som de cânticos entoados por vozes embriagadas. A entrada do átrio estão de sentinela dois negros gigantescos. Não o querem deixar passar. Não percebem o que ele diz.

Tenta prosseguir noutra direcção, de tal maneira o palácio é vasto. Também por aí há guardas negros a barrarem-lhe a passagem. Tenta corredores e jardins da frente pelos quais se pode penetrar trepando a uma janela, mas tudo está trancado. Ao regressar esgotado ao seu quarto, julga avistar o vulto de um homem ao fundo do corredor. É um dos seus perseguidores.

Tomado de pânico, precipita-se no aposento e tranca a porta. Não acende qualquer luz e espreita da janela para o pátio. Avista, sentado diante da sua janela, o segundo perseguidor. É inundado por suores frios.

Fica sentado no quarto às escuras durante muito tempo, de ouvido alerta. Uma vez, bateram à porta. Rarus não abre. Não vê assim o homem que, depois de ter esperado algum tempo, se afasta da porta: César.

Desde a meia-noite que Terentius Scaper aguarda com o carro de bois junto ao Pórtico do Sul. O veterano disse apenas à mulher e aos filhos que aceitara transportar uma carga, o que o levaria a ausentar-se de Roma por alguns dias. Lucília e a mãe deveriam ir ter com Rarus, que cuidaria delas.

No entanto, ninguém compareceu essa noite junto ao Pórtico do Sul para tomar lugar no carro de bois.

Na madrugada de 15 de Março, o ditador é informado de que o seu secretário foi assassinado no palácio durante a noite. A lista com os nomes dos conspiradores desapareceu. César irá encontrar-se no Senado, na manhã desse mesmo dia, com os titulares desses nomes e sucumbirá às suas punhaladas.

Um carro de bois, conduzido por um velho soldado que é também um caseiro arruinado, fará o caminho de volta até uma estalagem dos arrabaldes, onde o aguarda uma pequena família a quem o grande César deve trezentos sestércios...

In “Histórias de Almanaque”

Com cuidado examino

Com cuidado examino
Meu plano: ele é
Grande, ele é
Irrealizável.

Como bem sei

Como bem sei
Os impuros viajam para o inferno
Através do céu inteiro.
São levados em carruagens transparentes:
Isto embaixo de vocês, lhes dizem
É o céu.
Eu sei que lhes dizem isso
Pois imagino
Que justamente entre eles
Há muitos que não o reconheceriam, pois eles
Precisamente
Imaginavam-no mais radiante

Da amabilidade do mundo

1

Numa noite fria, nessa terra crua
Cada qual nasceu, uma criança nua.
E ali ficou, criatura sem dono
Quando uma mulher o envolveu num pano.

2

Ninguém o chamou, não era necessário.
Para trazê-lo não houve emissário.
Era um desconhecido, ser sem protecção
Quando um homem o tomou pela mão.

3

Numa noite fria, nessa terra crua
Cada qual leva a morte que e sua.
Cada homem certamente amou a vida
Coberto por palmos de terra batida.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Da complacência da natureza

Ah, a jarra de leite espumante inda busca
A boca babosa e sem dentes do velho senhor.
Ah, na perna do assassino que foge
Esfrega-se o cão à procura de amor.

Ah, o homem que fora da aldeia abusa da criança
Ainda recebe dos olmos a sombra gentil.
E suas pegadas sangrentas, bandidos, graças
À poeira cega e risonha ninguém viu.

E também o vento, aos gritos náufragos no mar
Mistura o sussurro da folhagem na orla
E levanta cortês o avental pobre da moça
Para que o forasteiro com sífilis a aprecie melhor.

E à noite o gemido fundo e lascivo da mulher
Cobre o choro da criança no canto do quarto.
E na mão que bateu no menino cai carinhosa
A maçã da árvore mais exuberante de um ano farto.

Ah, como brilha o olho claro da criança
Vendo o pai deitar à terra o boi e sacar o punhal!
E como arfam as mulheres o peito onde mamaram seus filhos
Vendo as tropas cruzarem a vila ao som da banda marcial.

Ah, nossas mães têm seu preço, nossos filhos se aviltam
Pois os marujos do barco que afunda anseiam qualquer pedaço de chão
E o moribundo só implora do mundo poder ainda lutar e
Alcançar o canto do galo e enxergar da aurora o primeiro clarão.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Da sedução dos Anjos

Anjos seduzem-se: nunca ou a matar.
Puxa-o só para dentro de casa e mete-lhe
a língua na boca e os dedos sem frete
Por baixo da saia até se molhar
Vira-o contra a parede, ergue-lhe a saia
E fode-o. Se gemer, algo crispado
Segura-o bem, fá-lo vir-se em dobrado
Para que do choque no fim te não caia.

Exorta-o a que agite bem o cú
Manda-o tocar-te os guizos atrevido
Diz que ousar na queda lhe é permitido
Desde que entre o céu e a terra flutue —

Mas não o olhes na cara enquanto fodes
E as asas, rapaz, não lhas amarrotas.

De que serve a Bondade

1

De que serve a bondade

Se os bons são imediatamente liquidados, ou são liquidados

Aqueles para os quais eles são bons?

De que serve a liberdade

Se os livres têm que viver entre os não-livres?

De que serve a razão

Se somente a desrazão consegue o alimento de que todos necessitam?

2

Em vez de serem apenas bons, esforcem-se

Para criar um estado de coisas que torne possível a bondade

Ou melhor: que a torne supérflua!

Em vez de serem apenas livres, esforcem-se

Para criar um estado de coisas que liberte a todos

E também o amor à liberdade

Torne supérfluo!

Em vez de serem apenas razoáveis, esforcem-se

Para criar um estado de coisas que torne a desrazão de um indivíduo

Um mau negócio.

Desmedido eu que vivo com medida

Desmedido eu que vivo com medida
Amigos, deixai-me que vos explique
Com grosseiras palavras vos fustigue
Como se aos milhares fossem nesta vida!

Há palavras que a foder dão euforia:
Para o fodedor, foda é palavra louca
E se a palavra traz sempre na boca
Qualquer colchão furado o alivia.

O puro fodilhão é de enforcar!
Se ela o der até se esvaziar:
Bem. Maré não lava o que a árvore retém!

Só não façam lavagem ao juízo!
Do homem a arte é:
foder e pensar.
(Mas o luxo do homem é: o riso).

Dificuldade de Governar

1

Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
O trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas
Se o chanceler não fosse tão inteligente. Sem o ministro da Propaganda
Mais nenhuma mulher poderia ficar grávida. Sem o ministro da Guerra
Nunca mais haveria guerra. E atrever-se ia a nascer o sol
Sem a autorização do Führer?
Não é nada provável e se o fosse
Ele nasceria por certo fora do lugar.

2

E também difícil, ao que nos é dito,
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado
Ele nunca chegaria ao campo sem
As palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem,
De outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados? E que
Seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia batatas.

3

Se governar fosse fácil
Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Führer.
Se o operário soubesse usar a sua máquina
E se o camponês soubesse distinguir um campo de uma forma para tortas
Não haveria necessidade de patrões nem de proprietários.
E só porque toda a gente é tão estúpida
Que há necessidade de alguns tão inteligentes.

4

Ou será que
Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira
São coisas que custam a aprender?

Tradução. *Arnaldo Saraiva*

Do prazer dos homens casados

Mulheres minhas, infiéis, adoro amá-las:
Vêm meu olho em sua pelve embutido
E têm de encobrir o ventre já enchido
(Como dá gozo assim observá-las).

Na boca ainda o sabor do outro homem
Ela é forçada a dar-me tesão viva
Com essa boca a rir para mim lasciva
Outro caralho ainda no frio abdômen!

Enquanto a contemplo, quieto e alheio
Do prato do seu gozo comendo os restos
Esgana no peito o sexo, com seus gestos

Ao escrever os versos, ainda eu estava cheio!
(O gozo ia eu pagar de forma extrema
Se as amantes lessem este poema.)

Do rio que tudo arrasta

Do rio que tudo arrasta se
diz que é violento
Mas ninguém diz violentas as
margens que o comprimem

Elogio da Dialéctica

A injustiça avança hoje a passo firme
Os tiranos fazem planos para dez mil anos
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são
Nenhuma voz além da dos que mandam
E em todos os mercados proclama a exploração;
isto é apenas o meu começo

Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos

Quem ainda está vivo não diga: nunca
O que é seguro não é seguro
As coisas não continuarão a ser como são
Depois de falarem os dominantes
Falarão os dominados
Quem pois ousa dizer: nunca
De quem depende que a opressão prossiga? De nós
De quem depende que ela acabe? Também de nós
O que é esmagado que se levante!
O que está perdido, lute!
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha
E nunca será: ainda hoje
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã

Elogio da Dialética

A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.
Só a força os garante.
Tudo ficará como está.
Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.
No mercado da exploração se diz em voz alta:
Agora acaba de começar.
E entre os oprimidos muitos dizem:
Não se realizará jamais o que queremos!
O que ainda vive não diga: jamais!
O seguro não é seguro. Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem
falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.
E o “hoje” nascerá do “jamais” .

Elogio do Revolucionário

Quando aumenta a repressão, muitos desanimam.
Mas a coragem dele aumenta.
Organiza sua luta pelo salário, pelo pão
e pela conquista do poder.
Interroga a propriedade:
De onde vens?
Pergunta a cada idéia:
Serves a quem?
Ali onde todos calam, ele fala
E onde reina a opressão e se acusa o destino,
ele cita os nomes.
À mesa onde ele se senta
se senta a insatisfação.
À comida sabe mal e a sala se torna estreita.
Aonde o vai a revolta
e de onde o expulsam
persiste a agitação.

Epístola sobre o suicídio

Matar-se
É coisa banal.
Pode-se conversar com a lavadeira sobre isso.
Discutir com um amigo os prós e os contras.
Um certo *pathos*, que atrai
Deve ser evitado.
Embora isto não precise absolutamente ser um dogma.
Mas melhor me parece, porém
Uma pequena mentira como de costume:
Você está cheio de trocar a roupa de cama, ou melhor
Ainda:
Sua mulher foi infiel
(Isto funciona com aqueles que ficam surpresos com essas coisas
E não é muito impressionante.)
De qualquer modo
Não deve parecer
Que a pessoa dava
Importância demais a si mesmo

Tradução de *Paulo César de Souza*

Epitáfio para Gorki

Aqui jaz
O enviado dos bairros da miséria
O que descreveu os atormentadores do povo
E aqueles que os combateram
O que foi educado nas ruas
O de baixa extração
Que ajudou a abolir o sistema de Alto a Baixo
O mestre do povo
Que aprendeu com o povo.

Essa confusão babilônica

Essa confusão babilônica das palavras
Vem de que são a língua
De decadentes.
O fato de não mais os entendermos
Vem de que não mais adianta
Entendê-los.
De que adianta
Contar aos mortos como teriam
Vivido melhor. Não procure mover
Um morto enrijecido
Fazê-lo perceber o mundo.
Não brigue
Com aquele pelo qual
Os jardineiros já esperam
Melhor ser paciente.

Recentemente quis
Contar-lhes com astúcia
A história de um comerciante de trigo
De Chicago. Em meio à palestra
Minha voz me deixou de repente
Pois eu havia
Subitamente percebido
Que esforço me custaria
Contar essa história aos ainda não nascidos
Que no entanto nascerão
E viverão em épocas bem diferentes
E felizardos! não mais poderão
Compreender o que é um comerciante de trigo
Assim como é entre nós.

Então comecei a explicar isso a eles. E no espírito
Parecia-me que falava durante sete anos
Mas deparei somente
Com um silencioso balançar da cabeça
Em meus ouvintes não-nascidos.
Então percebi que
Falava de algo
Que um homem não pode entender.

Eles me disseram: Vocês deveriam
Ter mudado suas casas, sua comida
ou vocês. Diga-nos, não havia
Um modelo para vocês, mesmo que
Somente em livros de épocas anteriores
Modelos de homens, desenhados ou
Descritos, pois nos parece que
O seu motivo era mesquinho
Fácil de ser mudado, quase qualquer um
Podia percebê-lo como falso, desumano e sem igual.
Não havia um velho
Plano simples, pelo qual se
Orientassem em sua confusão?

E disse: Os planos existiam
Mas vejam, eles estavam cinco vezes
Cobertos com novos signos, ilegíveis
O modelo alterado cinco vezes, conforme
Nossa imagem degradada, de modo que
Nesses relatos mesmo nossos pais
Assemelhavam-se apenas a nos.
Com isso perderam o ânimo e me despacharam
Com o lamento displicente
De gente feliz.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Esse Desemprego!

Meus senhores, é mesmo um problema
Esse desemprego!
Com satisfação acolhemos
Toda oportunidade
De discutir a questão.
Quando queiram os senhores! A todo momento!
Pois o desemprego é para o povo
Um enfraquecimento.
Para nós é inexplicável
Tanto desemprego.
Algo realmente lamentável
Que só traz desassossego.
Mas não se deve na verdade
Dizer que é inexplicável
Pois pode ser fatal
Difícilmente nos pode trazer
A confiança das massas
Para nós imprescindível.
É preciso que nos deixem valer
Pois seria mais que temível
Permitir ao caos vencer
Num tempo tão pouco esclarecido!
Algo assim não se pode conceber
Com esse desemprego!
Ou qual a sua opinião?
Só nos pode convir
Esta opinião: o problema
Assim como veio, deve sumir.
Mas a questão é: nosso desemprego
Não será solucionado
Enquanto os senhores não
Ficarem desempregados!

Eu sempre pensei

E eu sempre pensei: as mais simples palavras
Devem bastar. Quando eu disser como e
O coração de cada um ficará dilacerado.
Que sucumbiras se não te defenderes
Isso logo verás.

Expulso por bom motivo

Eu cresci como filho
De gente abastada. Meus pais
Me colocaram um colarinho, e me educaram
No hábito de ser servido
E me ensinaram a dar ordens. Mas quando
Já crescido, olhei em torno de mim
Não me agradaram as pessoas da minha classe e me juntei
À gente pequena.
Assim
Eles criaram um traidor, ensinaram-lhe
Suas artes, e ele
Denuncia-os ao inimigo.
Sim, eu conto seus segredos. Fico
Entre o povo e explico
Como eles trapaceiam, e digo o que virá, pois
Estou instruído em seus planos.
O latim de seus clérigos corruptos
Traduzo palavra por palavra em linguagem comum,
Então
Ele se revela uma farsa. Tomo
A balança da sua justiça e mostro
Os pesos falsos. E os seus informantes relatam
Que me encontro entre os despossuídos, quando
Tramam a revolta.
Eles me advertiram e me tomaram
O que ganhei com meu trabalho. E quando me corrigi
Eles foram me caçar, mas
Em minha casa
Encontraram apenas escritos que expunham
Suas tramas contra o povo. Então
Enviaram uma ordem de prisão
Acusando-me de ter idéias baixas, isto é
As idéias da gente baixa.
Aonde vou sou marcado
Aos olhos dos possuidores.
Mas os despossuídos
Lêem a ordem de prisão
E me oferecem abrigo. Você, dizem
Foi expulso por bom motivo.

Há homens que lutam um dia

Há homens que lutam um dia, e são bons;
Há outros que lutam um ano, e são melhores;
Há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons;
Porém há os que lutam toda a vida
Estes são os imprescindíveis

Hino a Deus

1

No fundo dos vales escuros morrem os famintos.
Mas você lhes mostra o pão e os deixa morrer.
Mas você reina eterno e invisível
Radiante e cruel, sobre o plano infinito.

2

Deixou os jovens morrerem, e os que fruía a vida
Mas os que desejavam morrer, não permitiu...
Muitos daqueles que agora apodreceram
Acreditavam em você, e morreram confiantes.

3

Deixou os pobres pobres, ano após ano
Porque o desejo deles era mais belo que o seu céu
Infelizmente morreram antes que chegasse com a luz
Morreram bem-aventurados, no entanto e apodreceram imediatamente.

4

Muitos dizem que você não existe e que é melhor assim.
Mas como pode não existir o que pode assim enganar?
Se tantos vivem de você, e de outro modo não poderiam morrer
Diga-me, que importância pode ter então que você não exista?

Tradução de *Paulo César de Souza*

Jamais te amei tanto

Jamais te amei tanto, ma soeur
Como ao te deixar naquele pôr do sol
O bosque me engoliu, o bosque azul, ma soeur
Sobre o qual sempre ficavam as estrelas pálidas
No Oeste.
Eu ri bem pouco, não ri, ma soeur
Eu que brincava ao encontro do destino negro —
Enquanto os rostos atrás de mim lentamente
Iam desaparecendo no anoitecer do bosque azul.
Tudo foi belo nessa tarde única, ma soeur
Jamais igual, antes ou depois —
É verdade que me ficaram apenas os pássaros
Que à noite sentem fome no negro céu.

Lendo Horácio

Mesmo o dilúvio
Não durou eternamente.
Veio o momento em que
As águas negras baixaram.
Sim, mas quão poucos
Sobreviveram!

Lista de preferências

Alegrias, as desmedidas.
Dores, as não curtidas.

Casos, os inconcebíveis.
Conselhos, os inexequíveis.

Meninas, as veras.
Mulheres, insinceras.

Orgasmos, os múltiplos.
Ódios, os mútuos.

Domicílios, os passageiros.
Adeuses, os bem ligeiros.

Artes, as não rentáveis.
Professores, os enterráveis.

Prazeres, os transparentes.
Projectos, os contingentes.

Inimigos, os delicados.
Amigos, os estouvados.

Cores, o rubro.
Meses, outubro.

Elementos, os fogos.
Divindades, o logos.

Vidas, as espontâneas.
Mortes, as instantâneas.

Maria sejas louvada

Maria sejas louvada
Como és tão apertada
Uma virgindade assim
É coisa demais p'ra mim.

Seja como for o sêmen
Sempre o derramo expedito:
Ao fim dum tempo infinito
Muito antes do amen.

Maria sejas louvada
Tua virgindade encruada
'Inda me pões fora de mim.
Porque és tão fiel assim?

Por que devo eu, que dialho
Só porque esperaste tanto
Logo eu, o teu encanto
Em vez doutro ter trabalho?

Maria

A noite de seu primeiro parto
Havia sido fria. Mas anos depois
Ela esqueceu inteiramente
A frieza nas vigas sujas e no forno fumegante
E o esforço ao expulsar a placenta, já de manhã.
Mas sobretudo esqueceu a amarga vergonha
De não poder estar só
Comum aos pobres.
Principalmente por essa razão
É que anos depois aquilo tornou-se uma festa
Com todos presentes.
A conversa rude dos pastores calou.
Depois tornaram-se reis na história.
O vento, que era muito frio
Transformou-se em coro de anjos.
Sim, do buraco no teto que deixava passar o gelo ficou apenas
A estrela que olhava através dele.
Tudo isso
Veio do rosto de seu filho, que era leve
Amava o canto
Chamava a si os pobres
E tinha o hábito de viver entre reis
E de ver sobre si uma estrela na hora da noite.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Na Guerra muitas coisas crescerão

Ficarão maiores As propriedades dos que possuem
E a miséria dos que não possuem
As falas do Fuhrer
E o silêncio dos guiados.

Na morte de um combatente da Paz

À memória de Carl von Ossietzky
Aquele que não cedeu Foi abatido
O que foi abatido
Não cedeu.
A boca do que preveniu
Está cheia de terra.
A aventura sangrenta
Começa.
O túmulo do amigo da paz
É pisoteado por batalhões.
Então a luta foi em vão?
Quando é abatido o que não lutou só
O inimigo
Ainda não venceu.

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

Não deveríamos mostrar-nos tão críticos

Não deveríamos mostrar-nos tão críticos
Entre o sim e o não
Não há tanta diferença como isso.
Escrever numa folha em branco
É bom
Mas não menos bom é dormir e comer à noite
A água fresca sobre a pele o vento
Os fatos bonitos
O ABC
Defecar.
Falar de corda em casa de enforcado
É contrário à boa educação
E marcar no meio do lixo
Uma nítida diferença entre
A argila e o esmeril
Não parece conveniente.
Ah,
E o que fizer alguma idéia
Do que é um céu estrelado
Esse
Pode muito bem calar o bico.

Não digo nada contra Alexandre

Timur, ouvi dizer, deu-se ao trabalho de conquistar a terra.
Eu não o entendo:
Com um pouco de cachaça a gente esquece a terra.
Não digo nada contra Alexandre.
Apenas
Conheci pessoas nas quais
Era notável
Muito digno da vossa admiração
O fato de que
Simplesmente vivessem.
Os grandes homens transpiram suor demais.
Eu vejo em tudo apenas a prova
De que não agüentariam ser sós
E fumar
E beber
E coisas assim.
E devem ser muito mesquinhos
Para que lhes possa contentar
Fazer companhia a uma mulher.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Não necessito de pedra tumular

Não necessito de pedra tumular, mas
Se necessitarem de uma para mim
Gostaria que nela estivesse:
Ele fez sugestões
Nos as aceitamos.
Por tal inscrição
Estaríamos todos honrados.

Não se deve ser crítico demais

Não se deve ser crítico demais.
Entre sim e não
Não é tão grande a diferença.
Escrever no papel em branco
É uma coisa boa, e também
Dormir e comer à noite.
A água fresca na pele, o vento
As roupas agradáveis
O ABC
A defecação.
Falar de corda em casa de enforcado
Não é apropriado.
E na lama
Ver uma clara diferença
Entre argila e marga
Não convém
Ah
Quem é capaz de imaginar
Um céu de estrelas
Esse
Bem poderia calar a boca.

Tradução de *Paulo César de Souza*

No Muro estava escrito com giz

No Muro estava escrito com giz:
Eles querem a guerra.
Quem escreveu
Já caiu.

No segundo ano da minha fuga

No segundo ano da minha fuga
Li em um jornal, em língua estrangeira
Que eu havia perdido minha cidadania.
Não fiquei triste nem alegre
Ao ver meu nome entre muitos outros
Bons e maus.
A sina dos que fugiam não me pareceu pior
Do que a sina dos que ficavam.

Nós vos pedimos com insistência

Nós vos pedimos com insistência
não digam nunca:
isso é natural!
diante dos acontecimentos de cada dia
numa época em que reina a confusão
em que corre o sangue
em que o arbítrio tem força de lei
em que a humanidade se desumaniza
não digam nunca:
isso é natural!
para que nada possa ser imutável!

O analfabeto político

O pior analfabeto
é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala;
nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo de vida,
o preço do feijão,
do peixe,
da farinha, do aluguel,
do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro
que se orgulha e estufa o peito,
dizendo que odeia política.
Não sabe o imbecil que,
da sua ignorância política,
nasce a prostituta,
o menor abandonado, o assaltante
e o pior de todos os bandidos:
que é o político vigarista,
pilantra, o corrupto
e lacaios das empresas nacionais e multinacionais.

O balanço

Vejo bem esse sistema.
Que a gente aliás conhece há muito, de fora,
mas cujo mecanismo ainda é ignorado.
Alguns — poucos — estão sentados no alto
e um grande número em baixo.
E os de cima gritam: Subam,
para que fique todo o mundo no alto!
Mas olhando de mais perto, a gente percebe
alguma coisa de obscuro que parece um caminho.
Na verdade é uma prancha,
e se vê nitidamente
que se trata de uma gangorra.
Todo o sistema é um jogo de balanço,
cujas extremidades dependem uma da outra.
E estes só estão em cima
porque os outros estão todos embaixo
e enquanto eles permanecerem aí.
Porque se eles saíssem do seu lugar
e comesassem a subir
os primeiros também teriam que sair do seu lugar.
De forma que é fatal que eles desejem
que os outros, por toda a eternidade
fiquem embaixo sem poder subir.
E é necessário também que os de baixo sejam mais
numerosos ou a prancha vacilaria, já que é uma
gangorra.

O Casamento do Pequeno Burguês (Die Kleinbürgerhochzeit)

PERSONAGENS

O PAI DA NOIVA
A MÃE DO NOIVO
A NOIVA
SUA IRMÃ
O NOIVO
SEU AMIGO
A MADAME
SEU MARIDO
O MOÇO

Uma sala pintada de branco com uma grande mesa retangular no centro. Acima da mesa, um lampião de papel vermelho. Nove cadeiras de madeira, simples e com braços. Na parede: à direita uma “chaise longue”, à esquerda uma cristaleira. Entre elas, uma porta. No fundo, ao lado esquerdo, uma mesinha baixa com duas poltronas. Na frente, à esquerda, uma porta e à direita uma janela. A mesa, as cadeiras e a cristaleira são de madeira bruta, não polida. É noite. O lampião vermelho está aceso. Os convidados do casamento estão sentados ao redor da mesa comendo.

A MÃE *trazendo um prato* — Aqui está o bacalhau!

Murmúrios de elogios.

O PAI — Isso me faz lembrar de uma história!

A NOIVA — Come papai! O senhor sempre perde a vez!

O PAI — Primeiro a história. No dia da minha confirmação o seu falecido tio estava... não, essa já é uma outra história... Bem, todos nós estávamos comendo peixe, todos juntos, quando de repente, ele se engasgou com uma espinha. Vocês devem tomar muito cuidado com estas malditas espinhas! Bem, então ele engasgou e começou a sacudir os braços e as pernas, como se estivesse remando...

A MÃE — Jakob, o rabo é seu!

O PAI — ... como se estivesse remando e a ficar azul como uma carpa e derrubou um copo de vinho! Nos pregou um susto o desgraçado! Aí bateram nas costas dele como se ele fosse um tambor e ele vomitou tudo por cima da mesa. Não se podia comer mais ali — nós ficamos contentes porque fomos comer tudo lá fora, sozinhos, afinal era a minha confirmação — então vomitou tudo por cima da mesa e quando nós conseguimos deixar ele em forma de novo, ele disse com uma voz bem profunda e feliz, ele era ótimo baixo e cantava no coral, sobre isso também tem uma história ótima, então ele disse...

A MÃE — Meu peixe está bom? Por que ninguém diz nada?

O PAI — Hum, delicioso! Então ele disse...

A MÃE — Mas você ainda nem provou!
O PAI — Eu vou comer agora! Então ele disse...
A MÃE — Jakob, come mais um pedaço.
O NOIVO — Mamãe, meu sogro está contando uma história!
O PAI — Muito obrigado, Jakob. Então, o bacalhau... Ah, sim, ele disse:
“Crianças, eu quase me engasguei!” E a comida ficou toda estragada.

Risos.

O NOIVO — Muito bem!
O MOÇO — Ele fala como um livro!
A IRMÃ — Ai, agora eu não quero mais comer peixe!
O NOIVO — Claro, as franguinhas não comem peixe, são vegetarianas.
A MADAME — A luz elétrica ficou pronta?
A NOIVA — Ina! Não se usa faca para comer peixe!
O MARIDO — Luz elétrica é de mau gosto, assim como está é bem melhor.
A IRMÃ — É muito mais romântico.
A MADAME — É, mas isso aí nos deixa sem luz!
O AMIGO — Esta iluminação é a ideal para uma bacalhoadada!
O MOÇO *para a irmã* — Você acha? Você é romântica?
A IRMÃ — Sim. Muito! Eu adoro Heine! Ele tem um perfil tão lindo!
O PAI — Morreu de tuberculose na medula da espinha.
O MOÇO — Uma doença terrível!
O PAI — O tio do velho Weber tinha um irmão que foi atacado por esta doença. Quando ele contava era horrível! Naquela noite, nem se podia dormir! Por exemplo, uma vez ele me contou...

A NOIVA — Papai, por favor! Isso é tão indecente!

O PAI — O quê?

A NOIVA — Tuberculose na medula da espinha!

A MÃE — Como é que está meu peixe, Jakob?

A MADAME — Excelente! E esta noite todos nós queremos dormir, não é?

O AMIGO *ao noivo* — Saúde, meu chapa!

O NOIVO — Saúde a todo mundo!

Brindam

A IRMÃ *ao moço, sussurrando* — Nestas circunstâncias!

O MOÇO — Você acha inadequado? *Continuam sussurrando.*

A MADAME — Que cheirinho bom está aqui dentro!

O AMIGO — Simplesmente embriagador!

A MÃE — O noivo gastou meio vidro de água de colônia!

O MOÇO — Que cheiro maravilhoso! *Volta a conversar com a menina.*

A MADAME — É verdade que foram vocês mesmos que fizeram todos os móveis, inclusive a cristaleira?

A NOIVA — Todos. Meu marido desenhou, comprou a madeira, cortou, aplainou e depois colou, fez tudo, tudo, e até que ficaram lindos, não é?

O AMIGO — Ficaram magníficos! Não sei onde foi arranjar tempo para tudo isso!

O NOIVO — De noite, às vezes ao meio-dia, mas a maior parte de manhã cedinho.

A NOIVA — Todo dia ele levantava às cinco horas da manhã para trabalhar!

O PAI — Uma obra-prima! Eu sempre dizia a ele: eu compro os móveis! Mas ele não quis! Esse aí é igualzinho ao Johannes Segmüller. Um dia ele queria...

A NOIVA — Ele queria fazer tudo sozinho. Depois nós vamos mostrar os outros móveis, sim?

A MADAME — Eles são fortes? Vão durar bastante?

A NOIVA — Vão durar muito mais do que a senhora ou do que todos nós! Nós sabemos como eles foram feitos! Meu noivo fez até a cola!

O NOIVO — Não se pode confiar nos móveis que se compram nas lojas, são todos uma porcaria.

O MARIDO — É uma boa idéia. Assim eles ficam sendo parte de nós mesmos e tomamos mais cuidado. À *madame, sua mulher*. Se você tivesse feito, você mesma, os nossos...

A MADAME — E por que não você? Estão vendo? Ele é assim mesmo!

O MARIDO — Não foi isso que eu quis dizer, você sabe muito bem!

O PAI — A história de Johannes Segmüller é muito engraçada!

A NOIVA — Só que eu nunca acho graça nas suas histórias!

A IRMÃ — Ai, Maria! Não seja grossa!

O NOIVO — Eu acho que meu sogro sabe contar as coisas muito bem.

O AMIGO — Fenomenal! Principalmente nos momentos mais engraçados das histórias.

A NOIVA — Mas ele fala demais!

O NOIVO — Bobagem!

O AMIGO — São marcantes! Simples! Plásticas!

A MADAME — E nós temos tempo de sobra!

A MÃE *entrando* — Agora, a sobremesa!

O PAI — Eu poderia encurtar a história. Umas seis ou sete frases... Vai rápido...

O AMIGO — Que perfume! Néctar e ambrosia!

A MÃE — É pudim com creme chantili!

O AMIGO — Estou quase não agüentando mais!

A MÃE — Jakob, este pedaço é seu! Não ponha creme demais! Não tem muito! Isso! Bom proveito!

A IRMÃ — Ai, eu sou louca por creme chantili!

O MOÇO — É mesmo?

A IRMÃ — É... Você tem que encher a boca. Aí parece que a gente não tem mais dentes!

A NOIVA — Mais creme, papai?

O PAI — Calma, calma! Johannes Segmüller, por exemplo, sempre dizia...

A NOIVA — Minha sogra, o creme de chantili está uma delícia! A senhora tem que me dar a receita!

O NOIVO *a sua mãe* — Só que ela nunca vai cozinhar tão bem quanto a senhora, mamãe...

A MÃE — Bem, é que eu pus três ovos!

A NOIVA — Ah, botando tudo isso...

A IRMÃ — Mas é preciso! Senão, não dá certo!

A MADAME — Principalmente ovos!

O AMIGO *ri tanto que engasga* — Ovos, ahahahahahaha, ovos, ahahaha... essa é, ahahah, muito boa... Ovos são muito bons, excelente; senão, ahaha, senão, ahahahahaha, não dá certo, ahahaha, essa é excelente... ahahaha. *Como ninguém ri, ele de repente, pára de rir e começa a comer rapidamente.*

O NOIVO *batendo-lhe nas costas* — Que foi?

A IRMÃ — O que é que tem? Os ovos são muito importantes mesmo!

O AMIGO *recomeça a rir* — Muito importantes! Ahahahah! Ai, que ótimo! Eu não tenho nada contra os ovos!

O PAI — Ah, sim... Estamos falando de ovos! Ovos! Uma vez, a tua falecida mãe; que Deus a tenha, me deu um ovo para comer numa viagem. Eu perguntei: Ele está duro? Como uma pedra! Me respondeu aquela santa mulher. Bem, eu acreditei nela e pus o ovo no bolso. No meio da viagem...

A NOIVA — Papai, por favor, me passa o creme!

O PAI — Toma. Mas eu estava no meio da viagem...

A MADAME *maliciosa* — A cama também foram vocês que fizeram?

O NOIVO — Fizemos! E de noqueira!

A NOIVA — Até que ficou boa!

A IRMÃ — Ai, eu acho que ficou um pouquinho larga demais.

A MADAME — É o que acontece. Quando a gente mesmo faz as próprias coisas...

O MARIDO — Mas ainda você nem viu...

O PAI — Eu queria dar para vocês uma cama muito boa! Uma herança da família! Tem valor de antiguidade! E também é sólida!

O AMIGO — Antigamente as pessoas sabiam fazer as coisas!

O MOÇO — As pessoas de hoje não são mais como as de antigamente.

O PAI — “Outras pessoas, outras camas!” é o que sempre dizia o velho Fritz Forst. Um homem muito original. Um dia ele chegou na igreja quando o padre estava bem...

A MÃE *entrando* — E agora os doces! Maria, vem me ajudar a trazer o vinho!

O NOIVO — Agora vamos molhar a garganta!

O PAI — Um momento! Falando em molhar... tem um caso que eu queria muito contar para vocês! Quando apareceram as primeiras privadas...

O NOIVO — Primeiro bebe um pouco deste vinho, meu sogro. Vinho não deixa a língua seca.

Servem o vinho

O AMIGO — Hum! É ouro engarrafado! E que buquê...

A MÃE — O que é que vocês dois estão aí conversando o tempo todo tão baixinho?

A IRMÃ *num salto* — Nós?... Nada! Ele só estava me dizendo...

O MARIDO *ao moço* — Já faz cinco minutos que você está pisando no meu pé. Por acaso o senhor está me achando com cara de piano e meu pé, um pedal?

O MOÇO — Desculpe, eu estava pensando...

O MARIDO — Ah, sim, você pensa... É ótimo pensar, mas por favor, não pense com os pés!

A MÃE — Me dá seu copo Jakob!

A MADAME — Por que você não bebe ao invés de ficar falando besteira?

Silêncio

O AMIGO — Mas o senhor estava falando de móveis de família e foi interrompido!

O PAI — Ah, sim, eu estava falando da cama! Muito obrigado! Obrigado! Maria, todo mundo da nossa família morreu naquela cama!

O NOIVO — Então vamos beber à saúde dos vivos, meu sogro! Saúde!

TODOS — Saúde!

O MARIDO *levantando* — Meus caros amigos...

A MADAME — Se você quer fazer alguma coisa de inteligente por seus caros amigos, então cale a boca!

O MARIDO *senta*.

O AMIGO — Por que o senhor não faz o discurso? Sua mulher só estava brincando...

A MADAME — Meu marido não entende de brincadeiras!

O MARIDO — Também eu não tinha nada a dizer. *Bebe*.

O MOÇO *levanta*.

A MADAME — Psiu!

A MÃE — Jakob, abotoe o colete! Assim não fica bem!

Neste momento, os sinos da igreja começam a tocar.

A IRMÃ — Os sinos, seu Mildner! É agora que você tem que fazer o discurso!

O AMIGO — Escutem... Que música! Eleva a alma...

A IRMÃ *ao noivo que está comendo* — Psiu!

A NOIVA — Deixa o Jakob comer!

O MOÇO *de pé, ereto* — Quando dois jovens: a pura noiva e o jovem noivo, amadurecidos nas tempestades da vida, atravessam os umbrais do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus! Quando a jovem noiva — *dirige-se a ela* — volta o olhar aos belos dias de sua infância, talvez seja possuída por uma suave melancolia. A partir deste momento deverá enfrentar a vida esta vida hostil... — *a*

noiva soluça — ... verdade que ao lado de um homem experiente, que montou a sua casa com as próprias mãos, e neste caso isso deve ser tomado literalmente, para receber, junto à eleita de seu coração, a alegria e a dor. Por isso bebamos à saúde destas duas almas jovens e nobres, que esta noite irão se pertencer, mutuamente, pela primeira vez. *A Madame dá uma gargalhada.* Pela primeira vez e por toda a eternidade! Em homenagem a esta aliança, eu peço a todos que cantem comigo “Deve ser uma coisa maravilhosa!” de Liszt! *Começa a cantar mas como ninguém o acompanha, ele senta.*

Silêncio

O AMIGO *à meia voz* — Ninguém sabe a música mas o discurso ele recitou muito bem.

A IRMÃ — Maravilhoso! Ela fala como um livro!

O MARIDO — Está na página 85 do “Manual do Orador”. E bem decorado.

A MADAME — Cria vergonha na cara!

O MARIDO — Quem, eu?

A MADAME — Você mesmo!

O MARIDO — O vinho está excelente!

Os sinos param de tocar. As pessoas relaxam.

O PAI — Eu estava contando a história da cama.

A NOIVA — Essa é velha, todo mundo já conhece!

O PAI — A da morte do seu tio-avô August?

A NOIVA — Essa mesma!

O NOIVO — Como foi mesmo que o seu tio-avô morreu?

O PAI — Não, primeiro vocês não me deixaram contar a história dos ovos, depois não me deixaram contar a história das privadas, apesar de ser ótima, não quiseram ouvir a história de Fritz Forst nem a Johannes Segmüller. Esta, é a verdade que é um pouquinho longa demais, mas não dura mais que dez minutos no máximo... bom, então fica pra depois... Mas como eu estava dizendo...

A MÃE — Jakob, enche os copos!

O PAI — Tio August morreu de barriga d’água!

O MARIDO — Saúde!

O PAI — Saúde! Barriga d’água. Primeiro começou no pé, mais precisamente nos dedos — depois foi subindo, foi subindo até o joelho! Aí não parou mais, desandou! Até que seu corpo inteiro começou a ficar escuro, a barriga começou a inchar... Eu sei que fizeram uma lavagem, mas mesmo assim...

O MARIDO — Saúde!

O PAI — Saúde! Saúde!... Eu sei que fazendo lavagem ou não já era tarde demais. Logo atacou o coração e acabou. Ele estava de cama... naquela cama que eu queria dar a vocês... ele estava estirado na cama e gemia como um elefante, ah é, ele parecia mesmo um elefante, estou falando das pernas dele. Aí, a irmã dele, a avó de vocês, lhe disse naquela grande aflição, já era madrugada, disseram que já estava clareando no quarto, aliás eu acho que ainda existem as cortinas, então ela lhe disse: “August, você quer um padre?” Ele não, respondeu nada, mas olhou o

teto — fazia isso há sete semanas, tanto tempo já durava aquilo, desde quando ele não pôde mais se deitar de lado — e disse: “É principalmente o pé”. Depois gemeu de novo. Mas mamãe não desistia, pois achava que se tratava de salvar uma lama, por isso, depois de meia hora, ela disse: “Então August, você não quer um padre?” Mas o tio, nem ao menos prestou atenção, e papai que estava junto, disse para ela: “Deixa ele. Está sentindo dor”. Papai era muito sensível. Mas ela não quis, por causa da alma, e elas são todas teimosas, e recomeçou: “August, é por causa da tua alma imortal”. Aí, papai contou mais tarde, o tio desviou os olhos da parede para a esquerda onde eles estavam parados e, ficando vesgo, disse uma coisa que eu não posso repetir aqui. Era um pouco grosseiro como o próprio Ti August, realmente não posso... mas a história, sabem... tenho de dizer ou não se compreende. Ele disse: “Enfia no...” Bom, vocês já sabem, não é? Quando tinha dito isso, com esforço, como se pode imaginar, ele morreu. È autêntico. A cama ainda existe até hoje. Está lá no sótão esperando vocês. *Bebe.*

Silêncio

A IRMÃ — Agora eu não tenho mais sede!

O AMIGO — Você não deve levar as coisas tão a sério, garota! Vamos lá, saúde! Foi uma história engraçada, só isso.

A NOIVA *cochichando ao noivo* — Realmente, ele bem que podia nos poupar esse papo ordinário.

O NOIVO — Deixa, Maria, assim ele fica contente!

O MOÇO — A iluminação que vocês montaram está perfeita!

A MÃE — Jakob, não corta os doces com a faca!

O PAI — Vamos dar uma olhadinha nos móveis!

A NOIVA — Claro, claro...

O AMIGO — O mais importante é que as cadeiras são bem largas. Tem lugar para dois.

A MADAME — Eu acho que os pés são muito finos.

O MOÇO — Pés finos tem classe!

A MADAME — Quem foi que disse?

A MÃE — Jakob! Não pode comer os doces com a mão?

A MADAME *levanta e dá uma volta na sala* — Ah... esta é a chaise longue... hum... é larga, mas é tão dura... não é lá muito confortável. Bem, já que foi feita em casa...

A NOIVA *levantando* — A cristaleira não é uma gracinha? Principalmente o trabalho de carpintaria! Não sei, outras pessoas não ligam para isso, dão dinheiro e em troca recebem um móvel fabricado... Pois é, um móvel. Sem alma, sem vida, sem nada. Nada mais que isso: um móvel. Agora os nossos móveis, fomos nós mesmos que fizemos, eles foram molhados com o nosso suor e carinho. Foram parte de nós mesmos!

O MARIDO *à sua mulher* — Mulher! Vem para cá e senta!

A MADAME — O que há? Eu só queria ver por dentro!

O MARIDO — Não se espia dentro do armário dos outros!

A MADAME — Mas eu não tenho má intenção. Você sempre tem que ficar com a última palavra! Está bem, então não! Por fora a cristaleira não é lá essas coisas. Essa carpintaria já não se usa mais, está fora de moda. Hoje as portas são de vidro, com cortinas coloridas. Mas por dentro pode ser bem interessante. Era exatamente isso que eu queria ver.

O MARIDO — Muito bem, mas agora senta!

A MADAME — Não me venha levantando a voz! Outra vez você bebeu demais! Vou botar água na sua bebida, você não suporta o álcool.

O NOIVO — Mas se a senhora quiser ver, tudo bem! Por favor! Seu interesse me deixa muito satisfeito. Aqui está a chave. Maria, você pode abrir?

A NOIVA — Eu não sei se... A chave é esta mesma? Não vira!

O NOIVO — Espera aí que eu vou te ensinar. Eu mesmo instalei a fechadura. *Tenta abrir. Maldição! Furioso. Merda!*

A NOIVA — Está vendo? Você também não conseguiu.

O NOIVO — Acho que forcei a fechadura. Não sei o que está acontecendo.

A MADAME — Ah, deixa, não faz mal! Pode ser que por dentro também não seja grande coisa. Então, não vale a pena... pelo jeito é quase impossível abrir esta cristaleira. É um de seus defeitos!

O MARIDO *ameaçando* — Eu já disse para você sentar! Chega! Já ouvi demais!

A IRMÃ — Ai, não! Já que estamos de pé por que não dançamos um pouco?

O MOÇO — Ótima idéia! Vamos afastar a mesa!

O NOIVO — Dançar é ótimo! Mas onde está a música?

O AMIGO — Eu Sei tocar violão. Ele está no corredor. *Vai pegar o violão.*

Todos estão de pé, o pai e o marido vão para a esquerda e sentam. Fumam. O noivo e o moço levantam a mesa e a afastam para a direita.

O MOÇO — É bom tomar cuidado.

O NOIVO — Para quê? Ela foi feita para agüentar o tranco! *Larga a mesa com força no chão. Um pé da mesa se solta.* Bem, vamos dançar.

O MOÇO — Está vendo? Você quebrou o pé. Se tivesse tomado mais cuidado...

A NOIVA — Quebrou alguma coisa?

O NOIVO — Não, não foi nada! Só uma coisinha. Vamos dançar!

A NOIVA — Por que você não toma cuidado?

A MADAME — Jakob você nunca deveria esquecer o suor que você derramou! Mas você não acha que uma boa cola seria melhor que suor?

O NOIVO — Língua de víbora! A senhora dança?

A MADAME — Por que você não abre o baile com sua mulher?

O NOIVO — Ah, é mesmo. Vem, Maria!

A NOIVA — Não! Agora eu quero dançar com seu Hans!

A IRMÃ — Ai, e eu? E eu? Com quem vou dançar?

A NOIVA *ao marido* — O senhor não dança?

O MARIDO — Não, minha mulher não deixa.

A IRMÃ — Mas o senhor devia dançar senão eu vou tomar chá de cadeira!

O MARIDO — Mas não é direito, uma vez que não quero... *Levanta e oferece seu braço.*

O AMIGO *afinando o violão, da chaise longue* — Eu posso tocar uma valsa! *Começa a tocar.*

Três pares dançam: o Noivo com a Madame, a Noiva com o Moço e a Irmã com o Marido.

A MADAME — Mais depressa! Mais depressa! Parece um carrossel!
A dança acelera e depois pára.

A MADAME — Foi ótimo. Não dançamos nada mal... *Se deixa cair com todo o seu peso na chaise longue. Um estalo. A madame e o amigo saltam.*

O AMIGO — Alguma coisa quebrou.

A MADAME — Alguma coisa quebrou e é claro que vão dizer que fui eu!

O NOIVO — Não, o que é isso? Não foi nada... Eu mesmo conserto.

A MADAME — É, você conhece muito bem os seus móveis. Isso é essencial.

A NOIVA — De certo, a dança foi um pouco rápida demais para a senhora, por isso caiu desse jeito.

A MADAME — É que seu marido tem um ímpeto!...

A IRMÃ — O senhor gostou?

O MARIDO — Muito! Desta vez gostei muito!

A MADAME — Você tem é que tomar cuidado com o coração!

O MARIDO — Você se preocupa com isso?

A MADAME — Claro, depois a enfermeira sou eu...

O NOIVO — Vamos sentar?

A MADAME *ao Amigo* — Você toca muito bem!

O AMIGO — Ora, vendo a senhora dançar...

O NOIVO — Não seja bobo! Vamos sentar! Então quer dizer que você gostou desta valsinha, não é?

O MOÇO — Muito! Vamos dançar mais um pouco?

O NOIVO — Não.

O PAI — Ainda tem vinho? Bebendo se conversa melhor.

O NOIVO — Vamos colocar a mesa no centro. *Faz o que diz com a ajuda do moço.* Desta vez vê se pelo menos toma amais cuidado!

A Mãe traz o vinho. Todos voltam a sentar, mas agora aprumando as cadeiras.

A MADAME — Por que você não canta alguma coisa? Eu adoro ouvir música!

O AMIGO — Eu não canto bem.

O NOIVO — Não faz mal. Canta pelo menos para animar um pouco a nossa festa!

A MADAME — De vez em quando, meu marido canta. E também toca violão.

O MOÇO — Ah, então toque!
A MADAME — Pega o violão!
O MARIDO — Não, eu não sei mais tocar.
A IRMÃ — Toque!
O MARIDO — E se eu não chegar até o fim?
A MADAME — É sempre assim!
A IRMÃ — Só uma!
O MARIDO — Pode ser que ainda me lembre de uma.
A MADAME — Antigamente ele tocava o tampo todo, mas depois que nos casamos, ele parou. Ele se dedica a me aborrecer. Antigamente, ele sabia uma porção de músicas, depois esqueceu um monte delas e cada vez sabia menos. Ele se perdia cada vez mais como se sofresse de marasmo, e no fim ele ainda sabia só uma. Cante essa agora!
O MARIDO — É, essa eu canto. *Dá um acorde no violão e começa muito entusiasmado:*
No bosque dos amantes
Um fantasma morava,
Ele tinha uma...
Pára.
Ele tinha uma...
Silêncio.
Esqueci. Não sei mais. Agora esqueci mais esta... Era a última...
A MADAME — Marasmo!
O NOIVO — Isso não é nada! Eu, por exemplo, não consigo cantar nenhuma nota.
O MOÇO — E se nós dançássemos mais um pouco, hem?
O AMIGO — Claro! Vamos dançar! Agora é a minha vez! Pelo menos uma valsa o senhor ainda sabe tocar, não é? Lá-maior e sétima! Por favor, dona Maria, agora é a minha vez.
A MADAME — Mas eu não quero mais dançar!
O NOIVO — Então vamos ficar olhando.
O PAI — Maria dança muito bem!
A Noiva dança com o Amigo.
O MARIDO *tirando alguns acordes do violão* — Lá maior é assim.
O AMIGO *com entusiasmo* — Você dança muitíssimo bem! Mais depressa!
O NOIVO — Ei! Cuidado para não cair!
A MADAME *ao Noivo* — Nunca me pegaram dançando desta forma!
A IRMÃ — A senhora gostaria?
A MADAME — Depende do homem.
O AMIGO *parando* — Meu sangue subiu à cabeça! Toma, Jakob, toma aqui tua patroa de volta! Ela dança como os anjos! Agora eu quero beber.
O PAI — Vamos voltar para a mesa! Assim não dá para conversar!

O NOIVO — É, vamos sentando! À *Noiva em voz baixa*: Ou você quer continuar dançando?

A NOIVA — Ah, é assim? Vamos trocar de lugar! Ao *Amigo*: Você vai sentar aqui! À *Madame*: A senhora não quer sentar lá? A *Madame senta ao lado do noivo*. Papai, o senhor fica na cabeceira.

A NOIVO *abre uma garrafa* — Agora vamos beber! Um brinde à nossa felicidade!

O MOÇO — Entre seus móveis!

O AMIGO — Construídos por ele mesmo!

O PAI — Saúde! Maria, quando você era uma criancinha que usava um vestidinho que vinha por cima dos joelhos, um dia eu te dei vinho. Seu avô achou muito engraçado: ele queria que você dançasse, mas você acabou dormindo.

A MADAME — Então nesse caso é melhor você parar de beber, não é, meu bem?

O MARIDO — Nunca vi alguém dançar assim tão bem!

O AMIGO — Ah!!! Agora estou bem-humorado! Até agora eu estava notando que o ambiente aqui estava meio frio. Mas agora a festa está melhorando. *Num salto*: Ai! Que é isso? *Olha a cadeira*. Fiquei preso numa coisa!

A NOIVA — Machucou?

O AMIGO — É uma lasca da madeira.

O NOIVO — Não faz mal...

O AMIGO — Não faz mal para a cadeira, mas era a melhor calça que eu tinha.

O NOIVO — E você vestiu essa calça só para o meu casamento?

O AMIGO — É. Mas agora eu vou cantar.

O NOIVO — Não é preciso. Se você não está com vontade, não precisa.

O AMIGO *procurando o violão* — Desta vez eu quero cantar!

O NOIVO — Não, eu quero dizer, se você ficou chateado...

O AMIGO — Eu não estou chateado.

O NOIVO — Estou falando da calça...

O AMIGO — Deixa, valeu pelo baile...

O PAI — Ah, sim! “Existe uma providência!”, Forst sempre dizia!

O AMIGO *canta a “Balada da Castidade em Tom Maior”* —

Oh! No escuro um no outro se fundiu

Oh! Estamos sós! Ela olhou e sentiu:

Ela é minha! Com desejo, ele pensou

A escuridão, o fogo da paixão, atçou

Mas ele só beijou a noiva no nariz:

“Minha noiva não é uma reles meretriz!”

Nisso, ele jamais pensou!

Ah! Como é quente sua mão!

Ah! Como bate o coração!

Das bocas saem quentes gemidos

Cuidado! Não vá perder os sentidos!
Ela só beijou o noivo no nariz:
“Eu não sou uma reles meretriz!”
Na hora, foi o que ela pensou!

Para ela ficar donzela
Uma puta ele foi procurar
Náusea e glória desta terra
A puta lhe soube ensinar
Mas o seu corpo era um abismo
Ele preferiu o ascetismo
E nisso ele não mais falou!

Para apagar o fogo
Que o puro noivo acendeu
Ela abriu o jogo
E, ao primeiro que veio, ela deu
(Debaixo da escada
Ela foi furada!)
Não era freira, mas a carícia
Mesmo brutal é sempre uma delícia
E sua fome, ela matou!

Hoje ele vive a se queixar:
A folia: pra que evitar?
Naquele mês de maio tão feliz
Ele só beijou a noiva no nariz
Ele como padre, ela como puta
Agora dizem para quem gosta:
“A Castidade é uma bela bosta!”

A Madame ri.

O NOIVO — Esta eu conheço. Uma das suas melhores canções. *À Madame:*
A senhora gostou? Eu vou buscar mais vinho.

O AMIGO — Ah, eu adoro essa música! Principalmente a moral da história! *À Noiva:* Como é, gostou?

A NOIVA — Não sei, acho que não entendi.

A MADAME — Que é isso, Maria? Ele não estava falando de você não, meu bem...

O PAI *inquieto* — Onde está Ina?

A NOIVA — Como o senhor quer que eu saiba?

O NOIVO — O sr. Mildner também desapareceu. Não entendo porque ele foi convidado...

A NOIVA — É o filho do zelador!

O NOIVO — Então é um lacaio.

A NOIVA — Eles devem ter saído.

O PAI — Que bom! Pelo menos eles não ouviram a música. Maria, vai ver onde eles estão!

A MADAME — Eu acho que eles ouviram a música e foram aplicar a lição.

O MARIDO — Sua mãe também está na cozinha.

O NOIVO — Ah, ela está fazendo mais creme...

A NOIVA *falando baixo ao noivo* — Que indecência!

O NOIVO — Depois do jeito que você dançou com ele...

A NOIVA — Estou morta de vergonha!

O NOIVO — Por causa do baile?

A NOIVA — Não! Por causa dos seus amigos! *Sai.*

O AMIGO — Eu estou muito bem. Agora eu estou muito bem. Quando bebo, eu me sinto como Deus!

O NOIVO — Não, você devia Ter dito: quando Deus bebe, ele se sente como um secretário.

O AMIGO *ri um pouco excitado* — Olha aí, parabéns! Não é sempre que você dá uma dentro!

O MARIDO — Isso me faz lembrar uma anedota! Um dia o bom Deus sentiu necessidade de passear incógnito, disfarçado. Mas esqueceu de colocar a gravata! Então foi reconhecido e levado para um hospício!

O AMIGO — Que pena, o senhor contou tão mal. Perdeu toda a graça.

O PAI — Essa é boa, mas Joseph Schmidt, um dia até ele foi parar num hospício, no meio dos loucos! Foi assim, ele...

Entram, a Irmã, a Noiva e o Moço.

A IRMÃ — Nós ajudamos a mamãe a fazer o creme.

O NOIVO — Tudo bem. Nós estamos contando piadas.

O MOÇO — O creme está delicioso!

A MADAME — Vocês fizeram o creme no fogão?

A IRMÃ — Não, aqui em casa não fazemos creme no fogão!

A MADAME — Pensei que você fosse dizer “É claro, nós fizemos o creme no fogão”, porque você s estão vermelhos como uma brasa! *Ela ri, se joga na cadeira, um estalo. Ai! Levanta.*

O AMIGO — Quebrou alguma coisa?

A MADAME — Acho que a cadeira...

O NOIVO — Não pode ser! Pode rebolar em cima dela! Eu fiz as cavilhas de três centímetros!

A MADAME — Eu não tenho mais coragem de me sentar aí. Vou me sentar na chaise longue.

A IRMÃ — A senhora já sentou lá e agora está com um pé quebrado!

O AMIGO *examinando a cadeira de Madame* — Realmente, por aqui tem alguma coisa que não vai bem. Desta vez não foi uma lasquinha só, não. Olha aqui, pessoal, é melhor tomar cuidado com as roupas!

O NOIVO *se aproximando* — Ah, é... Essa é a cadeira que já tinha problemas, As cavilhas não foram suficientes. Eu não sabia que era *essa* cadeira, senão teria pedido que se sentasse numa outra.

A NOIVA — Então teria sido *aquela* cadeira!

O MARIDO — Aqui tem uma cadeira sobrando.

Silêncio.

A MÃE — Agora o creme e o ponche!

O AMIGO — Magnífico! O ponche! *Atira-se em uma cadeira, cujo braço se quebra.* Desta vez foi só o braço. Não faz mal. Vamos beber, minha gente! *O braço da cadeira cai.*

O NOIVO — Isso é o que se chama de um ambiente festivo! Saúde!

TODOS — Saúde!

O NOIVO *à sua mãe* — Mamãe! Eu faço este brinde à senhora!

A MÃE — É, mas não vai derramar ponche no colete! Olha aí, já tem uma mancha!

O PAI — Por falar em cadeiras, Rosenberg e Companhia tinha sempre para os seus clientes umas cadeiras tão baixas que os joelhos vinham parar na mesma altura das cabeças. Os clientes ficavam tão rebaixados que o Rosenberg e Companhia fez uma fortuna! Com o dinheiro, ele pôde comprar uma casa maior, equipou o seu escritório com móveis de primeira mas conservou as cadeiras! Ele sempre, dizia muito emocionado: eu comecei com estes móveis tão simples... Não vai ser agora que eu vou me esquecer deles para não perder minha humildade e Deus não me castigar!

A MADAME — Mas eu não tive intenção de quebrar as cadeiras! A culpa não foi minha!

O MARIDO — Ninguém disse nada!

A MADAME — Por isso mesmo! Eu sei que agora quem vai levar a culpa sou eu!

O AMIGO — Estou sentindo uma nota falsa em algum lugar... Vocês querem que eu cante mais alguma coisa?

O NOIVO — Se não estiver cansado?

O AMIGO — Cansado de quê?

O NOIVO — De dançar e beber. Afinal, você é doente do estômago.

O AMIGO — Eu não tenho doença do estômago.

O NOIVO — Mas você sempre toma bicarbonato.

O AMIGO — Isso não quer dizer que eu esteja doente.

O NOIVO — Eu só estou dizendo para o seu bem.

O AMIGO — Você é muito gentil mas eu não estou cansado.

Silêncio.

O MOÇO — Vocês viram uma peça de teatro chamada “Baal”?

O MARIDO — Eu vi. Uma merda!

O MOÇO — Mas ela é muito forte.

O MARIDO — Então é uma merda muito forte! Isso é pior do que uma merda fraca! Ser talentoso para porcarias desculpa a pessoa? Além disso, você não deveria ter visto!

Silêncio.

O PAI — Os escritores de hoje em dia arrastam a vida da família para a lama! Portanto o que há de melhor entre nós...

O AMIGO — É isso mesmo!

Silêncio.

O NOIVO — Bem, não é por causa disso que nós vamos ficar com essas caras. Afinal de contas não é todo dia que eu me caso. Vamos beber e mudar de assunto! Olha, aqui dentro está tudo muito formal! Para dar exemplo, eu vou tirar a minha casaca! *Tira a casaca.*

Silêncio.

O AMIGO — Vocês tem baralho aqui? Poderíamos jogar tarô.

O NOIVO — As cartas estão na cristaleira.

A MADAME — Que não abre.

O AMIGO — E se você usasse um pé-de-cabra?

A NOIVA — Você está falando sério?

O AMIGO — Um dia vocês vão ter que abrir, não é?

A NOIVA — Mas hoje não!

O NOIVO — Só para pegar um jogo de baralho?

O AMIGO *agressivo* — Então me diga o que é que nós vamos ficar fazendo aqui para matar o tempo?

A MADAME — Podemos dar uma olhada nos outros móveis.

O NOIVO — É uma idéia! Eu vou na frente.

Todos levantam.

A IRMÃ — Eu prefiro ficar aqui.

A NOIVA — Sozinha? Não senhora!

A IRMÃ — Por que não?

A NOIVA — Olhe aqui, Ina, eu acho que tudo tem um limite!

A IRMÃ — Já que é assim eu posso muito bem dizer isso para você: eu não queria me levantar porque minha cadeira está quebrada...

A NOIVA — Porque você quebrou?

A IRMÃ — Ela se quebrou sozinha!

O AMIGO *pegando a cadeira* — Todo mundo deve ficar muito quietinho... é melhor ninguém se mexer, aí não se quebra mais nada!

O PAI — Vamos ver os outros móveis?

O AMIGO *a meia voz para a Madame* — A mesa ainda está inteira.

O NOIVO — Os móveis não têm nada de excepcional...

A MADAME — Desde que eles agüentem...

O NOIVO — Vem, Maria!

A NOIVA *fica só* — Já vou! Vai na frente. *Todos saem pela porta do centro.*

No caminho:

A MADAME *ao Amigo* — O noivo tirou a casaca!
O AMIGO — É uma grosseria! Madame, agora tudo é permitido!
A NOIVA *está sentada na mesa e começa a soluçar.*
O NOIVO *voltando do quarto* — Eu vim buscar a lanterna, tem alguma coisa errada na instalação elétrica.
A NOIVA — Por que você não chamou um eletricista para fazer a instalação?
O NOIVO — O que é que há com você? Sua irmã também podia ter se comportado melhor.
A NOIVA — E o seu amigo?
O NOIVO — Uma mulher de respeito não dança daquele jeito!
A NOIVA — E o Mildner, o seu convidado? Aquela história de “pura noiva” não foi por acaso! Ai! Eu morri de vergonha, fiquei vermelha e todo mundo me notou. O jeito que ele olhava para mim... E aquele outro que esquecia a música? Parecia que queria se vingar de alguma coisa.
O NOIVO — Depois foi aquela musiquinha indecente! Parecia que ele estava pensando: “com essa aí não tem problema!”.
A NOIVA — Toma cuidado com o que você diz, ele era *seu* amigo! E eu não sou “essa aí” não senhor!
O NOIVO — O que eu faço para mandar toda essa gente embora? Eles comem, bebem, fumam, riem da nossa cara, e o pior: nem pensam em sair. E a festa é nossa, não é?
A NOIVA — E que festa!
O NOIVO — Não fique assim! Quando eles forem embora...
A NOIVA — Vai estar tudo quebrado!
O NOIVO — Eu queria tanto ficar só com você. Olha, eles estão voltando!
A NOIVA — Eu não queria que eles fossem embora. Vai ser pior!
O NOIVO *vestido a casaca outra vez depressa* — Está frio aqui...
Os outros aparecem na porta.
O PAI — Ficamos esperando na cozinha, porque não tinha luz no quarto de dormir.
O AMIGO — Estamos atrapalhando?
A MADAME *tem um acesso de riso.*
O MARIDO — O que é que foi agora?
A MADAME — É tão engraçado!
O MARIDO — Tem alguma coisa engraçada por aqui?
A MADAME — Tudo! Tudo é muito engraçado! As cadeiras quebradas, os móveis feitos em casa, essa festa! *Ri às gargalhadas.*
A NOIVA — Dona Emmi, por favor...
A MADAME — Tudo quebrado! *Continua rindo até que se joga, às gargalhadas, em uma cadeira que se espatifa e ela vai para o chão.* Essa também! Agora, vou ter que me sentar no chão!

O AMIGO *rindo também* — Essa é boa! Devíamos ter trazido cadeiras portáteis.

O MARIDO *pegando sua mulher pelo braço* — Você está doente! Se continuar assim vai acabar arrebatando todos os móveis! As cadeiras não têm culpa. *Ao Noivo*: Desculpe.

O AMIGO — Ah, vamos sentar em qualquer lugar. Quando a gente se diverte não tem importância.

Todos sentam.

A IRMÃ — Que pena que não tinha luz! A cama é tão linda!

A MADAME — Ah, é! A luz elétrica não funcionou!

A NOIVA — Jakob, por que você não vai buscar mais vinho?

O NOIVO — Está no porão. Me dá a chave.

A NOIVA — Eu vou com você.

Saem.

A MADAME — Hum! Estou sentindo um cheiro estranho...

O AMIGO — É verdade, antes eu não havia notado.

A IRMÃ — Eu não estou sentindo nada!

A MADAME — Já sei! O cheiro é da cola!

O AMIGO — Ah! Então foi por isso que ele gastou meio vidro da água de colônia que eu dei de presente de casamento?

A MADAME — Agora não tem mais jeito de esconder o fedor da cola.

A NOIVA *volta*.

O PAI — Quando eu te vejo aí, ao lado da porta, me lembro de você quando era uma menina, era linda! Mas agora você está se abrindo, como uma flor.

A MADAME — O seu vestido é bem feito, hem?

A NOIVA — Graças a Deus eu não preciso de artifícios.

A MADAME — É uma indireta?

A NOIVA — Por quê? A carapuça serviu?

A MADAME — Quem tem telhado de vidro não deve jogar pedras no vizinho.

A NOIVA — Quem tem telhado de vidro?

A MADAME — O seu vestido está tão bem feito que quase nem se percebe que você está...

O AMIGO — Saúde! Hum, que vinho bom, hem?

A NOIVA *chorando* — Isso é... isso é...

O MARIDO — O que é isso?

O NOIVO *voltando* — Aqui está o vinho! O que está acontecendo?

A IRMÃ — Uma baixaria!

A MADAME — Qual é a baixaria, garota? Qual é?

O PAI — Vamos com calma, vamos com calma! Saúde!

O NOIVO *à Irmã* — Ina, o que é isso? Você não pode ofender os convidados!

A IRMÃ — Mas os convidados podem ofender sua mulher, não é?

A MADAME — Eu não disse nada!

O MARIDO — Disse! Foi uma grossa!

A MADAME *irritada* — Eu não disse nada mais que a verdade!

O NOIVO — Que verdade!

A MADAME — Não se faça de bobo!

O MARIDO *se atirando sobre ela* — Cala a boca!

A MADAME — O que é que há? Se uma mulher está grávida, ela está mesmo grávida e acabou!

O MARIDO *arranca um pé da mesa e o atira em sua mulher. Mas só vai acertar num vaso que estava em cima da cristaleira. A madame chora.*

O NOIVO *furioso, para a Irmã* — Lá se foi o seu vaso!

A IRMÃ — Pelo jeito, você não gostava muito dele, senão ele não estaria escondido lá em cima!

O NOIVO — Eu não tenho tempo para te responder! A minha mesa também se foi! *Apalpa para ver se a mesa ainda está firme.*

O MARIDO *muito excitado, andando de um lado para o outro* — Agora eu a castiguei e agora o bruto sou eu! Foi sempre assim. Ela é a mártir e eu sou o bruto. Mas eu agüentei isso sete anos; quem será que me transformou num bruto? Minha mão estava tão cansada de trabalhar para ela que eu não conseguia nem lhe bater. Ela sempre sente dor quando eu estou bem, quando eu bebo ela conta o dinheiro, e quando eu conto o dinheiro, ela chora. Uma vez, eu tive que tirar da parede um quadro que eu gostava porque ela não gostava. Ela não gostava porque eu gostava. Aí ela tirou o quadro do chão e pendurou ele no seu quarto. Quando eu o vi lá, ela ficou contente e disse: “Para uma pessoa como eu, serve”. E se fez de vítima por ter que pegar o que eu jogava fora. Furioso, eu tirei o quadro dela. E ela chorou porque não podia nem ficar com aquilo. “Nem aquilo”, ela disse, falando até das coisas mais inacessíveis. Mas ela é assim, todas elas são assim. Desde o dia do casamento, o homem não é mais que um animal que trabalha para um animal. E isso deixa a gente tão desgastado, que no fim a gente acaba merecendo.

O NOIVO *se esforçando* — Alguém quer mais vinho? Ainda são nove horas.

O AMIGO — Não tem mais cadeiras.

O MOÇO — Nós podemos dançar.

O AMIGO — Estou de saco cheio!

O NOIVO — Você não estava gostando?

O AMIGO — Antes da droga de lasca, eu estava.

O NOIVO — Ah, é. *Ri.* Foi por isso que você ficou mudo?

O AMIGO — Por acaso, a cadeira era minha?

O NOIVO — Não, a cadeira era *minha!* Era! Agora nem é mais uma cadeira!

O AMIGO — Então podemos ir embora! *Sai.*

O MOÇO — Muito obrigado, foi muito bom. Eu vou buscar o meu casaco.

A MADAME — Você... não quer me acompanhar até em casa?

O MARIDO *saiu e volta com as coisas da sua mulher* — Agora eu tenho que pedir desculpas mais uma vez por ter uma mulher assim.

O NOIVO — Não é preciso.

A MADAME — Eu não me atrevo a voltar para casa.

O MARIDO — Você quer se vingar? Agora a palhaçada acabou! Agora o negócio vai ficar sério! *Pega a mulher pelo braço. Vamos! Sai com a mulher, que sai sem dizer nada e abatida.*

O NOIVO — Agora que encheram a barriga, vão embora. Então nós ficamos sozinhos, e a noite mal chegou na metade.

A NOIVA — Agora mesmo você queria que eles fossem embora! Está vendo como você muda? É isso mesmo, você não me ama.

O AMIGO *entra, de chapéu na cabeça e mal-humorado* — Agora quase não se agüenta mais esse fedor!

O NOIVO — O que está fedendo?

O AMIGO — Essa cola que não gruda! É um escândalo convidar seus amigos para vir neste chiqueiro!

O NOIVO — Se é assim peço desculpas por não ter gostado da sua música indecente e peço desculpas por você ter quebrado minhas cadeiras.

O AMIGO — Acho melhor vocês ficarem esperando a cama do seu tio da barriga d'água! Durmam bem! *Sai.*

O NOIVO — Vai para o inferno!

O PAI — É melhor nós irmos também. Os móveis... ainda tem jeito de consertar... Ah, se vocês quiserem a cama, ela está à disposição. Eu sempre achei que contar histórias que não dizem respeito a ninguém é bem melhor... Catástrofes! Eles não agüentam ficar sozinhos com eles mesmos. Ina, vamos embora.

A IRMÃ — Pena que a festa acabou assim. É a única que a gente tem na vida. Como diz o Hans: "Depois vem a vida..."

A NOIVA — Você contribuiu bastante para estragar tudo. E desde quando você chama o Sr. Mildner de Hans?

O MOÇO — Mais uma vez, muito obrigado. Para mim foi uma noite ótima!
Os três saem.

O NOIVO — eles foram embora. Graças a Deus e também ao Diabo!

A NOIVA — E vão contar tudo para a cidade inteira! Que vergonha! Amanhã todo mundo vai estar sabendo e todo mundo vai morrer de rir. Você vai ver, eles vão nos olhar das janelas e rir. Quando nos encontrarem na igreja, vão lembrar dos móveis, da luz elétrica que não funcionou, do creme que não deu certo... e no pior, na noiva que casou grávida! E eu que ia dizer a todo mundo que meu parto foi prematuro.

O NOIVO — E os móveis? E o trabalho de cinco meses: Nisso você não pensou, não é? Por que ficaram rolando de alegria com aquelas musiquinhas indecentes? Por que você dançou com eles como se estivesse num bordel até quebrar as nossas melhores cadeiras? E era a sua amiga!

A NOIVA — E aquele que estava cantando, era o seu amigo. Que o diabo carregue os seus móveis que nem foram envernizados porque você disse: "Não importa a aparência o que importa é que eles sejam fortes e confortáveis!" Cinco

meses perdidos até eles ficarem prontos, tanto tempo que já se nota o meu estado. Essa porcaria, esse lixo, esse trabalho péssimo! Por que é que nos casamos?

O NOIVO — Agora que os convidados foram embora, tem início a nossa noite de casamento! Ei-la!

Silêncio. Ele passeia pela sala. A Noiva está de pé ao lado da janela.

A NOIVA — Por que você teve que dançar primeiro com aquela jararaca que eu pensava que era a minha melhor amiga? Por que você tinha que fazer isso se não é assim que deve ser? Ai, que vergonha!

O NOIVO — Ela estava falando mal dos móveis!

A NOIVA — E você queria que ela mudasse de opinião? Melhorou...

Silêncio.

O NOIVO — É sempre assim! Quando se faz qualquer coisa que os outros não fazem, eles ficam uma fera! Principalmente quando eles vêem que o trabalho é bem feito. Então eles se vingam. Eles não seriam capazes de desenhar nem um banquinho! Mas sob o pretexto de que havia um defeito mínimo, de que a cola não era boa, por exemplo, eles se acham com razão. Não vou mais pensar nisso. *Vai até a cristaleira e tenta abri-la.*

A NOIVA — Mas vão te lembrar! E eu também! Não vou me esquecer disso! *Chora.*

O NOIVO — Da cola que não ficou boa?

A NOIVA — Deus vai castigar o seu sarcasmo!

O NOIVO — Ele já começou! Que essa fechadura vá à merda! Agora eu não me importo com mais nada! *Força a porta, ela arrebenta.*

A NOIVA — Agora você quebrou a porta porque a fechadura estava quebrada!

O NOIVO — Agora eu já peguei o meu paletó e você já pode ir arrumando tudo. Será que eu vou ter que ficar ainda muito tempo neste chiqueiro?

A NOIVA *levanta e começa a limpar a sala.*

O NOIVO *perto da cristaleira, já com o paletó de casa, conta o dinheiro* — Barato também não foi. O vinho do porão nem precisava subir.

A NOIVA — A mesa está bamba, estão faltando duas pernas!

O NOIVO — O ponche! A comida! E agora os consertos!

A NOIVA — As cadeiras, a cristaleira, a chaise longue!

O NOIVO — Filhos da puta!

A NOIVA — E os *seus* móveis!

O NOIVO — E a casa montada!

A NOIVA — A gente sabe o que tem!

O NOIVO — Tomem mais cuidado!

A NOIVA *senta-se e cobre o rosto com as mãos* — E essa vergonha!

O NOIVO — Você tinha que varrer a sala de vestido de noiva? Vai estragar de novo! Aí já tem uma mancha de vinho.

A NOIVA — Como você está insignificante com esse paletó! Seu rosto mudou muito, mas não para melhor.

O NOIVO — E você! Como está velha! Quando chora é que a gente nota.
A NOIVA — Você não respeita mais nada!
O NOIVO — Agora é a noite do casamento!
Silêncio, ele se aproxima da mesa.
O NOIVO — Beberam tudo. A toalha da mesa bebeu mais vinho do que eu!
Eles esvaziaram as garrafas mas ainda tem um restinho nos copos! É, agora nós temos que fazer economia!
A NOIVA — O que você está fazendo?
O NOIVO — Vou esvaziar os copos. Aqui tem um copo cheio.
A NOIVA — Eu não tenho vontade.
O NOIVO — Mas afinal é a noite de casamento!
A NOIVA *pega um copo, olha para o lado e bebe.*
O NOIVO — Já que não se pode dizer que bebo à sua virgindade porque você está grávida...
A NOIVA — Esta é a pior das humilhações! Agora você passou todos os limites! Se eu estou grávida, de quem é a culpa? Você estava atrás daquilo como um bode.
O NOIVO *imperturbável* — E assim temos à nossa frente a noite em que sob os olhos da família e entre nossas quatro paredes...
A NOIVA *ri amargamente.*
O NOIVO — ... devemos nos multiplicar! Um ato, por assim dizer, sagrado.
A NOIVA — Falar, você sabe!
O NOIVO — Portanto eu bebo à tua saúde, minha querida esposa, e bebo também à nossa prosperidade!
Eles bebem.
A NOIVA — Nem tudo que você disse, estava certo, mas uma coisa é certa: hoje é um dia de festa, então não importa tanto.
O NOIVO — Poderia ter sido pior.
A NOIVA — Com esse teu amigo!
O NOIVO — E os teus parentes!
A NOIVA — Mas temos que brigar o tempo todo?
O NOIVO — Não! Na noite de casamento.
Bebem bastante.
A NOIVA — Noite de casamento! *Engasga-se e ri às gargalhadas.* Que engraçado! Bela noite de núpcias!
O NOIVO — Mas afinal, por que não? Saúde!
A NOIVA — A musiquinha era tão indecente. *Risadinhas:* “Debaixo da escada ela foi furada!” Os homens são assim mesmo!
O NOIVO *levanta-se de repente* — E as histórias de seu pai?
A NOIVA — E a cara da minha irmã no corredor... Ai! É de morrer de rir!
O NOIVO — E quando aquela jararaca se espatifou no chão?
A NOIVA — Meu Deus! A cara que eles fizeram quando a cristaleira não queria abrir!

O NOIVO — Pelo menos eles não puderam ver o que tem lá dentro.
A NOIVA — Que bom que eles foram embora!
O NOIVO — Essa gente só faz barulho e sujeira.
A NOIVA — Dois só não bastam?
O NOIVO — Enfim, sós!
A NOIVA — Como o seu paletó é feio!
O NOIVO — Seu vestido de noiva também. *Rasga o vestido de cima a baixo.*
A NOIVA — Agora, meu vestido de noiva está rasgado.
O NOIVO — Não faz mal. *Beija a Noiva.*
A NOIVA — Como você é louco...
O NOIVO — Como você é bonita! Esses seios brancos!
A NOIVA — Ai, meu amor, assim você está me machucando...
O NOIVO *arrasta a Noiva até a porta, abre-a e a maçaneta fica em sua mão — A*
maçaneta, hahaha, até ela. Joga a maçaneta sobre o lampião que se apaga e cai. Vem!
A NOIVA — E a cama? Hahahahaha!
O NOIVO — Que é que tem? Que é que tem a cama?
A NOIVA — Ela também vai quebrar!
O NOIVO — Não faz mal!
O Noivo sai arrastando a Noiva. Silêncio. Ouve-se o barulho de uma cama
quebrando.
FIM

O comunista teatral

Um jacinto na lapela
Na Kurfurstendamm (1)
O jovem sente
O vazio do mundo.
Na latrina
Isto lhe parece claro: ele
Caga no vazio.

Cansado do trabalho
De seu pai
Ele mancha os cafés
Por trás dos jornais
Sorri perigosamente.
É ele que
Vai pisotear este mundo
Como uma bosta de vaca.

Por 3.000 marcos ao mês
Ele está disposto
A encenar a miséria das massas
Por 100 marcos ao dia
Ele mostra
A injustiça do mundo.

(1) **Principal rua de Berlim**

Tradução de *Paulo César de Souza*

Ó Falladah, aí estás pendurado!

Puxando minha carroça, apesar da fraqueza
Cheguei até a Alameda Frankfurt.
Lá pensei: Oh, Jesus
Essa fraqueza! Se não me cuida
Pode acontecer que eu acabe na sarjeta.
Dez minutos depois restavam apenas os meus ossos na rua.

Mal acabara de cair, no chão o pescoço
(O cocheiro criou asas)
Já saíam correndo das casas
Pessoas famintas; um pedaço de carne queriam obter
Com facas arrancaram-me a carne do osso
E eu que ainda vivia, não havia terminado de morrer!

Mas eu os conhecia de antes, o povo!
Sacos para me proteger das moscas me traziam
Davam-me pão de ontem, e ao cocheiro diziam
Que me tratasse bem, davam-lhe conselhos.
Antes tão amigáveis, tão hostis hoje!
De repente assim mudados!
Ah, o que aconteceu com eles?

Então me perguntei:
Que frieza
Deve ter se apossado dessa gente!
Quem os trata tão malevolente
Que cada um se torne assim desprezível?
Ajudem-nos, portanto!
E o façam com presteza!
Senão lhes acontecerá algo que os senhores não julgam possível!

(1) *Falladah* é o cavalo de um conto de Grimm
Tradução de *Paulo César de Souza*

O horror de ser pobre

Risco é um traço
(um traço fino, sem azedume)
todos os que conheço, eu mesmo incluído.
Para todos estes não me verão
Nunca mais
Olhar com azedume.

O horror de ser pobre!
Muitos gabavam-se que agüentariam, mas era ver-
-lhes as caras alguns anos depois!
Cheiros de latrina e papéis de parede podres
Atiravam abaixo homens de peitaça larga como toiros.
As couves aguadas
Destroem planos que fazem forte um povo.
Sem água de banho, solidão e tabaco
Nada há que exigir.
O desprezo do público
Arruína o espinhaço.
O pobre
Nunca está sozinho. Estão todos sempre
A espreitar-lhe pra o quarto. Abrem-lhe buracos
No prato da comida. Não sabe pra onde há-de ir.
O céu é o seu teto, e chove-lhe lá pra dentro.
A Terra enxota-o. O vento
Não o conhece. A noite faz dele um aleijado. O dia
Deixa-o nu. Nada é o dinheiro que se tem. Não salva ninguém.
Mas nada ajuda
Quem dinheiro não tem.

O mendigo ou o cachorro morto

Um portão. À direita, sentado, um mendigo, pálido, roupas esfarrapadas. Segura um realejo, escondido na roupa. É de manha, bem cedo. Um tiro de canhão soa.

Entra o Imperador, cercado de soldados. Seus cabelos são longos e sua cabeça está descoberta. Usa roupa de lã. Os sinos tocam.

IMPERADOR — No momento em que vou celebrar meu triunfo sobre o meu mais importante inimigo, quando o país mistura meu nome com o fumo negro do incenso, há um mendigo sentado diante da minha porta, fedendo a miséria. Mas, com tantos acontecimentos importantes, pode-se conversar sobre o Nada. Os soldados retrocedem. Homem, você sabe por que os sinos dobram?

MENDIGO — Sim. Meu cachorro morreu.

IMPERADOR — Isso foi uma insolência?

MENDIGO — Não. Foi por velhice. Mas agüentou bem. Pensava eu: por que as suas patas tremem? Ele tinha apoiado as da frente no meu peito, e ficamos deitados assim a noite toda, mesmo quando começou a esfriar. Mas, de madrugada, ele já estava morto e eu o afastei de mim. Agora não posso voltar para casa, porque ele está apodrecendo, cheirando mal.

IMPERADOR — Por que você não o enterra?

MENDIGO — Não é da sua conta. Agora você tem o peito oco como um buraco de esgoto, pois dez uma pergunta tola. Todos fazem perguntas tolas. Perguntar já é bobagem!

IMPERADOR — Mas mesmo assim vou continuar perguntando: quem cuida de você? Porque se não há ninguém que o cuide, vai ter que ir embora, aqui não se admite carne podre nem gritos.

MENDIGO — Estou gritando?

IMPERADOR — Agora é você quem está perguntando, embora com um certo sarcasmo que não entendo.

MENDIGO — Sim, isso eu não sei, pois se trata de mim.

IMPERADOR — não faço caso de você. Mas quem cuida de você?

MENDIGO — de vez em quando, um menino, que um anjo fez na sua mãe enquanto ela colhia batatas.

IMPERADOR — você não tem filhos?

MENDIGO — foram embora.

IMPERADOR — como o exército do Imperador Ta Li, que as areias do deserto engoliram?

MENDIGO — ele atravessava o deserto e seus homens falaram: é muito longe, volta, Ta Li. E ele respondia: esta terra precisa ser conquistada. Marchavam diariamente até gastar os sapatos, então sua pele rachou e continuaram marchando de joelhos. Uma vez um tufão derrubou um cavalo. Ele morreu diante dos olhos de

todos, uma vez chegaram a um oásis e disseram: é assim a nossa pátria. Aí o filho do Imperador caiu numa cisterna e se afogou. Guardaram sete dias de luto, a dor que sentiam era infinita. Uma vez viram os cavalos morrerem. Uma vez as mulheres não puderam mais segui-los. Uma vez chegaram o vento e a areia, e a areia cobriu todos, e então tudo terminou, e voltou o silêncio, e a terra foi deles, e eu esqueci o nome dele.

IMPERADOR — como é que você sabe disso? Está tudo errado. Foi bem diferente.

MENDIGO — quando ele era tão forte que eu parecia seu filho, fugi, porque não permito que me dominem.

IMPERADOR — de que você está falando?

MENDIGO — passavam nuvens perto da meia-noite apareceram estrelas. Depois, tudo foi silêncio.

IMPERADOR — As nuvens fazem barulho?

MENDIGO — é verdade que morreu muita gente nas cabanas perto do rio que transbordou semana passada, mas não conseguiram atravessar.

IMPERADOR — já que sabe tudo isso, você nunca dorme?

MENDIGO — Quando me deito em cima das pedras, a criança que acabou de nascer chora. E então sopra um vento novo.

IMPERADOR — Ontem à noite o céu estava estrelado, ninguém morreu perto do rio, não nasceu criança alguma, não soprava vento.

MENDIGO — então você deve ser cego, surdo e ignorante. Ou é maldade sua.

(Pausa)

IMPERADOR — O que você faz o tempo todo? Nunca vi você. De que ovo saíste?

MENDIGO — Percebi que este ano o milho está ruim, porque não choveu. Um vento escuro e quente sopra nos campos.

IMPERADOR — é verdade, o milho não está bom.

MENDIGO — assim aconteceu há 38 anos. O milho torrou no sol e, antes que morresse, caiu uma chuva tão forte que apareceram ratos e devastaram os campos. Depois entraram nos povoados e morderam as pessoas. Este alimento matou os ratos.

IMPERADOR — Nunca soube nada disso. Deve ser também invenção, como o resto. A história não fala nada disso.

MENDIGO — Não existe história.

IMPERADOR — E Alexandre? E César? E Napoleão?

MENDIGO — Histórias! Quem é esse tal de Napoleão?

IMPERADOR — Aquele que conquistou metade do mundo e sucumbiu pela própria soberba.

MENDIGO — Isso é coisa que só dois podem crer: ele e o mundo. É falso. A

verdade é que Napoleão era um homem que remava numa galera e tinha uma cabeça tão grande que todos diziam: não podemos remar porque sobra muito pouco espaço para os nossos cotovelos. Quando o barco afundou, porque não remavam, ele encheu a cabeça de ar e se salvou, só ele, e como estava acorrentado teve que continuar remando, lá de baixo, não via para onde e que todos tinham se afogado.

Então, pensando no mundo, abanou a cabeça e, como era muito pesada, ela se despreendeu.

IMPERADOR — essa é a maior tolice que escutei na vida. Você me decepcionou muito com essa história. As outras pelo menos estavam bem contadas. Mas que opinião tem você do imperador?

MENDIGO — Não existe Imperador. Só o povo pensa que existe um, e só um único homem pensa que é Imperador. Quando tiverem construído bastantes carros de guerra e os tambores estiverem treinados, haverá guerra e vão procurar um adversário.

IMPERADOR — Mas agora o Imperador derrotou seu adversário.

MENDIGO — Matou, não derrotou. O idiota matou o idiota.

IMPERADOR — com esforço — Era um inimigo forte, acredite.

MENDIGO — Um homem bota pedrinhas no meu arroz. É esse meu inimigo. Ele se vangloria porque tinha a mão forte. Mas morreu de câncer e quando fecharam o caixão, a mão dele ficou presa e não perceberam quando levaram o caixão, de modo que a mão ficou pendurada, vazia, desamparada, nua.

IMPERADOR — Você nunca se aborrece de ficar deitado?

MENDIGO — Antes as nuvens passavam no céu, sem parar. É a elas que contemplo. Não param nunca.

IMPERADOR — Agora não há nuvens. Portanto estás delirando. Isso é claro como o sol.

MENDIGO — O sol não existe.

IMPERADOR — Você talvez seja até perigoso, paranóico ou louco furioso.

MENDIGO — Era um cachorro bom, não um cachorro qualquer. Merecia o melhor. Até me trazia carne, e à noite dormia no meio dos meus trapos. Uma vez houve uma grande gritaria na cidade, todo mundo tinha algo contra mim, porque não dou nada de importante a ninguém, e até os soldados vieram atrás de mim. Mas o cachorro afugentou todos.

IMPERADOR — Por que me conta isso?

MENDIGO — Porque acho você burro.

IMPERADOR — Que mais pensa de mim?

MENDIGO — Tem uma voz fraca, portanto é medroso; pergunta demais, portanto é lacaio; procura me preparar armadilhas, portanto não está seguro de si, nem nas coisas mais seguras; você não acredita em mim mas fica me escutando, portanto é um homem fraco; e por vim pensa que o mundo toda gira em torno de você, quando há pessoas muito mais importantes, eu por exemplo. Além disso, você é cego, surdo e ignorante. Os outros defeitos, não conheço ainda.

IMPERADOR — Não é um quadro muito animador. Não vê nenhuma virtude em mim?

MENDIGO — Você fala em voz baixa, portanto é humilde; pergunta muito, portanto tem ânsia de saber; examina tudo, portanto é céptico; escuta o que imagina ser mentira, portanto é indulgente; acredita que tudo gira em torno de você, portanto não é pior que os outros homens e sua crença não é mais tola que a dos outros. Além disso, ver demasiado não o confundiu; não se preocupa com o que não lhe interessa; não está paralisado pelo saber. As outras virtudes, você deve saber melhor que eu e qualquer outro.

IMPERADOR — Você é espirituoso.

MENDIGO — Toda adulação merece pagamento. Mas agora não vou pagar nada pelo meu pagamento.

IMPERADOR — Eu pago todos os serviços que me fazem.

MENDIGO — Isso está claro. O fato de esperar aprovação revela a sua alma comum.

IMPERADOR — Não guardo nenhum rancor de você. Isso também é comum.

MENDIGO — É. Porque você não pode me fazer mal.

IMPERADOR — Posso mandar jogar você num calabouço.

MENDIGO — É fresco lá?

IMPERADOR — O sol não entra nunca.

MENDIGO — Sol não existe. Você deve ter memória ruim.

IMPERADOR — Também posso mandar matar você.

MENDIGO — Então já não vai chover na minha cabeça, os insectos vão embora, meu estômago vai me deixar em paz e haverá o maior silêncio que já conheci.

Um mensageiro entra e fala em voz baixa com o imperador.

IMPERADOR — diga que não me demoro. Sai o mensageiro. Não vou te fazer nada disso. Pondero as coisas que faço.

MENDIGO — Não diga isso a ninguém, senão vão tirar conclusões observando teus actos.

IMPERADOR — Não creio que me desprezem.

MENDIGO — Diante de mim todos se curvam. Mas isso não me impressiona. Só os insistentes me incomodam com suas conversas e perguntas.

IMPERADOR — Incomodo-te?

MENDIGO — essa é a pergunta mais boba que você fez hoje. Você não tem vergonha. Não respeita a intangibilidade de um ser humano. Não conhece a solidão, por isso procura a aprovação de um desconhecido como eu. Você depende do respeito de cada homem.

IMPERADOR — Eu domino os homens. Por isso me respeitam.

MENDIGO — A rédea também pensa que domina o cavalo, o bico da andorinha pensa que orienta seu vôo e a ponta da palmeira pensa que arrasta a árvore em direcção ao céu!

IMPERADOR — Você é um homem mau. Eu o faria eliminar, se depois não tivesse que pensar que foi minha vaidade ferida.

O mendigo apanha o realejo e toca. Um homem passa rapidamente e faz uma reverência.

MENDIGO — guardando o realejo — Esse homem tem uma mulher que rouba dele. À noite ela se inclina sobre ele para lhe tirar dinheiro. Às vezes ele acorda e a vê inclinada sobre ele. Entoa pensa que ela o ama tanto, que não pode passar uma noite sem o contemplar. Por isso perdoa os pequenos roubos que descobre.

IMPERADOR — Vai começar outra vez. Nem uma palavra disso é verdade.

MENDIGO — Pode ir. Você está ficando vulgar.

IMPERADOR — É inacreditável. O Mendigo toca o realejo. Terminou a audiência?

MENDIGO — Agora todos vêem outra vez o céu mais bonito e a terra mais fértil, por causa desse pouquinho de música, e prolongam sua vida e perdoam a si mesmos e a seus vizinhos, por esse pouquinho de som.

IMPERADOR — Diga-me, pelo menos, por que não me suporta mas me contou tanta coisa?

MENDIGO displicente — Porque você não foi orgulhoso demais para escutar minha conversa, única coisa que eu precisava para esquecer a morte do meu cachorro.

IMPERADOR — Agora vou embora. Você estragou o dia mais belo da minha vida. Não devia ter parado. Piedade não leva a nada. a única coisa que vale em você é a coragem de falar comigo nesses termos. E foi por isso que fiz todos esperarem.

Parte, escoltado pelos soldados. Novamente tocam os sinos.

MENDIGO percebe-se que é cego — Agora ele foi embora. Deve ser de manhã, pois o ar está tão quente. O garoto hoje não vem. Há festa na cidade. Aquele idiota também foi para lá. Agora tenho que pensar outra vez no meu cachorro.

O nascido depois

Eu confesso: eu
não tenho esperança.
Os cegos falam de uma saída. Eu vejo.
Após os erros terem sido usados
como última companhia, à nossa frente
senta-se o Nada.

O nó Górdio

1

Quando o homem da Macedônia
Com a sua espada
Cortou o nó, chamaram-no
Naquela noite em Gordium, “escravo
De sua fama”.

Pois o nó era
Uma das raras maravilhas do mundo
Obra-prima de um homem cujo cérebro
(O mais intrincado do mundo!) não pudera
Deixar outro testemunho senão
Vinte cordões, emaranhados de modo a
Serem um dia desatados pela mais hábil
Mão do mundo!
A mais hábil depois daquela
Que havia atado o nó.
Ah, o homem
Cuja mão o atou
Planejava desatá-lo, porém
O seu tempo de vida, infelizmente
Foi bastante apenas para atar.

Um segundo bastou
Para cortá-lo.

Daquele que o cortou
Muitos disseram que
Esse fora o seu golpe mais feliz
O mais razoável, o menos nocivo.
Aquele desconhecido não era obrigado
A responder com seu nome
Por sua obra, que era semelhante
A tudo que é divino
Mas o imbecil que a destruiu
Precisou, como que por ordem superior
Proclamar seu nome e mostrar-se a um continente.

2

Se assim falaram em Gordium, eu digo:
Nem tudo difícil de se fazer é útil, e
É mais raro que baste uma resposta
Para eliminar uma questão do mundo
Que um acto.

Tradução de *Paulo César de Souza*

O pior analfabeto

O pior analfabeto
É o analfabeto político,
Ele não ouve, não fala,
Nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo da vida,
O preço do feijão, do peixe, da farinha,
Do aluguel, do sapato e do remédio
Dependem das decisões políticas.
O analfabeto político
É tão burro que se orgulha
E estufa o peito dizendo
Que odeia a política.

Não sabe o imbecil que,
Da sua ignorância política
Nasce a prostituta, o menor abandonado,
E o pior de todos os bandidos,
Que é o político vigarista,
Pilantra, corrupto e lacaio
Das empresas nacionais e multinacionais.

O Soldado de la Ciotat

Depois da Primeira Guerra Mundial, vimos na pequena cidade portuária de La Ciotat, no Sul da França, junto de uma feira, numa praça pública, por ocasião do lançamento à água de um navio, a estátua de bronze de um soldado do exército francês, em volta da qual a multidão se comprimia. Aproximámo-nos e descobrimos que se tratava de um homem vivo, imóvel sobre um pedestal de pedra ao tórrido sol de Junho, com um capote cor de terra, o capacete na cabeça, uma baioneta no braço. Tinha a cara e as mãos pintadas de uma cor de bronze. Não mexia um único músculo, nem sequer pestanejava.

A seus pés, na base, via-se um cartão em que se podia ler o seguinte:

“O Homem Estátua

“Homme Statue”

Eu, Charles Louis Franchard, soldado do Regimento Y, adquiri, como consequência de ter estado enterrado em Verdun, a invulgar capacidade de ficar completamente imóvel e de me comportar pelo tempo que quiser “como uma estátua”. Muitos professores atestaram este meu dom e caracterizaram-no como sendo uma doença inexplicável. Dêem, por favor, uma esmola a um pai de família sem emprego!”

Lançámos uma moeda para o prato que estava junto do cartão e continuámos o nosso caminho, abanando a cabeça.

Ora aqui está ele, pensamos nós, armado até aos dentes, o soldado indestrutível de muitos milénios; ele, com quem se fez a História, ele que tornou possível todos os grandes feitos de Alexandre, de César, de Napoleão, de que nos falam os manuais escolares. Ali está ele. Não pestaneja. E o besteiro de Ciro, o auriga de Cambises, que a areia do deserto não conseguiu enterrar definitivamente, o legionário de César, o lanceiro de Gengis-Kan, o suíço de Luís XIV e o granadeiro de Napoleão I. Possui a capacidade, não tão invulgar como isso, de não se fazer notado, quando se usam contra ele todos os instrumentos inimagináveis de extermínio. Permanece insensível como uma pedra (diz ele), quando o mandam para a morte. Trespasado por lanças das mais variadas idades — da pedra, do bronze, do ferro —, colhido por carros de assalto, desde os de Artaxerxes aos do general Ludendorff, espezinhado pelos elefantes de Aníbal e pelos esquadrões de cavaleiros de Atila, fulminado pelos estilhaços esvoaçantes dos canhões cada vez mais perfeitos de século para século, mas também pelas pedras lançadas pelas catapultas; despedaçado pelas balas das espingardas, grandes como ovos de pomba e pequenas como abelhas, ali está ele, indestrutível, sempre de novo, cumprindo ordens em não sei quantas línguas, mas sempre sem saber o porquê e o para quê. As terras que conquistou não ficaram para ele, tal como o pedreiro não irá habitar a casa que construiu. Nem porventura lhe pertenciam a terra que defendeu. Nem sequer a arma ou o uniforme lhe pertencem. Mas ele está de pé — por cima, a chuva mortífera dos aviões e o pez a arder

lançado das muralhas da cidade; por baixo, minas e trápolas; em volta, a peste e o gás vesicante, carcaz de carne para dardos e lanças, alvo, carne para canhão — à sua frente o inimigo, atrás de si o general.

Incontáveis mãos teceram-lhe o gibão, martelaram-lhe a couraça, talharam-lhe as botas! Não têm conta os bolsos que se encheram à sua custa! Imensos os gritos que em “todas” as línguas do mundo o exortaram! Não houve deus que o não abençoasse! A ele, que está atingido pela horrível lepra da paciência, mimado pela doença incurável da insensibilidade.

Que espécie de enterro será esse, pensámos nós, que lhe provocou essa doença, essa doença temível, monstruosa e altamente contagiosa?

Será que ela é mesmo incurável, perguntámo-nos?

In *“Histórias de Almanaque”*

O vosso tanque General, é um carro forte

O vosso tanque General, é um carro forte
Derruba uma floresta esmaga cem
Homens,
Mas tem um defeito
— Precisa de um motorista
O vosso bombardeiro, general
É poderoso:
Voa mais depressa que a tempestade
E transporta mais carga que um elefante
Mas tem um defeito
— Precisa de um piloto.
O homem, meu general, é muito útil:
Sabe voar, e sabe matar
Mas tem um defeito
— Sabe pensar

Os dias da Comuna

Considerando nossa fraqueza os senhores forjaram
Suas leis, para nos escravizarem.
As leis não mais serão respeitadas
Considerando que não queremos mais ser escravos.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e com canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que ficaremos famintos
Se suportarmos que continuem nos roubando
Queremos deixar bem claro que são apenas vidraças
Que nos separam deste bom pão que nos falta.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que existem grandes mansões
Enquanto os senhores nos deixam sem teto
Nós decidimos: agora nelas nos instalaremos
Porque em nossos buracos não temos mais condições de ficar.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que está sobrando carvão
Enquanto nós gelamos de frio por falta de carvão
Nós decidimos que vamos tomá-lo
Considerando que ele nos aquecerá.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que para os senhores não é possível
Nos pagarem um salário justo
Tomaremos nós mesmos as fábricas
Considerando que sem os senhores, tudo será melhor para nós.

Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que o que o governo nos promete sempre
Está muito longe de nos inspirar confiança
Nós decidimos tomar o poder
Para podermos levar uma vida melhor.
Considerando: vocês escutam os canhões
Outra linguagem não conseguem compreender —
Deveremos então, sim, isso valerá a pena
Apontar os canhões contra os senhores!

Tradução de *Fernando Peixoto*

Os dois filhos

Uma camponesa da Turíngia sonhou em Janeiro de 1945, quando se aproximava o fim da guerra de Hitler, que o filho chamava por ela no campo e, tendo saído de casa bêbeda de sono, julgou ver o filho a beber na nora. Quando lhe dirigiu a palavra, reparou que se tratava de um dos jovens prisioneiros de guerra russos que executavam trabalhos forçados na quinta. Uns dias mais tarde, teve uma experiência estranha. Ela levava comida aos prisioneiros a um bosque das proximidades, onde tinham arrancado troncos de árvores. Ao regressar, olhou por cima do ombro e viu o mesmo jovem prisioneiro de guerra, de resto um homem adoentado, inclinar o rosto, com ar desconsolado, para a tigela de lata que alguém lhe estendia com a sopa, e de repente este rosto transformou-se no do filho. Nos dias seguintes ela registou com frequência rápidas transformações, que rapidamente se confundiam, do rosto desse jovem no do seu filho. Depois, o prisioneiro de guerra adoeceu; jazia sem cuidados no celeiro. A camponesa sentiu um impulso crescente para lhe levar qualquer coisa de tonificante, mas o irmão, um inválido de guerra que cuidava da quinta e que tratava mal os prisioneiros, impediu-a, particularmente naquela altura em que tudo começava a desmoronar-se e a aldeia começava a temer os prisioneiros. A camponesa não podia ficar insensível aos argumentos dele; não achava correcto ajudar esses sub-homens, sobre os quais tinha ouvido coisas horríveis. Vivia no temor do que os inimigos poderiam fazer ao filho, que estava no Leste. Não se concretizara ainda o seu meio propósito de auxiliar “aquele” prisioneiro no seu abandono, quando uma noite, no pomar coberto de neve, surpreendeu um grupo de prisioneiros em animada conversa que, para se manter secreta, decorria no meio do frio. O jovem também ali estava, a tiritar de febre, e aparentemente devido ao seu estado de fraqueza assustou-se mais do que os outros. No meio do susto, ocorreu de novo a estranha transformação do seu rosto, de tal maneira que o que ela via era o rosto do filho, muito assustado. Isso deixou-a profundamente preocupada e, se bem tivesse devidamente contado ao irmão a conversa no pomar, resolveu dar ao rapaz o toucinho fumado que já tinha preparado. Como muitas outras boas acções no Terceiro Reich, tal viria a revelar-se extremamente difícil e perigoso. Nessa empresa, tinha o próprio irmão por inimigo, e também não podia confiar nos prisioneiros de guerra. No entanto, foi bem sucedida. Descobriu, porém, ao mesmo tempo, que os prisioneiros planeavam efectivamente fugir, pois aumentava de dia para dia o perigo de serem arrastados para ocidente com o avanço do Exército Vermelho, ou de serem pura e simplesmente exterminados. A camponesa não resistiu a satisfazer alguns desejos do jovem prisioneiro, que este lhe comunicava por gestos ou num péssimo alemão, uma vez que a ligava a ele uma estranha experiência, e deixou-se assim envolver nos planos de fuga dos prisioneiros.

Arranjou um casaco e uma grande tesoura de metal. Singularmente, a partir dessa altura nunca mais se deu a transformação; a camponesa ajudava agora

tão-só o jovem estrangeiro. Foi assim um choque para ela quando uma manhã, em finais de Fevereiro, alguém bateu à janela e ela viu através do vidro na penumbra o rosto do filho. Desta vez era mesmo o seu filho. Envergava o uniforme esfarrapado dos “SS”; a sua unidade tinha sido destroçada e ele informou excitado que os Russos estavam apenas a uns escassos quilômetros da aldeia. A sua chegada devia ser mantida em absoluto segredo. Numa espécie de conselho de guerra que a camponesa, o irmão e o filho realizaram num recanto do sótão, foi decidido, antes de mais, livrarem-se dos prisioneiros, já que eles teriam possivelmente visto o “SS”, e era de prever que se queixassem do tratamento que lhes fora reservado.

Nas proximidades ficava uma pedreira. O “SS” insistia em que era capaz de, sozinho, os levar a sair na noite seguinte do celeiro para os abater. Podia-se levar depois os cadáveres para a pedreira. À noite deviam dar-lhes ainda umas doses de aguardente; o que não deveria levantar suspeitas, pensava o irmão, pois este, juntamente com a criadagem, já nos últimos tempos vinha sendo muito amável com os russos para no último momento lhes ganhar as simpatias. Quando o jovem “SS” expôs o seu plano, viu a mãe começar de repente a tremer. Os homens decidiram que ela em caso algum poderia ficar nas proximidades do celeiro. Assim, ela aguardou horrorizada o cair da noite. Os russos aceitaram a aguardente aparentemente agradecidos e a camponesa ouviu-os cantar, embriagados, as suas canções melancólicas. Mas quando o filho pelas onze da noite se dirigiu ao celeiro, os prisioneiros tinham fugido.

Tinham fingido estar bêbedos. Fora precisamente a nova e pouco natural amabilidade das gentes da quinta que os convencera de que o Exército Vermelho devia estar perto. Os Russos chegaram efectivamente na segunda metade da noite. O filho deitara-se, bêbedo, no sótão, enquanto a camponesa, em pânico, tentava queimar-lhe o uniforme “SS”. Também o irmão se tinha embriagado; ela própria teve de receber os soldados russos e de os alimentar. Fê-lo com uma cara de pau. Os Russos partiram pela manhã — o Exército Vermelho prosseguia a sua ofensiva. O filho, exausto pela noite em claro, pediu mais aguardente e comunicou o seu firme propósito de abrir caminho até às unidades alemãs em retirada para continuar a combater. A camponesa não procurou fazer-lhe ver que a continuação da luta significaria agora uma morte certa. Desesperada, atravessou-se-lhe no caminho e tentou barrar-lhe a saída com o corpo. Ele empurrou-a para cima da palha.

Erguendo-se de novo, sentiu na mão o varal de um carro e, levantando o braço ao alto, abateu o tresloucado.

Nessa mesma manhã, uma camponesa guiando um carro com xalmas apresentou-se na vila mais próxima perante o governo militar russo e fez entrega, atado com cordas dos bois, do próprio filho, como prisioneiro de guerra, para que este, como ela tentava explicar a um intérprete, pudesse salvar a sua vida.

In *“Histórias de Almanaque”*

Os Esperançosos

Pelo que esperam?
Que os surdos se deixem convencer
E que os insaciáveis
Lhes devolvam algo?
Os lobos os alimentarão, em vez de devorá-los!
Por amizade
Os tigres convidarão
A lhes arrancarem os dentes!
É por isso que esperam!

Os maus e os bons

Os maus temem tuas garras
Os bons se alegram de tua graça.
Algo assim Gostaria de ouvir
Do meu verso.

Para ler de manhã e à noite

Aquele que amo
Disse-me
Que precisa de mim.
Por isso
Cuido de mim
Olho meu caminho
E receio ser morta
Por uma só gota de chuva.

Perguntas de um operário que lê

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu?
Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros?
A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares?
A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes?
Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
Quantas perguntas

Perseguido por boas razões

Cresci filho
de gente abastada. Os meus pais
puseram-me um colarinho engomado,
educaram-me no costume de ser servido
e instruíram-me na arte de dar ordens. Todavia,
ao tornar-me homem e ver o que me rodeava,
não gostei da gente da minha classe,
nem de dar ordens nem de ser servido.
Abandonei a minha classe e juntei-me
ao povo de baixo.
Assim
criaram um traidor, ensinaram-lhe
as suas artes, e agora
ele denuncia-os ao inimigo.
Sim, divulgo segredos. Entre o povo
estou, e explico
como enganam, e predigo o que está para vir,
pois fiquei a saber-lhes os planos.
Desmonto a balança da sua justiça
e mostro
os pesos falsos.
Os espões deles informam-nos
de que estou com os espoliados
a preparar a revolta.
Advertiram-me, tiraram-me
o que ganhei com o meu trabalho. Como não me emendei
perseguiram-me,
e como me acharam em casa
escritos pondo a nu
os seus planos contra o povo,
passaram-me uma ordem de detenção
na qual me acusam de pensar de modo baixo, ou seja,
o modo de pensar dos de baixo.
Marcado estou a fogo, onde quer que vá,
para todos os proprietários, mas os que nada têm
lêem a ordem de prisão
e concedem-me refúgio. Perseguem-te,
dizem,
por boas razões.

In "Brecht — Selecção de Poemas, Textos e Teatro";

Apresentação de Ana Barradas, Edições Dinossauro,1999

Precisamos de você

Aprende — lê nos olhos,
lê nos olhos — aprende
a ler jornais, aprende:
a verdade pensa
com tua cabeça.
Faça perguntas sem medo
não te convenças sozinho
mas veja com teus olhos.
Se não descobriu por si
na verdade não descobriu.
Confere tudo ponto
por ponto — afinal
você faz parte de tudo,
também vai no barco,
“aí pagar o pato, vai
pegar no leme um dia.
Aponte o dedo, pergunta
que é isso? Como foi
parar aí? Por que?
Você faz parte de tudo.
Aprende, não perde nada
das discussões, do silêncio.
Esteja sempre aprendendo
por nós e por você.
Você não será ouvinte
diante da discussão,
não será cogumelo
de sombras e bastidores,
não será cenário
para nossa acção.

Primeiro levaram os negros

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Qualquer pano, quando está sujo

Qualquer pano, quando está sujo
Fica branco, quando é lavada.
Mas olhando-o contra o sol
Vê-se logo que está manchado.

Quem faz a História

Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
E a Babilónia tantas vezes destruída
Quem ergueu outras tantas?
Em que casas da Lima radiante de ouro
Moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros
Na noite em que ficou pronta a Muralha da China?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os levantou?
Sobre quem triunfaram os Césares?
A decantada Bizâncio só tinha palácios
Para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Os que se afogavam gritaram por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?

César bateu os gauleses,
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?

Felipe de Espanha chorou quando sua armada naufragou.
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?

Uma vitória a cada página.
Quem cozinhava os banquetes da vitória?

Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava as despesas?

Tantos relatos.
Tantas perguntas.

Quem não sabe de ajuda

Como pode a voz que vem das casas
Ser a da justiça
Se nos pátios estão os desabrigados?

Como pode não ser um embusteiro aquele que
Ensina os famintos outras coisas
Que não a maneira de abolir a fome?

Quem não dá o pão ao faminto
Quer a violência.

Quem na canoa não tem
Lugar para os que se afogam
Não tem compaixão.

Quem não sabe de ajuda
Que cale.

Quem se defende

Quem se defende porque lhe tiram o ar
Ao lhe apertar a garganta, para este há um parágrafo
Que diz: ele agiu em legítima defesa. Mas
O mesmo parágrafo silencia
Quando vocês se defendem porque lhes tiram o pão.
E no entanto morre quem não come, e quem não come o suficiente
Morre lentamente.
Durante os anos todos em que morre
Não lhe é permitido defender-se.

Reflectindo sobre o Inferno

Reflectindo, ouço dizer, sobre o inferno
Meu irmão Shelley achou ser ele um lugar
Mais ou menos semelhante a Londres.
Eu que não vivo em Londres, mas em Los Angeles
Acho, reflectindo sobre o inferno,
que ele deve
Assemelhar-se mais ainda a Los Angeles.
Também no inferno
Existem, não tenho dúvidas, esses jardins luxuriantes
Com as flores grandes como árvores, que naturalmente fenecem
Sem demora, se não são molhadas com água muito cara.
E mercados de frutas
Com verdadeiros montes de frutos, no entanto
Sem cheiro nem sabor.
E intermináveis filas de carros
Mais leves que suas próprias sombras, mais rápidos
Que pensamentos tolos, automóveis reluzentes, nos quais
Gente rosada, vindo de lugar nenhum, vai a nenhum lugar.
E casas construídas para pessoas felizes, portanto vazias
Mesmo quando habitadas.
Também as casas do inferno não são todas feias
Mas a preocupação de serem lançados na rua
Consome os moradores das mansões não menos que
Os moradores dos barracos

Sobre a mudança da humanidade

Sobre a mudança da humanidade para as grandes cidades no início do terceiro milênio

Muitos dizem que esse tempo é velho
Mas eu sempre soube que é um novo tempo
Eu lhes digo: não é por si mesmas
Que há vinte anos as casas nascem como montanhas de minério
Muitos mudam-se a cada ano para as cidades como se esperassem algo
E nos continentes risonhos
Fala-se que o grande e temido mar
É uma poça de água.

Eu morro hoje, mas tenho a certeza
De que as grandes cidades esperam agora o terceiro milênio
Ele começa, não há como detê-lo, hoje mesmo
Precisa apenas de um cidadão, e um único homem
Ou mulher basta.

É certo que muitos morrem nas reviravoltas
Mas o que significa um indivíduo ser esmagado por uma mesa
Quando as cidades se juntam:
Esse novo tempo dura talvez apenas quatro anos
Ele é o mais elevado que a humanidade recebe
Em todos os continentes vêm-se homens estrangeiros
Os infelizes não mais são tolerados, pois
Ser homem é uma grande coisa.
A vida será considerada muito curta.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Sobre a Violência

A corrente impetuosa é chamada de violenta
Mas o leito do rio que a contem
Ninguém chama de violento.
A tempestade que faz dobrar as bétulas
É tida como violenta
E a tempestade que faz dobrar
Os dorsos dos operários na rua?

Sobre vitalidade

1.

O principal é a vitalidade
Que depois de aguardente está em alta
Mulher sadia e moça é uma maldade
P'ra vitalidade, que ela quer sem falta

2.

P'ra a cama com as mulheres levai chicote
Se se enroscam em desconformidade!
Ao ar livre também dá: e sem fricote
Com a necessária vitalidade.

3.

A vitalidade também opera
No anjo mais tolo. A vitalidade.
Que de bruços deitado, como fera
Coisas extremas suplicar-vos há-de.

4.

Nem alma, nem carácter são o lema
da vitalidade, ou alavanca
É antes a cara de trás o tema
E a mulher como potranca.

5.

A vitalidade é puro animal
A vitalidade dá-se à boa vida.
É desenfreada. Por exemplo, Baal
Era uma pessoa desabrida.

(Por isso rogo a Deus, à saciedade
Por vitalidade.)

(in «*Da Sedução — Poemas Eróticos*»,
com gravuras de Pablo Picasso,

Tradução de Aires Graça,
Editorial Bizâncio, 2004)

Sócrates ferido

*Dedicado a Georg Kaiser**

Sócrates, o filho da parteira, que nos seus diálogos com tanta perícia e por entre piadas tão contundentes levava os amigos a darem à luz pensamentos escorreitos, e que assim os presenteava com os próprios filhos, em vez de, como outros professores, os aldrabar com bastardos, era tido não só como o mais sábio de todos os Gregos, mas também como um dos mais corajosos. A fama da sua coragem afigura-se-nos inteiramente justificada quando lemos em Platão com quanto brio e bom humor ele esvaziou a taça de cicuta que as autoridades finalmente o obrigaram a beber em paga dos serviços prestados aos seus concidadãos. Alguns dos seus admiradores, porém, consideraram necessário fazer igualmente referência à sua valentia no campo de batalha. Ele participou efectivamente na batalha que teve lugar junto de Delion, incorporado na infantaria ligeira, pois quer a sua posição — social ele era sapateiro —, quer os seus rendimentos — Sócrates era filósofo — impediam a sua aceitação nas armas mais nobres e caras. A sua coragem, porém, como se pode imaginar, era de um género muito especial.

Sócrates preparara-se o melhor possível na manhã da batalha para o sangrento acontecimento mastigando cebolas, o que espicaçava a intrepidez na opinião dos soldados. O seu cepticismo em relação a muitos domínios inclinava-o para a credulidade relativamente a outras áreas; era contrário à especulação e a favor da experiência prática, pelo que não acreditava nos deuses, mas sim nas cebolas.

Infelizmente, não sentiu qualquer efeito, pelo menos imediato, e foi com ar sombrio ocupar o seu lugar num contingente de soldados armados com espadas que marchavam em passo de ganso para o seu posto algures num restolhal. Atrás e à frente dele tropeçavam rapazes atenienses dos subúrbios, que lhe chamaram a atenção para o facto dos escudos dos arsenais atenienses serem demasiado pequenos para gente gorda como ele. Ocorrera-lhe a mesma idéia, simplesmente para ele tratava-se de pessoas “fortes” aquelas a quem os escudos, ridiculamente pequenos, não chegavam a proteger metade do corpo.

A troca de idéias entre o homem que seguia à sua frente e o soldado da sua retaguarda sobre os lucros que os grandes armeiros obtinham com escudos tão exíguos foi interrompida por uma voz de comando: “Acampar.”

Os homens sentaram-se no chão de restolho, e um capitão repreendeu Sócrates porque este procurara sentar-se em cima do escudo. Mais do que a descompostura, inquietou-o a voz abafada com que ela foi feita. Parecia suspeitar-se de que o inimigo estivesse nas proximidades.

Uma neblina matinal leitosa impedia qualquer vista. No entanto, o ruído de passos e o tinir de armas indicavam que havia gente na planície.

Sócrates recordou com profundo desprazer uma conversa que tivera na noite anterior com um jovem nobre, que ele tinha encontrado uma vez atrás dos bastidores e que era oficial de cavalaria.

“Um plano excelente!”, explicara o toleirão. “A infantaria dispõe-se simplesmente no terreno e limita-se a agüentar sem voltar a cara ao inimigo. Entretanto, a cavalaria avança pelo terreno baixo e ataca-o pelas costas.”

O terreno baixo devia ficar muito para a direita, algures no nevoeiro. Por ali avançava agora a cavalaria.

O plano afigurara-se bom a Sócrates, ou pelo menos não lhe parecera mau.

Faziam-se sempre planos, especialmente quando se era inferior em número ao inimigo. Na realidade, combatia-se simplesmente, ou seja, tudo a monte. E não se avançava para onde o plano prescrevia, mas para onde o inimigo o consentia.

Agora, à claridade da manhã, o plano afigurou-se a Sócrates de uma indigência completa. Que significado poderia ter: a infantaria agüenta o embate do inimigo? De uma maneira geral, já se ficava contente se se conseguia esquivar um golpe, mas agora a arte estaria toda em apará-lo! Era muito mau que o general fosse ele próprio um cavaleiro.

Não havia no mercado cebolas suficientes para as necessidades do homem comum.

E como era pouco natural, em vez de ficar na cama, encontrar-se ali tão cedo no meio de um descampado sentado sobre o chão nu, com pelos menos cinco quilos de ferro em cima do corpo e uma faca de guerra na mão! Era justo que se defendesse a cidade no caso desta ser atacada, pois de outro modo ficava-se exposto a grandes contrariedades; mas porque é que a cidade estava a ser atacada? Porque os armadores, os proprietários de vinhas e os traficantes de escravos da Ásia Menor se tinham metido com os armadores, os proprietários de vinhas e os traficantes de escravos persas! Um lindo motivo!

Subitamente todos ficaram como que paralisados.

Da esquerda da neblina chegou-lhes uma vozearia abafada, acompanhada de uma sonoridade metálica. O ruído propagava-se a grande velocidade. Tinha começado o ataque do inimigo.

O contingente militar pôs-se de pé. Olhos desorbitados tentavam perfurar a bruma. A dez passos dali um homem caiu de joelhos murmurando o nome dos deuses. A invocação vinha tarde de mais, afigurou-se a Sócrates.

De repente, como uma resposta, ecoou da direita uma gritaria medonha. O grito de socorro parecia transformar-se num grito de agonia. Sócrates viu sair pelo ar da névoa uma haste de ferro. Um dardo!

Assomaram então, indistintas na bruma, formas maciças: os inimigos.

Sócrates, dominado pela impressão de que talvez já tivesse esperado tempo demasiado, voltou-se com dificuldade e desatou a correr. A couraça e as

pesadas caneleiras estorvavam-no consideravelmente. Eram bem mais perigosas do que os escudos, pois não se podiam atirar fora.

Ofegante, o filósofo corria por sobre o restolhal. Oxalá os valentes rapazes que ele deixara para trás agüentassem o embate por algum tempo.

Subitamente, trespassou-o uma dor diabólica. A planta do pé esquerdo ardia-lhe de uma maneira insuportável. Deixou-se cair no chão com um gemido, mas logo se tornou a erguer com novo grito de dor. Lançou à sua volta um olhar espavorido e compreendeu tudo.

Fora dar a um campo de espinhos! Era um emaranhado de sebes baixas com espinhos muito aguçados. Um deles cravara-se-lhe no pé. Cautelosamente, com lágrimas nos olhos, procurou um sítio no chão onde se pudesse sentar. Apoiando-se no pé são, coxeou alguns metros em círculo até que se sentou pela segunda vez. Tinha de arrancar imediatamente o espinho.

Tenso, apurou o ouvido para escutar o fragor da batalha: o ruído espriara-se bastante pelas duas alas, mas em profundidade estaria pelo menos a cem passos de distância. Ainda assim, parecia aproximar-se, lenta mas inconfundivelmente.

Sócrates não conseguia suportar a sandália. O espinho perfurara a fina sola de couro e penetrara profundamente na carne. Como era possível que fornecessem sapatos com solas tão finas aos soldados que tinham o dever de defender a pátria contra o inimigo! Cada solavanco na sandália era seguido de uma dor lancinante. Cansado, o pobre homem deixou cair os ombros sólidos. O que fazer?

Os seus olhos turvos repararam na espada que lhe pendia no flanco. Uma idéia atravessou-lhe o cérebro, mais oportuna do que qualquer outra que lhe tivesse ocorrido numa discussão. Poderia utilizar-se a espada como um canivete? Pegou na espada.

Nesse instante, ouviu passos abafados. Um pequeno destacamento irrompeu pelas brenhas. Louvados sejam os deuses, eram dos nossos! Os homens, ao avistá-lo, ficaram alguns segundos parados. “É o sapateiro”, ouviu-os ele dizerem. Seguiram depois o seu caminho.

À esquerda deles, porém, ouvia-se também agora barulho. E ali ressoavam vozes de comando numa língua estrangeira. Os persas!

Sócrates tentou pôr-se novamente de pé, ou seja, sobre a perna direita. Apoiou-se na espada, que era no entanto um pouco curta para o efeito. E viu então, à esquerda, emergir na clareira uma multidão de combatentes. Ouviu gemidos e o golpear embotado de ferro sobre ferro ou couro.

Desesperado, pulou para trás sobre o pé são. Com um estalido, firmou-se novamente no pé ferido e sucumbiu com um gemido. Quando a turba de combatentes, que não era numerosa, talvez uns vinte ou trinta homens, se encontrava a poucos passos de distancia, estava o filósofo sentado sobre o traseiro entre dois arbustos espinhosos, contemplando indefeso o inimigo.

Era-lhe impossível mover-se. Tudo era preferível a ter de experimentar uma vez mais aquela dor no joanete. Não sabia o que fazer, e desatou de repente a gritar.

Mais rigorosamente, ouviu-se a si gritando. Ouviu-se a si gritando como uma trompa com todas as forças do tórax potente:

— Aqui, terceira divisão! Dêem-lhes com força, rapazes!

E ao mesmo tempo viu-se a empunhar a espada e a fazê-la girar em círculo à sua volta, já que lhe aparecera pela frente, saído das brenhas, um soldado persa com uma lança.

A lança voou para um dos lados e arrastou consigo o homem.

E Sócrates ouviu-se a gritar pela segunda vez e a dizer:

— Não recuem nem mais um passo, rapazes! Temo-los agora onde queríamos que eles estivessem, os filhos de um cão! Krapolus, para a frente com a sexta! Nullos, para a direita! Eu faço em pedaços aquele que recuar!

Viu com espanto junto de si dois dos nossos que o fitavam embasbacados. “Gritem”, disse ele em voz baixa, “gritem, pelo amor de Deus!”

Um deixou pender a maxila com o susto, mas o outro começou efectivamente a gritar qualquer coisa. E o persa que estava diante deles ergueu-se a custo e correu em direcção às brenhas.

Pela clareira avançavam aos tombos uma dúzia de homens exaustos. Os gritos tinham levado os persas a pôr-se em fuga, receosos de uma emboscada.

— O que se passa aqui? — perguntou um dos compatriotas de Sócrates, que continuava sentado no chão.

— Nada — disse este. — Não fiquem aí espedados a olhar para mim. Será melhor que corram de um lado para o outro a dar ordens, para que do outro lado não se apercebam de que somos muito poucos.

— Melhor do que isso será recuarmos — retorquiu o homem hesitando.

— Nem um passo sequer — protestou Sócrates. — Acaso sois poltrões?

E como não basta aos soldados ter medo, também precisam de sorte, ouviu-se de repente muito longe, mas distintamente, um tropel de cavalos e gritos selvagens, e estes em grego! E sobejamente conhecida a derrota esmagadora que os Persas sofreram nesse dia. Ela pôs termo à guerra.

Quando Alcibíades, à cabeça da cavalaria, chegou ao campo de espinhos, avistou um bando de soldados de infantaria que levavam em ombros um homem gordo.

Detendo o cavalo, reconheceu Sócrates, e os soldados explicaram-lhe depois que ele conseguira evitar a debandada das fileiras desmoralizadas com o exemplo da sua resistência inabalável.

Levaram-no em triunfo até ao trem. Ali, instalaram-no, apesar dos seus protestos, num dos carros da forragem e assim foi conduzido até à capital, rodeado por um soldadesca suada e que gritava de excitação.

Levaram-no em ombros até à sua modesta casa.

Xantipa, a sua mulher, preparou-lhe uma sopa de feijão. Ajoelhada em frente do fogão e aticando o lume com as bochechas cheias, ela olhava de vez em quando na direcção dele. Ele continuava sentado na cadeira onde os seus camaradas o tinham posto.

— O que é que passou “contigo”? — perguntou ela, desconfiada.

— Comigo? — murmurou ele. — Nada.

— Que palavreado é esse então sobre os teus feitos heróicos? — quis ela saber.

— Exageros — disse ele. — Ela tem um cheiro excelente.

— Como pode ela cheirar, se eu ainda não ateei o lume? Tornaste a fazer figura de bobo, não é assim? — disse ela encolerizada. — Amanhã, terei outra vez de enfrentar a risota, quando for comprar pão.

— Não fiz qualquer figura de bobo. Bati-me.

— Estavas bêbedo.

— Não. Eu consegui detê-los, quando eles recuavam.

— Tu nem sequer és capaz de te agüentar em pé — retorquiu ela erguendo-se,

pois o fogo já pegara. — Passa-me o salteiro da mesa.

— Não sei — disse ele lentamente e com ar pensativo —, não sei se não será preferível que eu não coma nada. Estou um tanto indisposto do estômago.

— O que tu estás é bêbedo, digo-te eu. Tenta pôr-te de pé e andar pelo quarto, e logo veremos.

A injustiça dela exasperava-o. Mas ele não queria de modo algum levantar-se e mostrar-lhe assim que não podia andar. Ela era de uma esperteza medonha quando se tratava de descobrir qualquer coisa que lhe fosse desfavorável. E ser-lhe-ia prejudicial se se tornasse conhecida a razão mais profunda da sua firmeza durante a batalha.

Ela continuou a ocupar-se da panela junto do fogão, dizendo-lhe ao mesmo tempo o que pensava que teria acontecido.

— Estou convencida que os teus belos amigos te voltaram a arranjar uma sinecura bem na retaguarda, junto da cozinha de campanha. Tudo o que aí se faz é candonga.

Ele espreitou para a rua, com ar preocupado, pela fresta da janela; por ali vagueava uma multidão empunhando lampiões brancos a festejar a vitória. Os seus amigos nobres não lhe tinham proposto isso, e ele próprio o não teria aceite, pelo menos não sem outras condições.

— Ou acharam perfeitamente natural que o sapateiro marchasse juntamente com os outros? Eles não mexem um dedo por ti. Ele é sapateiro, dizem eles, e sapateiro deve continuar a ser. Como poderemos de outro modo procurá-lo na sua pocilga, cavaquear com ele horas a fio e ouvir toda a gente dizer: Vejam lá como, apesar dele ser sapateiro, estes senhores finos se sentam em casa dele e conversam com ele sobre filosofia. Uma canalha suja.

— Chama-se filafobia — emendou ele.

Ela lançou-lhe um olhar carrancudo.

— Não estejas sempre a corrigir-me. Eu sei que não tenho instrução. Se assim não fosse, não terias ninguém que te trouxesse de vez em quando uma bacia com água para lavares os pés.

Ele estremeceu, não fosse ela lembrar-se disso agora.

Era impensável, hoje, qualquer lavagem de pés.

Graças aos deuses, já ela prosseguia o seu pequeno discurso:

— Portanto, tu não estavas bêbedo e eles também não te arranjaram qualquer sinecura. Deves ter procedido então como um carneiro. Não é verdade que tens as mãos sujas de sangue? Mas quando eu esmago uma aranha, tu pões-te logo a gritar. Não que eu acredite que tenhas estado à altura dos acontecimentos, mas lá terás feito qualquer coisa pela calada para que eles te dêem agora pancadinhas nas costas. Mas podes estar certo de que eu hei-de sabê-lo, não tarda muito.

A sopa estava agora pronta a ser servida. Tinha um cheiro tentador. A mulher pegou na panela, segurando-a pelas asas com a saia, pô-la em cima da mesa e começou a servir a sopa com a colher.

Ele reflectiu sobre se não deveria recuperar o apetite. A idéia de que se teria de aproximar da mesa deteve-o a tempo.

Não se sentia bem. Sentia claramente que o assunto ainda não estava resolvido. Por certo que nos tempos mais próximos iria acontecer muita coisa desagradável. Não se podia ter um papel decisivo numa batalha contra os Persas e esperar que nos deixassem em paz. Agora, no primeiro júbilo da vitória, era natural que não se desse atenção a quem cabiam os méritos. Todos estavam inteiramente ocupados em apregoar os seus próprios feitos gloriosos. Mas amanhã ou depois de amanhã cada um havia de ver que o seu companheiro reivindicava para si próprio toda a glória, e seria então a altura de se lembrarem dele. Muitos poderiam assim cortar na casaca a muitos, ao apresentarem o sapateiro como o autêntico e principal herói. Em todo o caso, não eram lá muito afeiçoados a Alcibíades. Lançar-lhe-iam em rosto deliciados: Tu venceste a batalha, mas foi um sapateiro que combateu até ao fim.

O espinho doía-lhe mais do que nunca.

Se não descalçasse a sandália o mais depressa possível, podia sobrevir uma septicemia.

— Não faças ruído a comer — disse ele distraído.

A mulher imobilizou a colher na boca.

— O que é que eu faço?

— Nada — apressou-se ele a afirmar, atemorizado. — Estava a pensar.

Ela levantou-se fora de si, pôs a panela sobre o fogão e saiu.

Ele teve um suspiro fundo de alívio. Ergueu-se precipitadamente da cadeira e pulou, olhando à sua volta com ar medroso, até à cama. Quando ela entrou de novo a buscar o xaile para sair à rua, olhou com ar desconfiado para a rede de dormir forrada a couro onde ele jazia imóvel. Por momentos, ela pensou

que lhe faltava alguma coisa. Pensou até em perguntar-lho, pois era-lhe muito dedicada. Mas mudou de idéias e saiu do quarto para ir assistir às festividades com a vizinha.

Sócrates dormiu mal e desassossegado e acordou cheio de cuidados. Descalçara a sandália, mas não conseguira agarrar o espinho. O pé estava muito inchado.

A mulher mostrou-se hoje de manhã menos irascível.

Ouvira na noite anterior toda a cidade falar do seu homem. Devia ter efectivamente acontecido alguma coisa para as pessoas estarem assim tão impressionadas. Que ele tivesse conseguido deter toda uma hoste persa é o que não lhe cabia na cabeça. Ele era incapaz de o fazer, pensou ela.

Imobilizar toda uma assembléia com as suas perguntas, isso podia ele fazer.

Mas não um exército. O que se tinha então passado?

Estava tão confundida, que lhe levou à cama o leite de cabra.

Ele não deu sinais de se querer levantar.

— Não queres sair? — perguntou ela.

— Não me apetece — resmungou ele.

Não era resposta que se desse a uma pergunta delicada da esposa, mas ela pensou que ele talvez apenas se quisesse furtar aos olhares das pessoas, e deixou passar a resposta.

De manhã cedo apareceram logo visitas.

Eram dois jovens, filhos de gente abastada, a sua companhia habitual. Tratavam-no sempre como o seu professor, e alguns até iam escrevendo o que ele lhes dizia, como se fosse alguma coisa de especial.

Hoje, informaram-no imediatamente de que a sua fama enchia Atenas. Era uma data histórica para a filosofia (ela estava dentro da razão ao chamar-lhe filosofia, e não outra coisa). Sócrates demonstrara que aquele que é grande na contemplação pode também ser grande na acção.

Sócrates escutou-os sem o habitual ricto irônico. Enquanto eles falavam, era como se ouvisse, ainda muito afastada, como se pode ouvir uma trovoadas distante, uma gargalhada monstruosa — a gargalhada de uma cidade inteira, de todo um país, muito afastada mas aproximando-se, aproximando-se irresistivelmente, contagiando toda a gente, os transeuntes nas ruas, os mercadores e os políticos na praça, os artífices nas suas pequenas lojas.

— É tudo um disparate o que vocês estão para aí a dizer — disse ele com súbita resolução. — Eu não fiz coisa alguma.

Eles entreolharam-se sorrindo. Um deles disse então:

— Exactamente o que nós também dizíamos. Estávamos certos que encararias a coisa dessa maneira. Que súbita gritaria é esta agora, perguntámos a Eusópulos em frente dos ginásios. Durante dez anos Sócrates realizou as maiores proezas do espírito e não houve alguém que se dignasse voltar a cabeça na sua

direcção. Ganhou agora uma batalha, e Atenas em peso fala dele. Não compreende, dissemos-lhe nós, que isto é vergonhoso?

Sócrates gemeu.

— Mas não fui eu que a ganhei. Limitei-me a defender-me porque me atacaram. Esta batalha não me interessava. Eu não sou negociante de armas, nem possuo vinhas nos arredores. Eu não sabia por que razão devia participar em batalhas. Segui juntamente com gente simples dos arredores que não está nada interessada em batalhas e fiz exactamente o que todos eles também fizeram, quando muito alguns instantes antes deles.

Eles ficaram como que siderados.

— É bem verdade — exclamaram —, nós também dissemos isso. Ele nada mais fez do que defender-se. É essa a sua maneira de ganhar batalhas. Permite que nos apressemos a regressar aos ginásios. Deixámos interrompido um diálogo sobre este assunto, apenas para te virmos dar os bons-dias.

E afastaram-se, voluptuosamente concentrados no diálogo. Sócrates estava deitado em silêncio, apoiado no cotovelo e olhava para o tecto enegrecido pelo fumo. Sentia-se confirmado nos seus pressentimentos mais sombrios.

A mulher espiava-o do canto do quarto, enquanto remendava mecanicamente uma saia velha.

Subitamente, disse em voz baixa:

— Aí há coisa, não é verdade?

Ele estremeceu. Olhou-a inseguro.

Era uma criatura gasta, com um peito que mais parecia uma tábua e olhos tristes. Ele sabia que podia confiar nela. Ela seria capaz de o ajudar, quando os seus alunos comessem a dizer: Sócrates? Não é esse sapateiro perverso que não acredita nos deuses? Ela tivera pouca sorte com ele, mas não se queixava a ninguém a não ser a ele. E não se passara ainda uma noite sem que o não aguardasse em cima da cornija uma fatia de pão com toucinho, quando ele regressava esfomeado de casa dos seus abastados discípulos.

Interrogava-se sobre se haveria de contar-lhe tudo. Ocorreu-lhe depois que, nos tempos mais próximos, teria de dizer na presença dela muita coisa falsa e hipócrita, quando as pessoas o viessem procurar, como ainda há pouco, para falarem dos seus feitos heróicos, o que ele não seria capaz de fazer se ela soubesse a verdade, pois tinha por ela o maior respeito. Limitou-se, assim, a dizer:

— A sopa de feijão fria de ontem à noite fede que tresanda.

Ela apenas lhe lançou um novo olhar desconfiado.

É evidente que eles não estavam em situação de desperdiçar comida. Ele apenas procurava desviar-lhe a atenção. Cresceu nela a convicção de que alguma coisa se passava com ele. Porque é que ele não se levantava? E certo que se levantava sempre tarde, mas isso é porque também se deitava tarde. Ontem tinha ido para a cama muito cedo. E hoje a cidade inteira estava a pé, por causa dos festejos da vitória. Todas as lojas da viela estavam fechadas. Parte da cavalaria regressara de perseguir o inimigo pelas cinco horas da madrugada — ouvira-se o

tropel dos cavalos. Aglomerações de pessoas eram uma das paixões dele. Nesses dias ele corria de um lado para outro desde manhãzinha até muito tarde e metia conversa em toda a parte. Porque é que agora não se levantava?

Uma sombra cobriu a porta e entraram quatro magistrados. Imobilizaram-se no meio do quarto e um deles disse, com palavras frias mas corteses, que fora encarregado de conduzir Sócrates ao Areópago. O general Alcibiades em pessoa apresentara a proposta para que lhe fosse feita uma homenagem pelos seus feitos públicos.

Um murmúrio que chegava da rua indicava que os vizinhos se apinhavam diante da casa.

Sócrates sentiu-se inundado de suor. Sabia que tinha agora de se levantar e, mesmo que se recusasse a acompanhá-los, tinha ao menos de proferir de pé algumas palavras atenciosas e de acompanhar os senhores até à porta. E também sabia que não conseguiria movimentar-se mais do que uns dois passos. Eles olhariam então para o seu pé e ficariam a saber tudo. E a grande gargalhada começaria a fazer-se ouvir, aqui e agora.

Por conseguinte, em vez de se levantar, reclinou-se na almofada dura e disse

mal-humorado:

— Dispensó quaisquer homenagens. Dizei ao Areópago que combinei encontrar-me com alguns amigos às onze horas para discutirmos um problema filosófico que nos interessa, pelo que com grande pena minha não posso comparecer. Eu não sirvo para cerimônias oficiais e, além disso, sinto-me demasiado cansado.

Acrescentou a última frase, pois aborrecia-o ter comprometido a filosofia; proferira a primeira por esperar ver-se livre deles mais facilmente com uma grosseria.

Os magistrados perceberam a sua linguagem. Rodaram nos calcanhares e saíram pisando os pés dos populares que se aglomeravam da parte de fora.

— Eles hão-de-te ensinar a ser educado com as autoridades — disse-lhe a mulher irritada, antes de se dirigir para a cozinha.

Sócrates esperou que eles saíssem, virou depois na cama o corpo pesado, sentou-se na beira da rede olhando de soslaio para a porta e tentou com infinitos cuidados pôr-se de pé sobre o pé doente. Todos os esforços foram inúteis.

Alagado em suor, deixou-se cair para trás.

Passou meia hora. Pegou num livro e pôs-se a ler. Se mantinha o pé quieto, quase não sentia nada.

Chegou então o seu amigo Antístenes.

Não tirou o espesso capote, parou aos pés da cama sem se sentar, tossiu convulsivamente e coçou a barba hirsuta junto ao pescoço, ao mesmo tempo que olhava para Sócrates.

— Ainda estás deitado? Pensava que vinha encontrar apenas Xantipa. Levantei-me expressamente para vir saber de ti. Estava muito constipado, pelo que não pude aparecer ontem.

— Senta-te — disse Sócrates laconicamente.

Antístenes foi buscar uma cadeira a um canto e sentou-se junto do amigo.

— Retomo hoje à tarde as lições. Não há motivo para as suspender por mais tempo.

— Não há.

— Perguntei-me, naturalmente, se eles viriam. Hoje são os grandes banquetes. No entanto, quando me dirigi para cá, encontrei o jovem Feston, e quando lhe comuniquei que dava uma aula de álgebra hoje à tarde, ele ficou simplesmente entusiasmado. Disse-lhe que ele podia vir com o capacete. Protágoras e os outros vão estojar de raiva quando souberem que em casa de Antístenes se continuou a estudar álgebra na tarde a seguir à batalha.

Sócrates baloiçava-se suavemente na rede, impelindo-a com a palma da mão apoiada na parede ligeiramente inclinada. Com os seus olhos salientes examinava o amigo.

— Não encontrei mais ninguém?

— Uma quantidade de gente.

Sócrates olhou mal disposto para o tecto. Devia ele servir vinho puro a Antístenes? Tinha bastante confiança nele. Ele próprio não se fazia pagar pelas lições, e não era assim um concorrente de Antístenes. Talvez lhe devesse contar a difícil verdade.

Antístenes fixou no amigo, com ar curioso, os seus brilhantes olhos de grilo e informou:

— Górgias anda por aí a contar a quem o queira ouvir que tu te puseste em fuga, mas que com a confusão tomaste a direcção errada, ou seja, para a frente. Alguns dos melhores jovens já querem por isso dar-lhe uma sova.

Sócrates fitou-o desagradavelmente surpreendido.

— Absurdo — disse ele irritado. Tornava-se-lhe subitamente claro o que os seus adversários poderiam alegar em seu desfavor, quando ele definisse a sua posição.

Durante a noite, pela madrugada, pensou que talvez pudesse apresentar a coisa como uma experiência e afirmar que tinha querido certificar-se de como era grande a credulidade de todos. “Durante vinte anos preguei o pacifismo por todas as travessas, e bastou um boato para que os meus próprios discípulos me tomem por um guerreiro feroz, etc., etc.” Mas para isso era preciso não ter ganho a batalha. Evidentemente não era esta a melhor altura para o pacifismo. Depois de uma derrota, até os chefes eram durante algum tempo pacifistas; depois de uma vitória, até os subordinados se mostram partidários da guerra, pelo menos por algum tempo, até se aperceberem de que para eles vitória ou derrota não são muito diferentes. Não, ele não podia agora dar-se ao luxo de alardear pacifismo.

Ouviu-se na ruela um tropear de cavalos. Os cavaleiros pararam diante da casa, e Alcibíades entrou com passo vivo.

— Bom dia, Antístenes, como vai o negócio da filosofia? Eles estão furiosos — disse ele radiante. — A tua resposta, Sócrates pô-los fora de si no Areópago. Por chalaça, substituí a minha moção para que te fosse concedida a coroa de louros pela proposta de te administrarem cinqüenta bastonadas. O que os deixou naturalmente embatucados, de tal modo correspondia ao estado de espírito deles. Mas tu tens de vir. Iremos os dois, a pé.

Sócrates suspirou. Estava em muito boas relações com o jovem Alcibíades. Tinham muitas vezes bebido juntos. Era um gesto simpático da parte dele o ter vindo procurá-lo. Certamente que não o movia apenas o desejo de escandalizar o Areópago. E mesmo este desejo era honroso para ele e merecia ser apoiado. Disse por fim com prudência, continuando a baloiçar-se na rede de dormir:

— Pressa é o nome do vento que derruba o andaime. Senta-te.

Alcibíades riu e aproximou uma cadeira. Antes de se sentar, cumprimentou respeitosamente Xantipa, que estava de pé junto à porta da cozinha enxugando na saia as mãos molhadas.

— Vocês, filósofos, são uns tipos cômicos — disse ele com alguma impaciência. — Talvez te lastimes já por teres ajudado a ganhar a batalha. Por certo que Antístenes já te chamou a atenção para o facto de não existirem razões suficientes que o justificassem?

— Estivemos a falar de álgebra — apressou-se a dizer Antístenes e tossiu de novo.

Alcibíades teve um sorriso irônico.

— Não esperava outra coisa. Mas para quê fazer um grande barulho por causa disso? Quanto a mim, foi apenas valentia. Se quiserem, nada de especial, mas o que terão de especial um punhado de folhas de louro? Cerra os dentes, e suporta a coisa com paciência, meu velho. Passa num instante e não dói. E depois vamos beber.

Olhou com curiosidade para a forma dilatada que agora oscilava energicamente na rede.

Sócrates reflectiu depressa. Ocorrera-lhe o que podia dizer. Podia dizer que ontem à noite ou hoje de manhã tinha torcido o pé. Por exemplo, no momento em que os soldados o baixaram dos ombros. O que até tinha a sua piada. O acidente demonstrava como através das homenagens dos concidadãos se pode ser prejudicado.

Continuando a balouçar-se, curvou-se para a frente de modo a ficar sentado direito, coçou com a mão direita o braço esquerdo desnudado, e disse lentamente:

— O caso passou-se assim. O meu pé...

Ao proferir esta palavra, o seu olhar, algo incerto, procurou Xantipa que estava junto à porta da cozinha, pois ia agora dizer a primeira verdadeira mentira relacionada com este assunto; até agora tinha-se limitado a ficar calado.

Sócrates não conseguiu falar. Passou-lhe de repente a vontade de expor a sua história. Não tinha torcido o pé.

A rede de dormir imobilizou-se.

— Escuta, Alcibíades — disse ele energicamente, com uma nova vivacidade na voz. — Não se pode falar de valentia neste caso. Mal a batalha principiou, ou seja, assim que vi aparecer os primeiros persas, deitei logo a fugir, e fi-lo na direcção certa, para trás. Mas meti por um campo de cardos. Um espinho cravou-se-me no pé e não pude ir mais longe. Desferi então golpes à minha volta como um selvagem e por pouco não atingi alguns dos nossos. Desesperado, pus-me a gritar ordens para outras divisões, para que os Persas acreditassem que elas se encontravam ali, o que era absurdo, já que eles não entendem grego. Por outro lado, parece que eles também estavam extremamente nervosos. Talvez não conseguissem suportar mais a gritaria, depois de tudo o que tiveram de sofrer durante a ofensiva. Hesitaram alguns instantes, e depois apareceu a nossa cavalaria. E é tudo.

Fez-se um grande silêncio no quarto durante alguns segundos. Alcibíades olhou-o fixamente. Antístenes tossiu por trás da mão erguida, desta vez com toda a naturalidade. Da porta da cozinha, onde se encontrava Xantipa, ecoou uma sonora gargalhada.

Antístenes disse então secamente:

— Por essa razão não podias ir até ao Areópago e subir as escadas a coxear para receberes a coroa de louros. Compreendo.

Alcibíades reclinou-se na cadeira e observou semicerrando os olhos o filósofo deitado na rede. Nem Sócrates nem Antístenes levantaram os olhos para ele.

Curvou-se para a frente e agarrou com as mãos um dos joelhos. O seu rosto magro de rapaz estremeceu um pouco, mas nada revelou dos seus pensamentos ou dos seus sentimentos.

— Porque não disseste que tinhas outra ferida qualquer? — perguntou ele.

— Porque tenho um espinho cravado no pé — retorquiou Sócrates desabridamente.

— Oh! por isso? — contestou Alcibíades. — Compreendo.

Levantou-se de um salto e aproximou-se do catre.

— É pena que eu não tivesse trazido comigo a minha própria coroa. Dei-a a guardar a um dos meus homens. Senão dar-ta-ia agora. Podes acreditar que te considero bastante corajoso. Não conheço ninguém que, nestas circunstâncias, tivesse contado o que tu acabas de contar.

E apressou-se a sair.

Quando Xantipa lhe lavava os pés e lhe arrancou o espinho, disse mal-humorada:

— Podia ter provocado uma septicemia.

— Pelo menos — retorquiou o filósofo.

(*) O episódio do espinho fora já apresentado por Georg Kaiser no seu drama “Der gerettete Alkibiades”.

In “Histórias de Almanaque”

Soube

Soube que
Nas praças dizem de mim que durmo mal
Meus inimigos, dizem, já estão assentando casa
Minhas mulheres põem seus vestidos bons
Em minha ante-sala esperam pessoas
Conhecidas como amigas dos infelizes.
Logo
Ouvirão que não como mais
Mas uso novos ternos
Mas o pior é: eu mesmo
Observo que me tornei
Mais duro com as pessoas.

Também o céu

Também o céu às vezes desmorona
E as estrelas caem sobre a terra
Esmagando-a com todos nós.
Isto pode ser amanhã.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Tempos sombrios

Realmente, vivemos tempos sombrios!
A inocência é loucura.
Uma fronte sem rugas
denota insensibilidade.
Aquele que ri
ainda não recebeu a terrível notícia
que está para chegar.
Que tempos são estes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes,
pois implica em silenciar
sobre tantos horrores.

Toma o teu lugar na mesa

Toma o teu lugar na mesa, foste tu que a puseste.
A partir de hoje vestirá o vestido aquela que o coseu.
Hoje ao meio dia em ponto
Começa a idade de oiro.

Nós vamos inaugurar-la por sabermos que
Estais fartos de construir casas
Que jamais habitas. Queremos crer
Que doravante ireis comer o pão que cozestes.

Mãe, que o teu filho coma.
A guerra foi anulada. Pensamos que isso
Seria melhor para ti. Porque, dissemos com os nossos botões,
Adiar ainda mais a idade de ouro?
Nós não somos eternos.

(in «*Poemas*»,
Seleção e estudo de Arnaldo Saraiva,
Coleção Forma, Editorial Presença, 1973)

Trezentos cules assassinados

Trezentos cules assassinados depõem a uma internacional

Um telegrama de Londres diz: “300 cules, que haviam sido aprisionados pelas tropas do Exército Branco chinês e deveriam ser transportados para Ping Chuen em vagões abertos, morreram de fome e frio durante a viagem.”

Gostaríamos de ter ficado em nossas aldeias
Mas isto não nos deixaram.
E uma noite nos vagões nos empurraram.
E nem mesmo arroz pudemos trazer.

Num vagão fechado não pudemos viajar
Precisavam deles para os bois, que não suportam o frio.
E porque o agasalho nos fizeram tirar
Sofremos bastante com o vento, no caminho.

Muitas vezes perguntamos para quê nos queriam.
Os soldados que nos guardavam, porém, nada sabiam.
Disseram que soprássemos as mãos para não enrijecer.
Nosso destino nunca pudemos saber.

Na última noite paramos frente aos portões de um forte.
Ao perguntar quando entraríamos, disseram: a qualquer momento.
Era o terceiro dia. Durante a noite congelamos até a morte.
Faz muito frio para gente pobre neste nosso tempo.

Um homem pessimista

Um homem pessimista

É tolerante.

Ele sabe deixar a fina cortesia desmanchar-se na língua

Quando um homem não espanca uma mulher

E o sacrifício de uma mulher que prepara café para
seu amado

Com pernas brancas sob a camisa —

Isto o comove.

Os remorsos de um homem que

Vendeu o amigo

Abalam-no, a ele que conhece a frieza do mundo

E como é sábio

Falar alto e convencido

No meio da noite.

Visão no branco

Salmos

1.

À noite acordo banhado em suor com uma tosse que me aperta a garganta.
Meu quarto é muito pequeno. Está cheio de arcanjos.

2.

Eu sei: amei demais. Enchi corpos demais, usei muitos céus cor de laranja.
Devo ser exterminado.

3.

Os corpos brancos, os mais brancos entre eles, roubaram-me o calor,
afastaram-se gordos de mim. Agora sinto frio.
Cobrem-me com muitas camas, eu sufoco.

4.

Desconfio que vão querer me fumigar com incenso.
Meu quarto está inundado de água benta.
Eles dizem que eu sofro de gota de água benta. E isso é mortal.

5.

Minhas amadas me trazem um pouco de cal nas mãos que eu beije.
Chega a conta dos céus laranja, dos corpos e do resto. Não posso pagar.

6.

Melhor morrer. Eu me reclino. Fecho os olhos. Os arcanjos aplaudem.

Tradução de *Paulo César de Souza*

Vou-lhes dizer

Eu me dizia: pra que falar com eles?
Se compram o saber, é pra revendê-lo.
O que querem, é encontrar o saber bem barato
Para que eles possam revendê-lo com lucro.
Então por quê eles quereriam saber daquilo que vai
contra a lei da oferta e da procura?

Eles querem vencer, e não se interessam
por aquilo que prejudica a vitória.
Eles não querem ser oprimidos,
querem oprimir.
Eles não querem o progresso,
querem ser os primeiros.

Eles se submetem a qualquer coisa, contanto
que se lhes prometa que eles farão a lei.
Eles se sacrificam
pra que não se ponha abaixo
o altar dos sacrifícios.

Eu pensei: o que eu vou dizer a eles?
E depois decidi: é isso que eu vou dizer.